

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – PPGCS

CLÁUDIO MORAIS DE SOUZA

PARA ALÉM DOS MECANISMOS DE PREÇO: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO
MERCADO 'ESPAÇO AGROEOLÓGICO DAS GRAÇAS' - RECIFE/PE

Campina Grande

2012

CLÁUDIO MORAIS DE SOUZA

PARA ALÉM DOS MECANISMOS DE PREÇO: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO
MERCADO 'ESPAÇO AGROEOLÓGICO DAS GRAÇAS'- RECIFE/PE

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais, sob a orientação do Prof. Dr. Aldenôr Gomes da Silva.

Campina Grande
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S293p

Souza, Cláudio Morais de.

Para além dos mecanismos de preço: a construção social do mercado 'espaço agroecológico das Graças'-Recife/PE/ Cláudio Morais de Souza – Campina Grande, 2012.

189 p.: il.color.

Referências

Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Aldenor Gomes da Silva

1. Agroecologia. 2. Sociologia Econômica. 3. Solidariedade. I. Título.

CDU 316.32(043)

CLÁUDIO MORAIS DE SOUZA

PARA ALÉM DOS MECANISMOS DE PREÇO: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO
MERCADO 'ESPAÇO AGROEOLÓGICO DAS GRAÇAS'- RECIFE/PE

Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 08 /10/2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Aldenôr Gomes da Silva – Orientador
Professor Visitante Nacional Sênior – PVNS/PPGCS/UFCG

Prof.Dr. Marcelo Domingos Sampaio Carneiro – Examinador Externo
Universidade Federal do Maranhão

Prof^a. Dr^a. Nerize Laurentino Ramos - Examinadora Externa
Universidade Estadual de Capina Grande

Prof. Dr. Roberto Vêras de Oliveira – Examinador Interno
Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Edgard Afonso Malagodi – Examinador Interno
Universidade Federal de Campina Grande

Ao Gabriel e Tais de Souza, pela alegria de ser pai.

À Renata Souza, pela felicidade de nos amarmos.

Aos meus amados pais, Maria Dalva e Manoel

Patrício (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A construção dessa tese demandou muita energia, caminhos e descaminhos que marcaram seu processo de amadurecimento. Os diálogos com amigos e professores foram muitos. Eles contribuíram para que as palavras e as coisas fossem se encaixando ao mesmo tempo em que tantas outras iam se desencaixando. Estas pessoas, muitas vezes, sem que percebessem, ofereciam pistas muito preciosas. Outras, sabendo mesmo do que queriam, identificaram e apontaram caminhos que levaram à concatenação de ideias que estavam dispersas e que me ajudou a construir este trabalho. Por isso, agradecer se torna um ato prazeroso. Sou profundamente grato:

Aos agricultores envolvidos com a produção e comercialização de alimentos da agricultura agroecológica, agroflorestral do Espaço Agroecológico das Graças situado na cidade de Recife/PE. Estes agricultores, de forma muito atenciosa, abriram as portas de suas propriedades para que as visitássemos. Nos deram informações sobre o manejo na produção, sobre a comercialização e sobre suas vidas. Disponibilizaram tempo para poder responder aos questionários e conversar conosco. Sei que fiz novos amigos e que estes agricultores estão construindo uma história muito importante para suas vidas, abrindo perspectivas tanto para o presente quanto para um futuro mais justo, numa sociedade que dialoga com seu contexto social e natural de forma mais sinérgica. Por isso, minha gratidão à Lenir, Jones, Carla, Cláudio, Tereza, Alexandra, Adeildo, Jocilene, Lurdes, Amaro, Bibi, Catonho, seu Biu sanfoneiro, Rafael, Caetano, João, enfim, a todos que fazem o Espaço Agroecológico das Graças.

Ao Marcelino técnico em agropecuária (CODAI/UFRPE), que sempre se mostrou muito atento as nossas conversas sobre a feira, e também sobre os agricultores e a produção.

Ao Jorge, presidente da Agroflor.

À Rubineide, Cristina e Amadeus da Associação de Agricultores e Agricultoras Agroflorestrais Terra e Vida.

Ao Barone e Marcione, respectivamente, presidente e colaboradora da Associação das Famílias Agroecológicas do Distrito de São Severino e seus Arredores - AMA-Terra.

Ao Carlos Eduardo Cavalcanti (Cacá), agrônomo formado pela UFRPE e, sua esposa, Silvia Sabadell da loja virtual Comadre Fulozinha.

À equipe do Centro Sabiá Alexandre Henrique Pires (Coordenador Geral), a Adeildo Fernandes (Coordenador de Articulação Política e técnico Agrícola), a Flávio Duarte formado em Agronomia (UFRPE) e a Luan graduando em Agronomia (UFRPE) e estagiário no Centro Sabiá enfim a todos que foram envolvidos ou que estão envolvidos com a construção e manutenção do Espaço Agroecológico das Graças.

Ao professor Aldenôr Gomes da Silva que assumiu a orientação e que com muita tranquilidade conduziu os trabalhos necessários à execução da tese.

À professora Maria Nazaré Bael Wanderley (UFPE), pelas primeiras orientações generosamente concedidas e pelo apoio, quando foi solicitada a ajudar num dos momentos mais difíceis do meu doutorado.

Ao professor Remo Mustemberg (UFPE), que se mostrou muito compreensivo quando procurado nos momentos difíceis.

À Prof^a Dr^a. Lúcia Marisy R. de Oliveira da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

Ao professor Edgard Afonso Malagodi, pelas conversas e orientações e à Prof^a Dr^a Marilda Menezes, pela acolhida no Programa de Pós - Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande.

Aos professores do PPGCS/UFCG, em especial, Mércia Cristina, Ramonildes Gomes e Ronaldo Sales.

À Jadilma, pelas conversas e contribuições para se ter acesso aos livros e textos que compõem o acervo dos professores com os quais ela trabalhava.

Ao Rinaldo, secretário do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande que sempre foi atento ao dar as informações necessárias ao encaminhamento das questões burocráticas que envolvem a vida acadêmica e que com muito profissionalismo conduz a coisa pública.

À Daniele, Rosiclea e Jussara, servidoras públicas da UFCG.

Aos amigos feitos no curso de doutorado em ciências sociais da UFCG, em especial, Sérgio Correa, Darcon, Vilson César, Robert e Miriam.

À professora e bolsista PRODOC/PVNS, Roseli Corteletti pelas preciosas contribuições, dadas com sua leitura desta tese, pela atenção, paciência e generosidade em seus comentários.

Ao professor Roberto Veras da UFCG que participou da banca do meu seminário de tese e da qualificação, o qual com muito discernimento apontou pontos importantes da tese, sugerindo caminhos e instigando a pesquisa.

À professora Maria José de Sena que me acolheu na Universidade Federal Rural de Pernambuco, pois na época assumia o cargo de Pró-Reitora de Graduação e, hoje, Magnífica Reitora desta IFES.

Aos professores do Departamento de Letras e Ciências Humanas DLCH, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, em especial, Dora, Lima, Marfisa, Celma e Délio, pelo apoio no momento de afastamento das atividades de professor nesta casa. E, ao departamento de Ciências Sociais DECISO/UFRPE, pela compreensão desse período de curso de doutorado, especialmente aos professores João Moraes, Fabio Bezerra, Grázia, Paulo Brito.

Aos técnicos administrativos da UFRPE, Magda, Amil, Marcos, Geraldo.

Aos técnicos da SUGEP e do CPPD, em especial, Jaci, Cida, Érica. Enfim, a todos que fazem a UFRPE.

Ao Prof. Dr. Marcelo Carneiro, do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, onde fiz minha graduação e muitos amigos. Marcelo, por meio de nossas conversas por *e-mail* e telefone, muitas contribuições foram dadas de forma significativa nesta minha empreitada.

À Prof^a. Dr^a. Rosane Pires Batista, pela amizade construída ao longo desses anos e, pela leitura realizada no momento final.

À minha esposa Renata, que ao longo desses quatro anos vem pacientemente contribuindo para a produção desta tese, trocando ideias e dando condições objetivas para a realização da mesma. Juntos, estamos construindo uma família onde os nossos rebentos Tais e Gabriel - são tudo.

Aos meus familiares, minha mãe, meus irmãos Carlos Alberto, Hélio, Cláudia, Geny, Solange, Dalvinha, Luci e Telma, por toda alegria que vivemos juntos.

Às sobrinhas, Cecinha, Rebeca, Rafaela e Talita, assim como, aos sobrinhos Bruno, Caio, Breno e Lucas.

Aos cunhados Roberto, Nado, Rubens, Waldir e Rogério falecido há alguns anos, mas que também faz parte dessa história.

Aos meus sogros Dona Santa e seu Borges, pela convivência.

À minha cunhada Dani, seu marido Josimar e sua filha Gabi, pelo carinho.

À minha cunhada Isabela e seu marido Luciano, que é meu primo, e sua filha Helena, pela convivência desses anos.

Aos meus primos Luciano e Eduardo, por tantos encontros musicais que animaram nossa juventude, em torno dos antigos discos de vinis, que hoje meu filho Gabriel chama de cd gigante.

Aos amigos Oni, Amauri, César, Glauco, Cheri e Silas, que há mais de trinta anos vem construindo uma amizade que se renova a cada dia.

Ao Ivan, Lígia, Paulo dragão e Denis, que com certeza sei que estavam torcendo para que meu doutorado tivesse sucesso.

RESUMO

O presente trabalho analisa o processo de construção social de uma praça de mercado, levado a cabo por associações, ONGs e agricultores dos municípios de Abreu e Lima, área metropolitana ao norte de Recife, Chã Grande no agreste, Gravatá no agreste central e Bom Jardim no agreste setentrional. A feira Espaço Agroecológico das Graças, teve início no dia 16 de outubro de 1997, como parte da comemoração do dia mundial da alimentação, organizada pela AMA Gravatá e O Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá que assessoravam os agricultores na produção de alimentos baseados nos princípios do enfoque agroecológico, que busca construir uma agricultura com o menor impacto possível do homem sobre a natureza, privilegiando assim uma ação mais sinérgica com a mesma. A receptividade desse evento foi tão grande que motivou os envolvidos a dar continuidade e assim materializar seus objetivos de abrir um canal de comercialização direta aos consumidores. A partir das ideias de Karl Polanyi, de que a ação econômica é sempre uma ação imersa, enraizada no social e de Mark Granovetter de que os mercados são animados por redes de relações sociais, esta tese investiga até que ponto é possível construir e manter, na sociedade capitalista atual, um modelo de feira agroecológica com princípios baseados não apenas nos valores econômicos e mecanismos de preços, mas, principalmente, nas relações de troca baseadas na solidariedade e reciprocidade? Verificamos que do ponto de vista do mercado, sua realização e funcionamento se dá pela capacidade dos agricultores de obter e inspirar confiança, de negociar, fazer cumprir contratos, estabelecer e realizar direitos gerando assim um ambiente de troca mercantil onde valores sociais ganham destaques como mediadores dessa troca.

PALAVRAS-CHAVE: agroecologia - sociologia econômica - solidariedade.

ABSTRACT

This work analyses the process of a social street market construction which was developed by farmers associations, NGO'S farmers in the municipalities of Abreu e Lima; which is within the metropolitan area of North Recife, Chã Grande located in the rural area, Gravatá located in the central region of Pernambuco and Bom Jardim in the interior of the state. The street market "Espaço Agroecológico das Graças", began on 16 of October of 1997, as part of the commemoration of World Food Day. This was organized by AMA Gravatá and Sabiá which is a centre for agroecological development. These organizations supported the farmers to produce based on the principles of agroecological approaches. This aims to build agriculture with the lowest impact of man on nature, enabling a synergistic action with nature. This event obtained great responsiveness and motivated those involved in continuing and accomplishing their objectives to initiate a direct commercial channel to consumers. Based on the ideas of Karl Polanyi, that argues that economic action is always an immersed action socially rooted whilst Mark Granovetter that states that markets are animated by networks of social relations. To what extent it is possible to build and maintain, in a modern capitalist society, a fair agroecological model based on principles not only regarding economic values and pricing mechanisms, but mainly in exchange relations which are based on solidarity and reciprocity? We verified that the street market, its performance and operation is related to the ability of farmers to obtain and to inspire confidence to negotiate, to enforce contracts, to establish and apply duties. Therefore, enabling the creation of an environment of mercantile exchange where social values highlight the intermediates of this exchange.

KEY-WORDS: agroecology - social economics - solidarity.

RÉSUMÉ

Cet article analyse le processus de construction sociale de la place du marché, réalisés par des associations, des ONG et des agriculteurs dans les municipalités de Abreu e Lima région métropolitaine de Recife, Cha Grande, Gravata, et Bom Jardim villes dans le Nord de Pernambuco. L'espace salon agro-écologique de la grâce, a commencé à partir du 16 Octobre 1997, dans le cadre de la commémoration de la Journée mondiale de l'alimentation, organisée par l'AMA cravate et Centre de développement agro-écologique Sabiã assessoravam que les agriculteurs dans la production alimentaire basée se concentrer sur les principes de l'agro écologie, qui cherche à construire une agriculture avec le plus faible impact possible de l'homme sur la nature, favorisant ainsi une action plus synergique avec elle. La réactivité de cet événement était si grande que ceux qui sont impliqués motivés à poursuivre et à concrétiser leurs objectifs ainsi d'ouvrir un canal de marketing direct aux consommateurs. Suivant les idées de Karl Polanyi, que l'action économique est toujours submergée enracinée dans l'action sociale, et Mark Granovetter que les marchés sont animés par des réseaux de relations sociales, Cette thèse examine dans quelle mesure il est possible de construire et de maintenir la société capitaliste actuelle un modèle juste aux principes agro-écologiques basés non seulement sur les valeurs économiques et les mécanismes de prix, mais surtout dans les relations d'échange basé sur la solidarité et la réciprocité? Nous avons constaté que le point de vue du marché, ses performances et son fonctionnement est la capacité des agriculteurs à obtenir et à inspirer la confiance, de négocier, de faire respecter les contrats, établir et exécuter des tâches générant ainsi un environnement de valeurs sociales qui met en marché des changes de gain en tant que médiateurs cet échange.

MOTS-CLÉS: agro-écologie - la sociologie économie - solidaire.

LISTA DE SIGLAS

AAO – Associação da Agricultura Orgânica de São Paulo

AGROFLOR – Associação de Agricultores e Agricultoras Agroecológicos de Bom Jardim

AMA – Associação dos Amigos do Meio Ambiente

CEASA-PE – Central de Abastecimento e Logística de Pernambuco

CD – Centrais de Distribuição

CPRM – Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais

CTN – Companhias Transnacionais

FLV – Frutas, Legumes e Verduras

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

MERCOSUL – Mercado Comum do Sul

NAFTA – Tratado Norte-Americano de Livre Comércio

ONG – Organização Não Governamental

OMC – Organização Mundial do Comércio

PAA – Programa de Aquisição de Alimentos

SAA – Sistema Agroalimentar

SAF – Sistema Agroflorestal

UDH -Unidade de Desenvolvimento Humano

UFP – Unidades de Famílias Parceiras

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01- Mobilização dos Agricultores.....	80
Gráfico 02- Estado Civil dos Agricultores.....	81
Gráfico 03- Força de Trabalho.....	82
Gráfico 04- Faixa Etária dos Agricultores.....	82
Gráfico 05- Escolaridade da População Envolvida na Comercialização.....	83
Gráfico 06- Propriedades	84
Gráfico 07- Tamanho das Propriedades/hac.....	84
Gráfico 08- Renda.....	85
Gráfico 09- Tempo de Adoção do Enfoque Ecológico.....	85
Gráfico 10- Utilização Agrotóxicos.....	86
Gráfico 11- Comercialização.....	86
Gráfico 12- Comercialização Agroecológica.....	87
Gráfico 13- Forma de Adoção da Agroecologia.....	87
Gráfico 14- Enfoque Agroecológico.....	89
Gráfico 15- Sexo dos consumidores.....	156
Gráfico 16- Localização/Bairro dos Consumidores.....	156
Gráfico 17- Faixa Etária dos Consumidores.....	157
Gráfico 18- Escolaridade dos Consumidores.....	157
Gráfico 19- Profissão dos Consumidores.....	158
Gráfico 20- Rendimentos Médio dos Consumidores.....	158
Gráfico 21- Tempo que Frequenta a Feira.....	159

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	122
Figura 02.....	122
Figura 03	122
Figura 04	122
Figura 05	131
Figura 06	131
Figura 07	131
Figura 08	131
Figura 09	143
Figura 10	143
Figura 11	143
Figura 12	143

SUMÁRIO

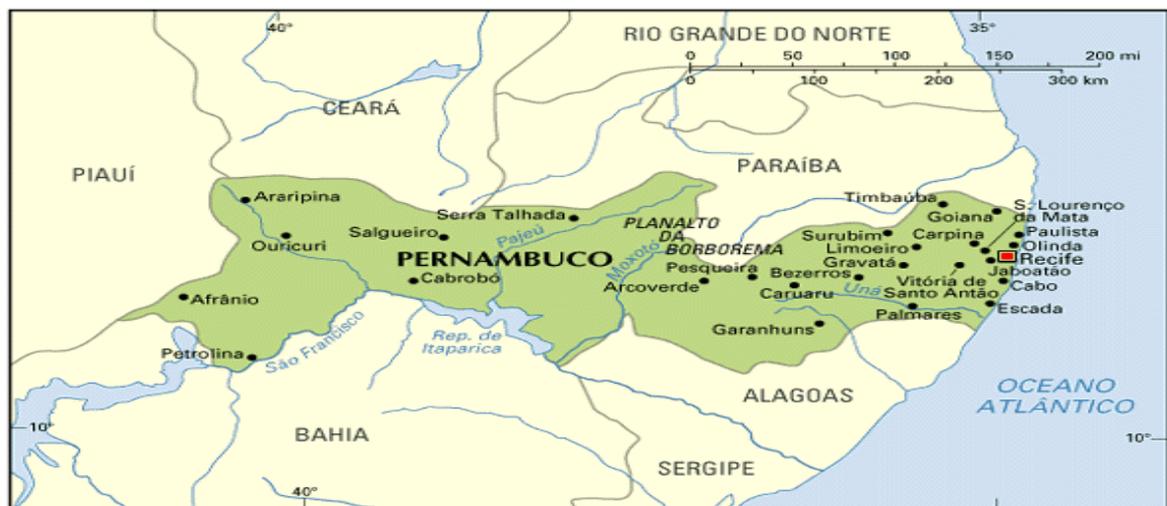
INTRODUÇÃO	14
1.MERCADO COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL: KARL POLANYI E MARK GRANOVETTER	255
1.1 Polanyi e a Sociedade de Mercado	26
1.1.1 Polanyi e a Imersão do Econômico no Social.....	31
1.2 Mark Granovetter e a Nova Sociologia Econômica	35
2. AGROECOLOGIA E A INSERÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR NOS MERCADOS	49
2.1 O Surgimento do Enfoque Agroecológico num Contexto de Crise Socioambiental Global	49
2.2 A Inserção da Agricultura Familiar no Mercado num Contexto de Acirramento dos Padrões de Competitividade no Sistema Agroalimentar	62
3. CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DOS AGRICULTORES E A CONSTITUIÇÃO DOS ATORES ENVOLVIDOS NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO AGROECOLÓGICO DAS GRAÇAS- RECIFE/PE.....	78
3.1 Características Socioeconômicas dos Agricultores/Vendedores da Feira Espaço Agroecológico das Graças	79
3.2 Constituição dos Atores Envolvidos na Construção do Espaço Agroecológico das Graças Recife/PE.....	91
3.2.1 Formação do Grupo Fundador da Feira Espaço Agroecológico das Graças	95
3.2.1.1 O Centro de Desenvolvimento Agroecológico – Sabiá	95
3.2.1.2 Associação dos Amigos do Meio Ambiente de Gravatá (AMA-Gravatá)	101
3.2.2 Formação das Associações Constituídas no Desdobramento da Feira Espaço Agroecológico das Graças.....	108
3.2.2.1 A Associação de Agricultores e Agricultoras Agroecológicos de Bom Jardim – Agroflor	108
3.2.2.2 Associação Terra Viva de Produtores Orgânicos - Chã Grande/PE.....	109
3.2.2.3 Associação de Agricultores e Agricultoras Agroflorestais Terra e Vida	110

3.2.2.4 Associação das Famílias Agroecológicas do Distrito de São Severino e seus Arredores (AMA-Terra).....	111
3.3 Experiências com Agrofloresta e Agroecologia no Agreste Pernambucano: Gravatá e Bom Jardim	112
3.3.1 O Município de Gravatá no Agreste Central de Pernambuco	113
3.3.1.1 Experiência de Amaro Antão e Maria de Lurdes com a Agroecologia no Distrito de São Severino em Gravatá.....	115
3.3.2 O Município de Bom Jardim no Agreste Sertentriional de Pernambuco	1223
3.3.2.1 Experiência de Rafael Justino com a Agrofloresta no Sítio Feijão em Bom Jardim	124
4. PARA ALÉM DAOS MECANISMOS DE PREÇO: SOLIDADRIEDADE E RECIPROCIDADE NA FEIRA ESPAÇO AGROECOLÓGICO DAS GRAÇAS RECIFE/PE	132
4.1 O Bairro das Graças e a Feira Espaço Agroecológico das Graças: Características.....	133
4.1.1 Características Socioambientais do Bairro das Graças Recife/PE	133
4.1.2 Características Socioambientais da Feira Espaço Agroecológico das Graças	137
4.2 As Regras de Organização da Feira: Restrições e Possibilidades	14343
4.3 Os Laços Sociais Firmados no Encontro entre Produtores e Consumidores do Espaço Agroecológico das Graças	15454
4.3.1 Os Consumidores do Espaço Agroecológico das Graças	155
4.3.2 Os Laços Sociais Tecidos no Contexto da Feira	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	172
APÊNDICE A - Caracterização socioambiental dos agricultores agroecológicos....	181
APÊNDICE B – Questionário aplicado aos Consumidores do Espaço Agroecológico das Graças-Recife	182
APÊNDICE C - Tabela de Preços de Produtos Agroecológicos	185

INTRODUÇÃO

A presente tese analisa a problemática de pequenos produtores rurais oriundos de diferentes municípios do Estado de Pernambuco, tais como Abreu e Lima localizados na área metropolitana norte da capital Recife (25km), Chã Grande na Mata Sul (82km), Gravatá no agreste central (85km) e Bom Jardim no agreste setentrional (114km) que foram levados a realizar uma transição da agricultura comumente conhecida por convencional, para uma agricultura agroecológica, a partir de contatos com atores externos, como o Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá e a Associação Amigos do Meio Ambiente-AMA.

Figura 01



Fonte: Mapa Google

Região Metropolitana Norte



Região da Zona da Mata



Com a assessoria do Centro Sabiá os agricultores nos anos de 1993 e 1994 iniciaram o processo de transição, passando a produzir com base nos princípios do enfoque agroecológico e, começando a obter resultados positivos do ponto de vista da produção, logo iniciaram suas inquietações referentes ao que fazer com aquela produção. Como comercializá-la? E, assim, procuraram os técnicos e agrônomos que os assessoravam e colocaram o problema dizendo que, já que eles incentivaram a mudarem de suas práticas produtivas, agora poderiam também ajudar na parte da comercialização, pois era preciso vender aqueles produtos.

Neste período ainda, tanto em Gravatá como em Bom Jardim, foram iniciadas as primeiras experiências com a comercialização dos alimentos agroecológicos. Silvia Sabadell, junto com o marido Cacá, levou seus produtos para o centro de Gravatá e saíram de porta em porta oferecendo os alimentos por eles cultivados. Em 1997, fundaram a feira de produtos orgânicos da cidade de Gravatá, instalando quatro barracas com os produtos. Neste mesmo período, o Centro Sabiá iniciara, junto com o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Bom Jardim, a comercialização dos produtos dos agricultores do mesmo município, na comunidade de Umari.

Tais experiências iriam ser ampliadas e trazidas para Recife. E, no dia 16 de outubro de 1997, o centro Sabiá - junto com a AMA - participou de um evento em comemoração ao dia mundial da alimentação, no Parque da Jaqueira, localizado no Bairro da Jaqueira, zona norte de Recife, um bairro centenário e de alto padrão econômico. Trata-se de um parque onde muitos dos seus frequentadores o utilizam para a prática de esportes e caminhadas. O evento foi um sucesso, os agricultores venderam tudo que levaram, e daí tiveram a ideia de continuar vendendo nesse espaço a cada quinze dias. Lá, passaram não mais que um mês, tendo que sair por força de lei que proíbe a utilização desses espaços públicos para a realização de feiras. Por resistência dos agricultores, da ONG, associações e consumidores, a feira se transferiu para outra praça chamada Corticeiras onde permaneceu por um mês e foi retirada pela mesma razão anterior, mas, por sugestão de um fiscal da prefeitura, a feira passou a ser instalada na Rua Souza Andrade, onde permanece até hoje.

O objetivo da presente pesquisa consiste em analisar as condições sociais de construção e funcionamento dessa praça de mercado que, segundo seus fundadores, mais do que um espaço de comercialização, o Espaço Agroecológico das Graças se propõe a ser um espaço do encontro com a qualidade de vida. Sua

construção materializa os esforços de agricultores, associações e do Centro Sabiá, que desde 1993 vem buscando alternativas de produção e comercialização diferentes das praticadas por esses agricultores que, até então, baseavam sua produção na agricultura convencional e sua comercialização via atravessadores.

A abordagem de “construção social de mercado” desenvolvida pela nova sociologia econômica de Mark Granovetter é utilizada nesta tese para analisar as condições sociais de construção e funcionamento dessa praça de mercado que há mais de quatorze anos vem garantindo a mais de vinte famílias de agricultores a comercializarem seus produtos na cidade de Recife.

Os agricultores, auxiliados pelos atores externos, se viram levados a construir alternativas financeira e ecologicamente viáveis para entrar e se manterem de forma menos dependentes dos mercados (em relação aos atravessadores, mercado de insumos, comerciantes das centrais de abastecimentos) e como chave de entrada assumiram dois desafios: 1) produzirem uma mercadoria diferenciada pela sua procedência e pelos cuidados com o manejo de recursos naturais como solo, água e biodiversidade e 2) comercializarem essa produção de forma direta, baseando-se no estabelecimento de relações entre produtor/vendedor e consumidor que extrapolam as relações mercantis centradas nos mecanismos de preços.

Com isto quero dizer que tais agricultores estão influenciando e sendo influenciados por concepções sobre o meio ambiente produzidas por ambientalistas, cientistas, Estados e sociedade civil organizada, que vem reclamando uma nova relação entre o homem e a natureza. Tal concepção tem orientado às ações de muitos atores e redes de atores sociais na sociedade contemporânea, possibilitado, assim, legitimar a construção de novos espaços de manobra para que os agricultores familiares possam se projetar para o futuro produzindo e comercializando seus produtos.

Pressupõe-se que existe uma conjuntura favorável à produção e consumo de produtos diferenciados pela sua procedência e cuidados com o manejo de recursos naturais como solo, água e biodiversidade, e que a capacidade histórica do camponês destacada por Maria de Nazareth B. Wanderley¹ em dialogar com os

¹ WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. *O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

processos de mudanças internas e externas ao grupo, possibilitou a inserção dos agricultores envolvidos na construção social de uma praça de mercado num movimento local/global de redirecionamento para uma agricultura mais atenta às exigências de produção, manufatura, distribuição e consumo de alimentos sem agrotóxicos.

Os primeiros desafios enfrentados pelos agricultores na construção do Espaço Agroecológico das Graças, foi a conquista do espaço físico para a instalação da feira, a construção de uma relação de confiança entre os produtores/vendedores e consumidores em torno dos produtos ofertados na mesma e a quebra da postura impessoal que os mercados convencionais impunham nas suas relações de troca, substituindo-a pelo estreitamento intencional das relações entre os atores sociais envolvidos na construção, manutenção e uso desse espaço de troca.

A feira Espaço Agroecológico da Graças tem quatro características básicas fundamentais: 1) ter construído uma base de produção alimentícia em vários municípios do Estado de Pernambuco; 2) ter um produto alimentício produzido e comercializado pelos próprios vendedores; 3) ter esse produto uma carga de significados novos, fundamentados na valorização da vida por meio do consumo de alimentos saudáveis e 4) ter fomentado a quebra da impessoalidade dos mercados convencionais por meio da promoção intencional de uma relação social de estreitamento entre os diferentes agentes econômicos em interação na feira.

Nesta análise, a feira se constitui, antes de tudo, como um espaço onde conflita e convive permanentemente uma lógica de mercado marcada pela racionalidade expressa nas ponderações dos meios e fins com vistas ao lucro e uma lógica de mercado que busca disseminar e conformar um *ethos* socioambiental na ação econômica dos agentes em interação. A relativização do peso que os mecanismos de preço possam vir a assumir na feira Espaço Agroecológico das Graças como determinante da ação econômica de seus agentes econômicos se dá pelo esforço de construção e manutenção de um ambiente de troca onde valores como solidariedade, respeito ao próximo e a todas as formas de vida, cooperação e honestidade se façam presentes.

Tais valores não são vistos aqui como inatos aos atores sociais envolvidos com a construção desse mercado, mas como algo a ser acionado, mobilizado pelos mesmos no sentido de balizarem suas ações e relações sociais no contexto não só da produção como da comercialização. Nesse sentido essas ações e relações

também são percebidas e analisadas como estando em construção, permeadas por conflitos e contradições que serão ressaltadas, por exemplo, na adoção e cumprimento das regras de funcionamento da feira.

E aqui se situa a questão em relação ao fenômeno social em pauta: até que ponto é possível construir e manter, na sociedade capitalista atual, um modelo de feira agroecológica com princípios pautados não apenas nos valores econômicos e mecanismos de preços, mas, principalmente, nas relações de troca baseadas na solidariedade e reciprocidade?

As hipóteses para esse problema da construção e manutenção de uma praça de mercado pressupõem:

a) a capacidade dos agricultores/vendedores em produzir um produto diferenciado por seus atributos socioambientais;

b) de comercializá-los numa perspectiva também diferenciada baseada no enraizamento das relações econômicas mantidas com os consumidores, a partir da disseminação de um *ethos* socioambiental propagador de sentimentos de solidariedade, cooperação e respeito do homem com a natureza;

c) e de assumir uma postura vigilante sobre si mesmo construindo estratégias que possam inibir comportamentos oportunistas por parte dos agentes econômicos envolvido nessa feira.

Nesse sentido, interessou investigar sobre: a) os diferentes grupos envolvidos na construção social deste mercado e sua forma de organização em rede (os principais atores); b) os arranjos institucionais que viabilizam sua atividade produtiva e permanência nesse mercado; c) os padrões de interação e coordenação que dão sustentabilidade ao funcionamento desse mercado e d) as implicações desse processo de construção de um mercado na vida desses agricultores.

Assim, o primeiro passo dado na construção deste trabalho ocorreu em outubro de 2009 com uma visita ao campo realizada no sítio São João, na comunidade de Inhamã, no município de Abreu e Lima, a trinta quilômetros de Recife. Jones, agricultor dono do sítio, nos recebeu para uma conversa sobre agricultura familiar e juventude rural. Naquele momento, Jones fez algumas considerações sobre a participação dos jovens na agricultura e focou sua fala na proposta agroflorestal em que ele estava envolvido (assessorado pelo Centro Sabiá) e que na qual se colocava como um dos pioneiros em Pernambuco neste tipo de atividade. Nesta ocasião, ele nos convidou para participarmos de uma atividade de

disseminação da agricultura agroecológica a qual denominou de intercâmbio (que aconteceu no assentamento rural Pitanga I) e que, segundo Jones, consistia na apresentação do ciclo da vida.

Nesse dia, Jones também nos convidou para participar das reuniões da associação de agricultores e agricultoras rurais Terra e Vida, na qual ele era presidente, e para uma visita à feira Espaço Agroecológica das Graças, onde comercializa sua produção. Aceitamos o convite e, desde então, passei a freqüentar a feira, que segundo Jones tinha como propostas, comercializar os produtos agroecológicos dos agricultores associados, que praticavam uma agricultura com um manejo produtivo que visava a maior minimização possível do impacto da ação do homem sobre a natureza.

A partir das visitas, das observações e das conversas com agricultores e consumidores passou-se a tomar a feira como um campo passível de desenvolvimento de uma pesquisa científica que focasse no processo de construção e funcionamento da mesma.

Para isso foram realizados: a) levantamentos bibliográficos sobre o enfoque agroecológico; b) participação nas reuniões da associação da Terra e Vida e AMA-Terra; c) visitas nas áreas de produção dos agricultores ligados àquelas associações objetivando conhecer e compreender o processo produtivo e d) visitas à feira, buscando por um lado compreender as iniciativas de comercialização da produção agroecológica, por outro lado as relações sociais estabelecidas no momento da troca.

Para a realização desta pesquisa, lançou-se mão do método qualitativo, baseado no estudo de caso, com observação participante, entrevistas semiestruturadas e coletas de dados secundários e primários.

Os principais instrumentos utilizados para a realização deste trabalho foram a pesquisa bibliográfica e documental, as entrevistas pessoais e as consultas na rede mundial de computadores.

A pesquisa qualitativa se mostrou pertinente em função dos nossos objetivos de pesquisa, já que abordaram questões subjetivas sobre as motivações para a adoção do enfoque agroecológico, considerando os valores que permeiam este enfoque e como que os mesmos podem ter influenciado na construção da praça de mercado e no funcionamento desta praça.

Neste sentido, a pesquisa qualitativa se mostrou fundamental para a caracterização e análise do quadro institucional em que se processam as relações sociais entre os diferentes atores em questão, bem como na análise dos valores orientadores das ações dos agricultores tanto no processo produtivo quanto na comercialização. Condições essa que garantem a esses agricultores levarem a cabo sua proposta de construção de uma praça de mercado que possa tornar mais humana a relação homem/natureza e produtor/vendedor e consumidores.

Cabe lembrar que a pesquisa qualitativa não obedece a um único modelo ou forma de execução, existem, na verdade, “diferentes possibilidades de programar a execução da pesquisa. Vale muito o trabalho criativo do pesquisador e dos pesquisados”.²

O estudo de caso é apropriado por ser, de acordo com Bisquera³, uma análise profunda de um sujeito considerado individualmente. Às vezes, pode-se estudar um grupo reduzido de sujeitos considerando o ponto de vista global. Em todo caso, observam-se as características de uma unidade individual como, por exemplo, um sujeito, uma classe, uma escola, uma comunidade, etc. O objetivo consiste em estudar profundamente e analisar intensivamente os fenômenos que constituem o ciclo vital da unidade, em vista a estabelecer generalizações sobre a população à qual pertence.

Para Lazarinni⁴, os estudos de caso se enquadram nas pesquisas cujo objetivo maior é a compreensão dos fatos e não sua mensuração. Por meio de entrevistas, documentos, observação, etc., se investiga um fenômeno atual em seu contexto real. O autor menciona que existe uma dicotomia onde alguns cientistas consideram que o estudo de caso pode ser utilizado em estudos descritivos e causais, enquanto um segundo grupo considera sua adequação apenas para estudos exploratórios.

A entrevista semiestruturada, segundo Queiroz,

² CHIZZOTT, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 2003, p.105.

³ BISQUERA, Métodos de Investigação Educativa: Guia Prática. Barcelona: Ediciones CEAC, S. A. 1989, *passim*.

⁴ LAZZARINI, S. G. Estudos de caso para fins de pesquisa: aplicabilidade e limitações do método. In: FARINA, E. (Coord.). *Estudos de caso em agribusiness*. São Paulo: Pioneira, 1997, *passim*.

é uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos. Desse modo, da vida do informante só interessa aquilo que vem se inserir diretamente no domínio da pesquisa.⁵

As entrevistas foram feitas com o Técnico Agropecuário Adeildo Fernandes e o Agrônomo Flávio Duarte ambos do Centro Sabiá, além do Técnico Agropecuário Marcelino, que começou na feira como produtor/vendedor, depois por meio desta ONG, ficou trabalhando como agente comerciário na feira e, atualmente, está se planejando para retornar à feira como produtor/vendedor.

Foram também entrevistados os presidentes das Associações AMA-Terra, da Agroflor, da Terra e Vida e da Terra Viva.

Entrevistou-se Silvia Sabadell fundadora da loja virtual Comadre Fulozinha, que na segunda metade dos anos noventa esteve junto com o marido e Agrônomo Carlos Cavalvanti assessorando por meio da associação AMA-Gravatá, os agricultores de Gravatá no processo de implantação da agricultura orgânica e da comercialização desses produtos naquele município, assim como na fundação da feira Espaço Agroecológico das Graças em Recife.

Foram aplicados vinte questionários (com questões abertas e fechadas), que representavam, respectivamente, vinte famílias (foram deixadas de fora as famílias que não costumam ir a feira comercializar já que o foco recai sobre as que comercializam) de agricultores.

Foram aplicamos três questionários para três organizadores da feira. Também, vinte e três questionários com os consumidores da feira.

No segundo semestre de 2009/10, participei de cinco assembleias da Terra e Vida, onde estavam presentes oito agricultores envolvidos com a implantação da agrofloresta em Abreu e Lima e Igarassu.

No segundo semestre de 2010, participei de uma assembleia de agricultores da AMA-Terra, onde estavam presentes agricultores de Gravatá, cerca de trinta membros associados.

Ao longo desses três anos de pesquisa, participei de quatro assembleias de agricultores do Espaço Agroecológico das Graças, com cerca de quarenta membros

⁵ QUEIROZ *Apud* DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa, n. 115, p. 139-154, março de 2002, p. 147. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf> Acesso em setembro de 2009.

presentes. Nessas assembleias também estavam presentes os agricultores do Espaço Agroecológico de Boa Viagem.

Nesse mesmo período, também participei de quatro reuniões da coordenação da feira, onde estavam presentes os coordenadores, vices e tesoureiros da feira das Graças e de Boa Viagem.

No início do segundo semestre de 2012, apliquei vinte e três questionários com os consumidores da feira, escolhidos estes de forma aleatória.

Como técnicas de coleta de dados também lançaram mão da observação participante e do uso do diário de campo.

Segundo Chizzotti⁶, a observação participante enquanto técnica de coleta de dados pressupõe os seguintes aspectos:

- Experienciar e compreender a dinâmica dos atos e eventos e recolher as informações a partir da compreensão e sentido que os atores atribuem aos seus atos.
- Uma partilha completa, duradoura e intensiva da vida e da atividade dos participantes, identificando-se com eles, como igual entre pares, vivenciando todos os aspectos possíveis da sua vida, das suas ações e dos seus significados.
- [...] um registro adequado para garantir a fiabilidade e pertinência dos dados e para eliminar impressões meramente emotivas, deformações subjetivas e interpretações fluidas, sem dados comprobatórios.

Com a observação participante pudemos ver as formas de tratamento entre os agricultores e consumidores, como eles interagem, as conversas que mantinham e os acordos firmados nos contatos na feira.

Nessa direção, a presente tese está distribuída em quatro capítulos:

No primeiro capítulo, analisaram-se as concepções de Polanyi e de Mark Granovetter sobre a questão do mercado como construção social, um pressuposto teórico assumido pelos autores citados que visa desautorizar qualquer tentativa de explicação do funcionamento do mercado como algo dado, natural, fruto de um movimento espontâneo entre a oferta e a procura das mercadorias e destituídos de forças externas.

No segundo capítulo, salientamos o surgimento do enfoque agroecológico, sua definição e a inserção dos agricultores familiares no mercado considerando as novas dinâmicas do mercado agroalimentar, com mudanças nos hábitos alimentares e no padrão competitivo.

⁶ CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 2003. 2003, p. 90.

No terceiro capítulo, buscou-se dar rosto e vida aos agentes econômicos (focando nos agricultores/vendedores) envolvidos na construção social da feira Espaço Agroecológico das Graças, o que foi feito a partir da apresentação das características socioeconômicas dos agricultores/vendedores, do arranjo institucional constituídos no processo de construção da feira e com a apresentação das áreas e sítios onde são produzidos os alimentos que são levados à feira para comercialização.

E, por fim, no quarto capítulo, analisou-se o processo de construção social da feira Espaço Agroecológico das Graças focando agora nas suas dimensões organizacionais e de sociabilidades, objetivando uma explicação sobre o problema das condições sociais de funcionamento e manutenção desta praça de mercado, feito por meio da: 1) caracterização tanto do bairro como da feira das Graças; 2) da reflexão sobre as regras de funcionamento desta feira e 3) e dos aspectos sociais que estruturam e dão sentido ao ato da troca entre os agentes econômicos em análise.

1. MERCADO COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL: POLANYI E MARK GRANOVETTER

Este capítulo analisa as concepções de Karl Polanyi⁷ e de Mark Granovetter⁸ sobre a questão do mercado como construção social, um pressuposto teórico assumido pelos autores citados que visa desautorizar qualquer tentativa de explicação do funcionamento do mercado como algo dado, natural, fruto de um movimento espontâneo entre a oferta e a procura das mercadorias e destituídos de forças externas.

A crítica de Polanyi aos economistas neoclássicos incidiu sobre a ideia de que os mercados são autorregulados. Contra essa perspectiva, Polanyi formula outra que ressalta justamente aquilo que os neoclássicos deixaram de fora: o enraizamento (*embedded*) das ações econômicas nas relações sociais por meio das instituições e, da cultura de uma dada sociedade. Nessa direção, Mark Granovetter inspirado nas ideias de Polanyi estabelece uma concepção que situa as ações econômicas como estando enraizadas (*embedded*) em redes sociais, redes de relações sociais.

O pressuposto da ação econômica socialmente enraizada (*embedded*) será explorado neste capítulo com o objetivo de posteriormente, nos capítulos três e quatro, utilizar seu potencial explicativo no contexto da feira Espaço Agroecológico das Graças, quando irei analisar a construção e o funcionamento dessa praça de mercado de produtos agroecológicos, levada a cabo por associações de agricultores e agricultoras da zona da mata norte e do agreste pernambucano, a qual é e assessorada por uma ONG.

Trata-se de um mercado que se propõe a orientar-se pela promoção de uma ação econômica motivada por interesses que extrapolam os aspectos financeiros da ação econômica vividas pelos agentes econômicos em interação. O entendimento e a explicação das tensões e dos limites desse desafio começam agora com a

⁷ POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, *passim*.

⁸ GRANOVETTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. RAE-ELETRÔNICA - Fórum - Sociologia Econômica, v. 6, n. 1, Art. 5, jan./jun. 2007, *passim*.

compreensão e adoção das nuances das ideias desenvolvidas pelos dois autores acima citados.

1.1. Polanyi e a Sociedade de Mercado

Tanto Polanyi como a nova sociologia econômica construíram suas concepções de mercado a partir de uma crítica à teoria econômica neoclássica, mais precisamente nas ideias referentes à existência de um mercado autônomo ao social, onde indivíduos considerados independentes uns dos outros, movidos por interesses egoístas e racionais faziam suas escolhas.

Esses elementos são criticados por Polanyi em sua obra *A grande transformação: as origens da nossa época*. Nela, o referido autor analisa as mudanças estruturais e institucionais que levaram à desarticulação de um tecido social que dava sustentabilidade às sociedades antigas e medievais, destacando sua concatenação com as mudanças culturais ligadas ao comportamento humano, as motivações para a ação e as relações humanas. Tal mudança contribuiu para a instauração de um padrão institucional inteiramente novo: a economia de mercado.

O surgimento da economia de mercado na segunda metade do século XIX se dá concomitantemente a uma avalanche de desarticulação social ligado a um vasto movimento de progresso econômico, em que se destacam dois grandes acontecimentos: o cercamento (1490-1640) e a Revolução Industrial (sec. XVIII). Sendo este diferente dos demais por trazer um novo credo, agora totalmente materialista, em que se “acreditava que todos os problemas humanos poderiam ser resolvidos com o dado de uma quantidade ilimitada de bens materiais”⁹ encontrados numa sociedade onde a economia de mercado se estabeleceria.

Polanyi discordava da teoria econômica moderna baseada na “ação corrosiva de um utilitarismo cru” que dizia que as tendências do progresso econômico e suas consequências eram frutos de uma economia de mercado, tratando-as assim como um dado natural. Seu olhar crítico fundamentou uma perspectiva baseada na ideia de que a “a economia de mercado é uma estrutura institucional, e sempre nos

⁹ POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 58. *passim*.

esquecemos disto, que nunca esteve presente a não ser em nosso tempo e, mesmo assim, ela estava apenas parcialmente presente”¹⁰ que as condições objetivas e subjetivas para seu aparecimento tiveram que ser criadas.

Segundo Polanyi a formação de uma economia de mercado, ou de um mercado autorregulável onde a economia passa a ser controlada e regulada pelos mercados, e mais ainda pelos preços, tem a ver com a influência das mudanças tecnológicas ocorridas no contexto da Revolução Industrial do século XIX, quando as máquinas¹¹ complicadas e os estabelecimentos fabris começaram a ser usados para a produção numa sociedade comercial, introduzindo a necessidade permanente e veloz de produzir e consumir e, tornando o ato de comprar e vender uma necessidade.

A transformação implica uma mudança na motivação da ação por parte dos membros da sociedade: a motivação do lucro passa a substituir a motivação da subsistência. Todas as transações se transformam em transações monetárias e estas, por sua vez, exigem que seja introduzido um meio de intercâmbio em cada articulação da vida industrial.¹²

Esse meio de intercâmbio nada mais é que o mercado como, por exemplo, o de trabalho, o de insumos, o de produtos, o de seguro, o de capitais entre outros.

É isto o que significa o simples termo ‘sistema de mercado’ pelo qual designamos o padrão institucional descrito. Mas a peculiaridade mais surpreendente do sistema repousa no fato de que, uma vez estabelecido, tem que se lhe permitir funcionar sem qualquer interferência externa. Os lucros não são mais garantidos e o mercador tem que auferir seus lucros no mercado. Os preços devem ter a liberdade de se autorregular. É justamente esse sistema autorregulável de mercados o que queremos dizer com economia de mercado.¹³

O padrão de mercado, alimentado por um princípio de comportamento motivado pela permuta e pela barganha foi, segundo Polanyi, capaz de gerar uma

¹⁰ POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 2000, p. 56.

¹¹“Na verdade, a produção das máquinas numa sociedade comercial envolve uma transformação que é a da substância natural e humana da sociedade em mercadorias” *Id. Ibid.*, p. 61. É isso que interessa ao novo mecanismo institucional em voga.

¹² POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 60.

¹³ POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 2000, p. 60.

instituição específica que é o mercado, passando este a se impor como único organizador da vida social econômica das sociedades modernas ocidentais.

Assim, para Polanyi,

a permuta, a barganha e a troca constituem um princípio de comportamento econômico que depende do padrão de mercado para sua efetivação. Um mercado é um local de encontro para a finalidade da permuta ou da compra e venda. A menos que este padrão esteja presente, pelo menos em parte, a propensão à permuta não terá escopo suficiente: ela não poderá produzir preços.¹⁴

Considerando o que fora acima exposto, podemos falar da existência de uma economia de mercado definida por Polanyi como

um sistema controlado, regulado e dirigido apenas por mercados; a ordem da produção e distribuição dos bens é confinada a esse mecanismo autorregulável. [...] A produção, será então, controlada pelos preços, pois estes formam rendimentos, e é com a ajuda desses rendimentos que os bens produzidos são distribuídos entre os membros da sociedade. Partindo desses pressupostos, a ordem na produção e na distribuição de bens é assegurada apenas pelos preços.¹⁵

Este mercado se define como autorregulável e ele controla o sistema econômico e a sociedade. Esta se subjugou aos desígnios do mercado no momento em que a mão de obra necessária para por em movimento a engrenagem da sociedade industrial passou a ser disposta em mercados específicos, assim como os componentes terra, trabalho e dinheiro que, como tais, passaram a viver sob a lógica da oferta e da demanda, tendo como elemento intermediador os preços que formam rendimentos e geram lucros.

Tem-se então o ápice de um processo apontado por Polanyi que consolida uma transformação na motivação da ação por parte dos membros da sociedade quando a motivação do lucro passa a substituir a motivação da subsistência. Com isso, todas as transações se transformam em transações monetárias e estas, por sua vez, exigem que seja introduzido um meio de intercâmbio (o mercado) em cada articulação da vida industrial, envolvendo componentes tornados chaves como: trabalho, terra e dinheiro.

¹⁴ POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 59.

¹⁵ *Id. Ibid.*, pp. 89-90.

Salários, aluguel e juros são os nomes dados aos preços dos elementos trabalho, terra e dinheiro, passando, assim, a assumir a condição de mercadorias.

Os próprios termos indicam que os preços formam rendas: juro é o preço para o uso do dinheiro e constitui a renda daqueles que estão em posição de fornecê-lo. Aluguel é o preço para o uso da terra e constitui a renda daqueles que a fornecem. Salários são os preços para o uso da força de trabalho, e que constitui a renda daqueles que a vendem. Finalmente, os preços das mercadorias contribuem para a renda daqueles que vendem seus serviços empresariais, sendo a renda chamada de lucro, na verdade, a diferença entre dois conjuntos de preços, o preço dos bens produzidos e seus custos, i. e., o preço dos bens necessários para produzi-los.¹⁶

O uso lucrativo desses componentes da indústria encerra uma contradição na sua origem, uma vez que os mesmos não são em si mercadorias. Como disse:

acontece, porém, que o trabalho e a terra nada mais são do que os próprios seres humanos nos quais consistem todas as sociedades, e o ambiente natural no qual elas existem. Incluí-los no mecanismo de mercado significa subordinar a substância da própria sociedade às leis do mercado.¹⁷

Polanyi analisa os processos históricos que concorreram para a transformação desses elementos em mercadorias focando no sistema mercantil e nos mercados nacionais que ele contribui para desenvolver.¹⁸ Observa então que ao longo da história das sociedades tribais, feudais e mercantis, trabalho, terra e dinheiro sempre estiveram às voltas com um conjunto de mecanismos restritivos e reguladores quanto aos seus usos e funções tanto do ponto de vista religioso quanto dos costumes, das tradições ou das leis.¹⁹

A maior das mudanças se deu no seio da sociedade, com a separação institucional entre a esfera econômica e a política. A ordem econômica deixa de ser

¹⁶ *Id. Ibid.*, p. 74.

¹⁷ *Id. Ibid.*, p. 77.

¹⁸No período feudal e no sistema de guildas o dinheiro ainda não era elemento principal da indústria, enquanto que trabalho e terra apareciam como parte da própria organização social. No feudalismo, a terra era base do sistema militar, jurídico, administrativo e político, estando seu *status* e função sendo determinada pelas regras legais e costumeiras, enquanto que nas guildas à organização do trabalho, as motivações e circunstâncias para a atividade produtiva era semelhante a qualquer outro sistema econômico anterior, pois estava totalmente inserida na organização geral da sociedade.

¹⁹Essa realidade só mudaria de forma significativa ao final do século XVIII e início do século XIX, com a abolição, em 1790, das guildas artesanais e dos privilégios feudais na França, com a revogação na Inglaterra do Statute of Artificers entre 1813 e 1814, assim como a Poor Law elisabetana em 1832. Lembrando Polanyi que em ambos os países o estabelecimento de um mercado livre de trabalho não teria sido sequer discutidos antes da última década do século XVIII.

função da ordem social, não estando mais submersa nas relações sociais (enraizada, incrustada), a atividade econômica passou a ser isolada e como tal imputada a uma motivação econômica distinta, os indivíduos passam a ser orientados por um princípio de comportamento que prioriza a maximização dos lucros por meio da renda obtida no mercado.

Trabalho, terra e dinheiro são agora, mercadorias fictícias, estão destituídas de suas características originárias e disponíveis para um sistema autorregulado de mercado formador de preços, governado pela lei da oferta e da procura e motivado pelo medo da fome e o desejo de ganho. Fictícias por encerrar, como dissemos anteriormente, uma contradição. Fictícia por ferir o próprio conceito de mercadoria, como o observado por Polanyi quando diz que, sob o ponto de vista empírico, o conceito de mercadoria trata de “objetos produzidos para a venda no mercado” enquanto que “os mercados são definidos empiricamente como contatos reais entre compradores e vendedores”²⁰

Assim diz o autor:

Trabalho é apenas um outro nome para atividade humana que acompanha a própria vida que, por sua vez, não é produzida para a venda, mas por razões inteiramente diversas, e essa atividade não pode ser destacada do resto da vida, não pode ser armazenada ou mobilizada. Terra é apenas outro nome para a natureza, que não é produzida pelo homem. Finalmente, o dinheiro é apenas um símbolo do poder de compra, e como regra, ele não é produzido, mas adquire vida por meio do mecanismo dos bancos e das finanças estatais. Nenhum deles é produzido para a venda. A descrição do trabalho, da terra e do dinheiro como mercadorias é inteiramente fictícia.²¹

Esse mecanismo de tornar fictícios esses componentes da indústria é que torna possível, a organização dos mercados reais de trabalho, terra e dinheiro.

Assim, de um papel incidental na vida econômica das sociedades antigas e medievais, o mercado passou, no século XIX, a se impor como fundamental na economia humana, organizando-a em sua totalidade.

²⁰ POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p.77.

²¹ *Id. Ibid.*, p.78.

1.1.1 Polanyi e a Imersão do Econômico no Social

A crítica de Polanyi à perspectiva dos economistas neoclássicos de que a ordem econômica estava dissociada da ordem social incide no questionamento de um dos principais pressupostos subjacentes às leis que governam a economia de mercado, que é a da “propensão do homem de barganhar, permutar e trocar uma coisa pela outra”.²²

A economia do homem, como regra, está submersa em suas relações sociais. Ele não age desta forma para salvar seu interesse individual na posse de bens materiais, ele age assim para salvar sua situação social, suas exigências sociais, seu patrimônio social. Ele valoriza os bens materiais na medida em que eles servem a seus propósitos. Nem o processo de produção, nem o de distribuição está ligado a interesses econômicos específicos relativos à posse de bens. Cada passo desse processo está atrelado a um certo número de interesses sociais, e são estes que asseguram a necessidade daquele passo.²³

Polanyi reconheceu a atuação das forças dominantes e desintegradoras do sistema de mercado autorregulável como algo que conseguiu desarticular e se sobrepor a essa forma de economia acima citada, mas discordou da afirmação de que isso seria fruto de um desdobramento espontâneo e natural da vida econômica da Europa Ocidental, que se espalhou pelo mundo, já que não existia uma única sociedade antes do século XIX, com um padrão de mercado que sustentasse e desse generalidade a um princípio de comportamento baseado na permuta, na barganha e na troca, ou seja, no mercado. Antes, elas se organizavam em torno de códigos de honra, obrigações sociais, generosidade, métodos de publicidade por meio dos ritos mágicos e estabelecimentos de dualidades que inibiam os seus membros de nutrirem e difundirem interesses econômicos individuais, a noção de lucro ou até mesmo de riqueza, o que levou Polanyi a questionar como essas sociedades garantiam a ordem na produção e na distribuição.

²²Defendida segundo Polanyi (2012) por Adam Smith no século XVIII, Herbert Spencer na segunda metade do século XIX, Ludwig von Mises e Walter Lippman no século XX.

²³ POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Elsevier 2012, p. 65.

Tal ordem estava garantida naquilo que fora desarticulado: um tecido social que estruturava e representava as sociedades antigas e feudais, baseado num padrão institucional onde a simetria e a centralidade orientavam os princípios de comportamento ligados à reciprocidade, à redistribuição e à domesticidade. Com estes princípios e a sua possível combinação, a economia adquiria unidade e estabilidade, por meio da interdependência e da recorrência de suas partes.

A reciprocidade se dá num contexto onde existe um padrão simétrico de organização social em que as pessoas se sintam parte de um grupo e atuando pelo grupo. Uma vez que

a manutenção dos laços sociais é crucial. Primeiro porque, infringindo o código estabelecido de honra ou generosidade, o indivíduo se afasta da comunidade e se torna um marginal; segundo porque, a longo prazo, todas as obrigações sociais são recíprocas, e o seu cumprimento serve melhor aos interesses individuais de dar e receber. (...) O prêmio estipulado para a generosidade é tão importante, quando medido em termos de prestígio social, que não compensa ter outro comportamento senão o de esquecimento próprio.²⁴

No tocante à redistribuição, Polanyi afirma tratar-se de um princípio de comportamento que se beneficia da existência de uma unidade de centralização, tendo um caráter territorial e ocorrendo em relação a todos aqueles que têm uma chefia em comum, como diz Polanyi:

Como regra, encontramos o processo de redistribuição como parte do regime político vigente, seja ele o de uma tribo, de uma cidade-estado, do despotismo ou feudalismo, do gado ou da terra. A produção e a distribuição de mercadorias são organizadas principalmente por meio de arrecadação, do armazenamento e da redistribuição, sendo o padrão focalizado o chefe, o templo, o déspota ou o senhor.²⁵

Outro princípio que garante a ordem na produção e distribuição é o da domesticidade. Este, é baseado na autarquia, consistindo na produção para uso próprio, tendo como padrão o grupo fechado. Produzir e armazenar para a

²⁴ POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 65.

²⁵ POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 2000, p. 81.

satisfação das necessidades dos membros do grupo era o objetivo dos que dele participavam.

Assim como os outros dois, este princípio também é amplo na sua aplicação. Podendo ocorrer em núcleos institucionais como: na família patriarcal (sexo); nas aldeias (localidade); ou no castelo senhorial (poder político). Ou em organizações do tipo despótica como a família romana, democrática como a zadruga sul-eslava; grande como os imensos domínios dos magnatas Carolíngios ou tão pequenas como a propriedade camponesa média da Europa Ocidental.

O princípio da domesticidade, assim como o da reciprocidade e da redistribuição, compõe o quadro explicativo em que o autor em questão apoiava sua perspectiva de que existiriam outras formas de comércio sem que o uso do dinheiro, a busca do lucro e a formação de preços (características da sociedade de mercado) predominassem nas relações estabelecidas entre os diferentes povos primitivos e antigos, desautorizando assim qualquer outra perspectiva que tente naturalizar as ações econômicas como sendo estritamente interessada no lucro que se possa obter em seu curso e insistindo que as mesmas se encontram incrustadas nas instituições sociais.

Esse quadro explicativo tem a ver com a forma como Polanyi compreende o significado da palavra economia. Esta seria, para ele, portadora de um sentido formal e um sentido substantivo. Tal perspectiva se insere num debate²⁶ ocorrido na antropologia econômica e girava em torno da pretensa universalidade da moderna teoria econômica (formulada pelos neoclássicos) e sua aplicabilidade na análise das economias do passado.

²⁶ Teve a sua origem “com autores como Malinowski, Firth, Herskovits, Knight ou Goodfellow. Foi, contudo, nos anos 50, 60 e 70, que foi objeto de um debate bastante alargado e acérrimo entre as duas correntes no contexto da antropologia econômica. Tratou-se, na prática, do denominado “Grande Debate” entre substantivistas e formalistas, que sofreu talvez um impulso decisivo com a publicação do artigo seminal de Karl Polanyi intitulado “The Economy as Instituted Process” e da obra *Trade and Markets in the Early Empires*, editada por Polanyi, Arensberg e Pearson (1957). Assim, Polanyi deve ser inserido, e as suas contribuições entendidas, no contexto específico de um debate decisivo sobre as bases metodológicas da disciplina da antropologia econômica. MACHADO, Nuno Miguel Cardoso. *Sociedade vs. mercado: notas sobre o pensamento econômico de Karl Polanyi*. 2009. 154 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Econômica e das Organizações) - Instituto Superior de Economia e Gestão, Lisboa, 2009, p.14.

Para os substantivistas²⁷, essas economias não poderiam ser analisadas pela perspectiva formalista, já que as mesmas não tinham um mercado que se definia pela formação de preços, algo que só aconteceu nas modernas economias capitalistas.

Ao invés, deve-se partir da definição substantiva que encara a economia enquanto um processo instituído de interação entre o homem e o seu ambiente, o qual resulta numa contínua oferta de meios materiais para satisfazer as suas necessidades, esta sim com carácter universal.²⁸

De acordo com essa perspectiva, para se estudar a sobrevivência humana é preciso adotar uma abordagem substantivista, já que a mesma, diferentemente da abordagem formalista, encara a economia como resultado de uma interação institucionalizada entre o homem e o meio ambiente natural que o rodeia. É nessa interação entre o meio social e o meio natural que o homem produz os elementos necessários para a satisfação de suas necessidades materiais.

Ao comentar sobre o pensamento de Polanyi, Machado sublinha que abordagem formalista terminou por produzir uma “falácia economicista” – ou mentalidade de mercado – que se traduz na identificação automática da economia com a sua forma de mercado e mais, que o significado formal deriva do carácter lógico da relação meios/fins, referindo-se a uma determinada situação de escolha, nomeadamente aquela entre diferentes usos possíveis de um conjunto de meios induzida por uma insuficiência desses mesmos meios.

Seguindo os comentários de Machado, fica posto que a abordagem formalista é bastante nefasta para um estudo objetivo e rigoroso do lugar ocupado pela economia nas diferentes sociedades do passado, do presente e do futuro. O que significa dizer que apenas a abordagem substantiva seria capaz de fornecer os instrumentos – as “lentes”, se quisermos – adequadas para estudar a economia (enquanto processo instituído).

²⁷ Autores substantivistas que contribuíram para a obra *Trade and Markets in the Early Empires*: Hopkins, Pearson, Arensberg. Já no campo formalista, abordagem iniciada por Raymond Firth em sua crítica a Malinowski sobre o papel atribuído à sociedade na determinação do sistema económico, encontramos: Burling, LeClair, Cook e Cancian. Cf. MACHADO, Nuno Miguel Cardoso. *Sociedade vs. mercado*: notas sobre o pensamento económico de Karl Polanyi. 2009. 154 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Económica e das Organizações) - Instituto Superior de Economia e Gestão, Lisboa, 2009, *passim*.

²⁸ MACHADO, Nuno Miguel Cardoso. *Sociedade vs. mercado*: notas sobre o pensamento económico de Karl Polanyi. 2009. 154 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Económica e das Organizações) - Instituto Superior de Economia e Gestão, Lisboa, 2009, p.16.

É a partir dessas concepções acima destacadas sobre como Polanyi percebe a emergência de uma sociedade de mercado - ou regulada por mercados - e a forma como ele define o significado da palavra economia, demonstrando que a economia substantiva se diferencia da formal pelo seu entrelaçamento com o meio social e natural que devemos compreender a abordagem da economia humana por ele proposta e que se baseia no conceito de enraizamento. O que significa dizer que o fenômeno econômico está imerso em instituições econômicas e não econômicas, e que ambas são vitais para sua estruturação e funcionamento.

Esta concepção irá influenciar a nova sociologia econômica americana, por meio dos trabalhos de um de seus principais proponentes, Mark Granovetter.

1.2 Mark Granovetter e a Nova Sociologia Econômica

A partir da década de 1980, Mark Granovetter²⁹ reclama para a sociologia a necessidade de se interpretar os fenômenos econômicos localizando-os naquilo que os fazem ser, antes de tudo, um fenômeno social: nas relações sociais, nas instituições e nas estruturas sociais.

Nesse sentido, é por meio da análise da ação econômica dos agentes e suas redes de relações sociais e contextos, que poderemos compreender as nuances do funcionamento do mercado. Nela se revela os aspectos sociais que animam e regulam os mercados.

Swedberg e Smelser³⁰ lembram que a definição de Granovetter de ação econômica é inspirada na de Weber e diz que a definição sociológica da ação econômica feita por ele seria mais ampla do que a dos economistas, por englobar aspectos que os segundos desprezaram como, por exemplo, o caráter afetivo e tradicional da ação, elementos destacados nas tipologias da ação social Weberiana que, a princípio, pressupõe a interação entre indivíduos, diferenciando-se das visões atomísticas do ator produzidas pelos economistas.

²⁹ GRANOVETTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. In. MARTES, A, C. B. (Org.). Redes e sociologia econômica. São Paulo: EDUFSCAR. 2009.

³⁰ SWEDBERG, Richard; SMELSER, Neil J. *The Handbook of Economic Sociology*. 2 ed. Princeton: University Press, 2005.

O ator, em Weber, é um ator socializado, sua unidade de análise é o indivíduo, mas um indivíduo que se encontra em permanente interação, estabelecendo relações sociais um com o outro, que por estarem performando ações sociais, não podem ser vistos como passivos, mas como potencialmente ativo e reativo. Eles não estão na condição de indivíduo atomizado como pensa a teoria da economia neoclássica.

Nesse sentido, são as relações sociais que mais interessam a Weber³¹, uma conduta plural de vários atores reciprocamente orientados, dotados de conteúdos significativos que descansam na probabilidade de que se agirá socialmente de certo modo. Essa ideia de probabilidade abre possibilidades para que as relações sociais não sejam, assim, tão previsíveis. Exemplo disso é o sentimento de amor, que embora possa ser notado por meio de atitudes típicas e características, pode não ser necessariamente correspondido.

Em Weber, ação social é qualquer ação que leva em consideração as ações ou reações de outros indivíduos e que é modificada levando em conta esses eventos, como diz o autor:

Ação social (incluindo omissão ou tolerância) orienta-se pelo comportamento de outros, seja este passado, presente ou esperado como futuro (vingança por ataques anteriores, defesa contra ataques presentes ou medidas de defesa pra enfrentar ataques futuros).³²

Esses outros de que fala Weber podem ser

[...] indivíduos e conhecidos ou uma multiplicidade de pessoas completamente desconhecidas ('dinheiro', por exemplo, significa um bem destinado à troca, que o agente aceita no ato de troca, porque sua ação está orientada pela expectativa de que muitos outros, porém desconhecidos e em número indeterminado, estarão dispostos a aceitá-lo também, por sua parte, num ato de troca futuro).³³

Weber, insiste em dizer que nem todo tipo de ação é ação social, sendo esta somente aquela em que “quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso”.³⁴

³¹WEBER, Weber. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora da UNB, 1991.

³² *Id. Ibid.*, p. 13.

³³ *Id. Ibid.*, pp. 13-14.

³⁴ *Id. Ibid.*, p. 13-14.

Seguindo essa perspectiva diz Weber que

a atividade econômica (de um indivíduo) unicamente o é na medida em que também leva em consideração o comportamento de terceiros. De maneira geral e formal isso já acontece, portanto, quando ela tem em vista a aceitação por terceiros do próprio poder efetivo de disposição sobre bens econômicos. De um ponto de vista material: quando, por exemplo, durante o consumo, também leva em consideração os futuros desejos de terceiros, orientado por estes, entre outros fatores, as próprias medidas para 'poupar'. Ou quando, na produção, faz dos futuros desejos de terceiros a base de sua própria orientação etc.³⁵

Weber constrói sua tipologia das ações levando em consideração os motivos que a geram. São eles: (1) ação tradicional, ligada a um costume ou um hábito enraizado; (2) ação afetiva ou emocional, motivada por afetos ou estados emocionais atuais; (3) ação racional com relação a valores, atitudes que envolvem um planejamento orientado pelos princípios do agente, seja ético, estético ou religioso; (4) ação racional com relação a fins, sendo determinada pelas expectativas quanto ao comportamento de objetos do mundo exterior e de outras pessoas, tais expectativas são utilizadas como condições ou meios para alcançar determinados fins, ponderados racionalmente.³⁶

Weber, segundo Swedberg e Smelser³⁷, vai ampliar as possibilidades de explicações da ação econômica, a partir da ideia de que os atores agem não apenas pela maximização da utilidade sob condições de escassez (aspecto formal), mas agem também racionalmente, baseados em princípios ligados a lealdade comunal, ao sagrado, aos valores (aspecto substantivo). O reconhecimento de que os atores imprimem significados às coisas e aos processos econômicos no momento da ação, permite a ampliação do escopo da análise, já que significados são historicamente construídos e não são pressupostos externos aos indivíduos, podem ser empiricamente investigados.

Para Weber,

a orientação econômica pode realizar-se de forma tradicional ou de forma racional referente a fins. Mesmo com considerável racionalização da ação, a

³⁵ *Id. Ibid.*, p. 14.

³⁶ *Id. Ibid.*, p. 15.

³⁷ WEBER *Apud* SWEDBERG, Richard; SMELSER, Neil J. *The Handbook of Economic Sociology*. 2 ed. Princeton: University Press, 2005,

influência exercida pela orientação tradicional permanece relativamente importante. A orientação racional determina, em regra, primariamente a ação de direção qualquer que seja a natureza desta. O desenvolvimento da gestão econômica racional a partir da busca puramente instintiva e reativa de alimento ou a partir da utilização de uma técnica tradicional e de relações sociais habituais está condicionada também, em considerável grau, por ações e acontecimentos não econômicos e não cotidianos e, além disso, pela pressão da necessidade por restrição absoluta ou (regularmente) relativa do espaço de subsistência.³⁸

A ação econômica em Weber, segundo Swedberg e Smelser, diz respeito ao reconhecimento do uso do poder, pois, diferentemente dos economistas que falam da ação econômica como uma troca entre iguais dizendo que nenhum comprador tem o poder de influenciar nos preços, a definição sociológica da ação econômica pressupõe o uso do poder como fundamental para compreender o exercício do poder na sociedade (especialmente política e de classe).

Em Granoveter³⁹, essa ação econômica não é analisada em si mesma, mas em seu desdobramento. É nas redes sociais que essas ações são capazes de gerar e serem geradas. Steiner⁴⁰, citando Wasserman e Faust, define redes sociais como um conjunto de atores ligados por uma relação; uma rede caracteriza, assim, o sistema formado pelos indivíduos diretos e indiretos (os contatos de meus contatos etc.) entre atores. Por analogia, é uma forma de interação social que põe atores em contato; essas interações podem ser transações realizadas em um mercado, podem ser trocas de serviços entre indivíduos de um mesmo bairro, ou podem ser devidas à presença dos atores nos conselhos de administração de um conjunto de empresas.

Como estruturas sociais, o mercado pode ser estudado por meio das “formas recorrentes e padronizadas de relações entre atores, mantidas por meio de sanções”⁴¹ que influenciarão nos desdobramentos das ações econômicas, ganhando relevo as questões ligadas à subjetividade dos agentes econômicos, à diversidade e à história de suas formas de coordenação, às representações mentais a partir das quais se relacionam uns com os outros, à sua capacidade de obter e inspirar confiança, de negociar, fazer cumprir contratos, estabelecer e realizar direitos.

³⁸ WEBER, Max. WEBER, Weber. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora da UNB, 1991, p.15.

³⁹ GRANOVETTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. RAE-ELETRÔNICA - Fórum - Sociologia Econômica, v. 6, n. 1, Art. 5, jan./jun. 2007.

⁴⁰ STEINER, Philippe. *A sociologia econômica*. São Paulo: Atlas, 2006, p.77.

⁴¹ SWEDEBERG Apud ABRAMOVAY, Ricardo. Entre Deus e o Diabo: mercados e interação humana nas ciências sociais. TEMPO SOCIAL. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, v. 16, n. 2, p. 35-64, nov. 2004, p. 36.

Segundo Abramovay⁴², com a nova sociologia econômica o mercado passa a ser estudado de forma distinta daquela imagem canônica consagrada na teoria do equilíbrio geral já que na perspectiva da nova sociologia econômica ganha relevo as estruturas sociais onde se enraízam os interesses dos indivíduos nas relações de troca estabelecidas uns com os outros, relações essas permeadas por formas de coordenação caracterizadas por conflitos, dependências, estruturas e imprevisibilidades.

Abramovay destaca que esse tipo de interpretação não está presente apenas na nova sociologia econômica, mas também na própria ciência econômica (economia institucional), existindo então duas formas de se estudar o mercado: a primeira posta pelos neoclássicos, que define o mercado como *mecanismo de formação de preços* (pressupondo o caráter automático da ação econômica e dos mercados) e a segunda defendida pelas outras duas abordagens, que definem o mercado como *estruturas sociais* (pressupondo que a conduta dos indivíduos e dos grupos só se explica socialmente).

De acordo com Wilkinson, Mark Granovetter estabeleceu uma análise que focaliza a maneira em que a atividade econômica está moldada pela intermediação de obrigações e interesses sociais. O autor está inspirado na noção de enraizamento de Polanyi, a qual será reinterpretada por Granovetter, a partir da noção de redes sociais, onde a natureza das redes e a posição do ator nessas redes deveriam ser os pontos de partida para a análise da vida econômica.⁴³

Granovetter localiza sua argumentação sobre a questão da imersão (*embeddedness*) ou de como nas sociedades modernas ocidentais a ação econômica está imersa nas relações sociais (como os comportamentos e as instituições são afetados pelas relações sociais) dentro de uma tradição mais ampla da teoria social, que ora a tratava de forma sub, ora de forma supersocializada e identifica essas duas posturas como sendo respectivamente representadas pelos formalistas (a economia clássica e neoclássica, a antropologia econômica formalista

⁴² *Id. Ibid.*,

⁴³ WILKINSON, John. A sociologia econômica, a teoria das convenções e o funcionamento dos mercados: *inputs* para analisar os micros e pequenos empreendimentos agroindustriais no Brasil. ENSAIOS FEE, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 805-824, 2002. GRANOVETTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. RAE-ELETRÔNICA - Fórum - Sociologia Econômica, v. 6, n. 1, Art. 5, jan./jun. 2007.

e a economia institucional) e pelos substantivistas (os marxistas, Polanyi, a antropologia econômica substantivista, os teóricos da “economia moral” Thompson e Scott).

Na tradição subsocializada dos formalistas encontra-se uma forma de ação econômica que nos remete, segundo Granovetter⁴⁴, ao postulado de Adam Smith que dizia que a natureza humana tinha certa propensão de trocar, negociar e permutar uma coisa pela outra, e que nas sociedades primitivas o trabalho seria o único fator de produção, sendo os bens trocados na proporção de seus custos de trabalho. Nesse contexto, as estruturas sociais e as relações sociais não teriam nenhum impacto sobre a produção, a distribuição e o consumo dos bens.

Assim, os formalistas acreditavam que a imersão em sociedades tradicionais não seria substancialmente superior aos baixos níveis encontrados nos mercados modernos, rejeitando então, todas as interpretações que contemplem os impactos das estruturas sociais e das relações sociais sobre a produção, a distribuição e o consumo já que existiria uma propensão a um cálculo e uma ação orientada por interesses egoístas.

Os formalistas deixavam de ver o que Garcia Parpet demonstrou em sua análise das condições sociais de realização e funcionamento de um mercado⁴⁵, baseado no modelo da concorrência pura e perfeita da teoria econômica do equilíbrio geral. Esta análise fez, por um lado, desmoronar as ideias de que o social seria uma variável residual e obstáculo para a realização deste modelo, por outro lado, afirmou que, pelo contrário, o social intervém em todas as práticas de mercado, mesmo naquelas consideradas como as mais “econômicas”.⁴⁶

Menos a “mão invisível” e mais a “criação permanente” é o que Garcia Parpet vai encontrar no mercado perfeito de *Fontaines-en-Solongne* quando analisa a sua criação, e diz que

⁴⁴ GRANOVETTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. In. MARTES, A, C. B. (Org.). Redes e sociologia econômica. São Paulo: EDUFSCAR. 2009.

⁴⁵ Segundo Garcia-Parpet, o mercado de frutas (morangos de mesa) de *Fontaines-en-Solongne* baseado num sistema de comercialização feita através de leilões (como numa bolsa de mercadorias), foi criado a partir da intervenção de um jovem assessor econômico junto com alguns agricultores de *Fontaines-en-Solongne* interessados em buscar novas formas de comercialização.

⁴⁶ Cf. GARCIA-PAR-PET, Marie France. A construção social de um mercado perfeito: o caso de *Fontaines-en-sologne*. ESTUDOS, SOCIEDADE E AGRICULTURA, Rio de Janeiro, n. 20, abr. 2003.

é mais próxima de uma “invenção social” devida ao trabalho de alguns indivíduos interessados, por diferentes razões, em mudanças das correlações de força entre agricultores e comerciantes do que à aparição espontânea de um mecanismo liberador de energias econômicas que se imporia graças à racionalidade e à eficácia de seus processos.⁴⁷

Quanto aos mecanismos de fixação de preços a autora diz

Na verdade, o funcionamento do mercado deve ser objeto de uma vigilância incessante por parte de seus organizadores, que devem lutar contra todas as ações dos participantes que possam prejudicar o desenrolar das transações mercantis nas suas formas idealizadas [...]. Nesse sentido, há trocas cotidianas de informação por telefone sobre a evolução dos preços, há acordos secretos cujos efeitos observáveis são, por exemplo, a manutenção do mesmo preço ofertado quando uma mercadoria é submetida a uma segunda rodada de venda por ter o seu dono recusado o preço ofertado numa primeira vez.⁴⁸

Essa forma de fixação de preços mostra que o mercado concorrencial perfeito é produto de uma construção social, por ter ele a clara influência dos participantes. Temos então que, na prática, o modelo da concorrência pura e perfeita proposto pelo jovem assessor da Câmara Regional de Agricultura francesa que estava trabalhando com os agricultores em *Fontaines-en-Sologne* não conseguiu ficar imune às forças externas interferindo assim em sua regulação.

Na tradição supersocializada dos substancialistas Granoveter⁴⁹ apoiado nas considerações de Dennis Wrong, define a ação econômica como sendo levada a cabo por

peças decisivamente sensíveis às opiniões dos outros e, portanto, obedientes às diretrizes ditadas por sistemas consensualmente desenvolvidos de normas e valores, interiorizados por meio da socialização, de forma que a obediência não é percebida como um peso.⁵⁰

De acordo com Granovetter, o divisor de águas entre essas duas escolas de pensamento seria o de saber se o processo de modernização das sociedades modernas ocidentais teria gerado um processo de desenraizamento da ação

⁴⁷ *Id. Ibid.*, p. 24.

⁴⁸ *Id. Ibid.*, p. 25.

⁴⁹ GRANOVETTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. In. MARTES, A, C. B. (Org.). Redes e sociologia econômica. São Paulo: EDUFSCAR. 2009, p. 35.

⁵⁰ WRONG, Dennis. The oversocialized conception of man in modern sociology. *America Sociological Review*, V. 26, N. 2. 1961, p. 183- 193.

econômica ou do comportamento econômico. Ou seja, existe uma perspectiva que defende que, nas sociedades pré-mercantis, o comportamento econômico encontrava-se imerso nas relações sociais, e outra perspectiva afirma que, nas sociedades capitalistas modernas, esse comportamento teria se modificado em função da autonomia do econômico frente ao social, que a economia seria “uma esfera diferenciada e cada vez mais separada na sociedade moderna, com transações econômicas não mais definidas por obrigações sociais ou de parentesco”.⁵¹

Granovetter destaca que esse tipo de perspectiva também estava presente nos trabalhos de autores como North e Thomas, Williamson e Popkin. Estes

sustentaram que os comportamentos e as instituições previamente interpretados como imersos em sociedades anteriores, bem como na nossa própria, podem ser melhor compreendidos como o resultado da busca de interesses próprios por indivíduos racionais, mais ou menos atomizados.⁵²

Frente aos formalistas e substantivistas, Granovetter assume a seguinte posição:

Meu ponto de vista diverge de ambas as escolas de pensamento. Afirmando que o nível de imersão do comportamento econômico é mais baixo em sociedades não reguladas pelo mercado do que o sustentado pelos substantivistas e teóricos do desenvolvimento, e que esse nível mudou menos com o processo de “modernização” do que esses autores defendem; mas sustento também que esse nível sempre foi e continua a ser mais substancial do que o considerado pelos formalistas e economistas.⁵³

Divergindo das escolas de pensamento formalista e substantivista, Granovetter constrói sua abordagem sobre a imersão de ação econômica nas estruturas das relações sociais, focando naquilo que tanto as explicações sub e supersocializadas não focaram que são as estruturas contínuas das relações sociais, as redes mais abrangentes de relações sociais e os contextos em que elas estão imersas. Só assim sairemos das armadilhas de uma abordagem atomizada dos sujeitos postas pelas outras duas abordagens, seja pela busca estritamente

⁵¹ GRANOVETTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. In. MARTES, A. C. B. (Org.). Redes e sociologia econômica. São Paulo: EDUFSCAR. 2009, p. 33.

⁵² *Id. Ibid.*, p. 34.

⁵³ *Id. Ibid.*, p. 04.

utilitarista dos próprios interesses, seja pela excessiva interiorização dos padrões comportamentais, tornando periféricas as relações sociais.

Para Granovetter,

os atores não se comportam nem tomam decisões como átomos fora de um contexto social, e nem adotam de forma servil um roteiro escrito para eles pela intersecção específica de categorias sociais que eles porventura ocupem. Em vez disso, suas tentativas de realizar ações com propósito estão imersas em sistemas concretos e contínuos de relações sociais.⁵⁴

Não se deve nem absolutizar o peso dos valores sociais na ação dos atores sociais em interação, nem superestimar a presença do oportunista barganhador quando se busca entender os meandros do mercado, o que se deve mesmo é analisar as relações sociais contínuas de atores sociais como sendo influenciadas por contextos sociais e inseridas em redes sociais também contextualizadas que eles tanto influenciam, como também por elas são influenciadas.

Esta perspectiva de Granovetter é baseada numa concepção de cultura pensada por autores como Fine, Kleinman e Cole, que concebem as influências culturais como algo que não ocorre nem de forma completa nem definitiva, mas como um processo permanentemente construído e reconstruído durante as interações entre atores sociais. Essas influências culturais são vistas de forma relacionais, elas não apenas condicionariam seus membros, mas também por eles seriam condicionadas.

O reconhecimento da importância das relações sociais contínuas influenciando as ações econômicas de atores entendidos não apenas como estando no mercado, mas que participam de processos coletivos de construção e manutenção desses mercados coloca em pauta o problema da ordem ou de como lidar com comportamentos balizados pelo oportunismo de determinados atores nas relações de troca. Tal problema foi levantado de forma mais ampla por Hobbes em sua obra “Leviatã”, e consiste, segundo Granovetter, em saber “como é possível que aqueles que buscam seus próprios interesses não o façam principalmente pela força e pela fraude”.⁵⁵

⁵⁴ *Id. Ibid.*, p. 05.

⁵⁵ GRANOVETTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. RAE-ELETRÔNICA - Fórum - Sociologia Econômica, v. 6, n. 1, Art. 5, jan./jun. 2007, p. 40.

Os economistas institucionais segundo até retomaram questões anteriormente negligenciadas como a confiança e a má-fé (por se acreditar que em um mercado autorregulado, o uso da força e da fraude seria suprimido pela competição) no contexto das ações econômicas, como fez Oliver Williamson ao reconhecer

que atores econômicos reais se pautam não somente pela busca de seus próprios interesses, mas também pelo oportunismo - a busca ardilosa do interesse próprio; agentes hábeis na dissimulação obtêm vantagens transacionais.⁵⁶

A questão é que para Granovetter⁵⁷ eles o fizeram de forma insuficiente uma vez que não perceberam que as relações pessoais concretas e as obrigações delas decorrentes seriam elementos importantes no desencorajamento da má-fé, jogando suas fichas nos arranjos institucionais (contratos explícitos e implícitos, plano de compensação diferida, aposentadoria compulsória), ou numa moralidade generalizada (acordos implícitos de respeito pelo próximo) como se somente elas bastassem para evitar o recurso à força e a fraude como, por exemplo, (os do próprio Granovetter) a negligência no trabalho e a divulgação de segredos de propriedade.

Esses arranjos institucionais e a ideia de uma moralidade generalizada representam respectivamente, segundo Granovetter⁵⁸, uma resposta subsocializada e supersocializada, sendo vistas como soluções eficientes para determinados problemas econômicos, e o que é ainda mais grave, operando como um substituto funcional da confiança ao invés de estar produzindo confiança.

A abordagem da imersão, segundo Granovetter, “ênfatiza, por sua vez, o papel das relações pessoais concretas e as estruturas (ou ‘redes’) dessas relações na origem da confiança e no desencorajamento da má-fé”.⁵⁹ A ideia da imersão traz, na perspectiva deste autor, uma contribuição significativa para o problema da ordem na vida econômica, uma vez que ela centra sua análise nos elementos constitutivos

⁵⁶GRANOVETTER, Mark. Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. In. MARTES, A, C. B. (Org.). Redes e sociologia econômica. São Paulo: EDUFSCAR. 2009, p. 40.

⁵⁷ *Id. Ibid.*, p. 42

⁵⁸ *Id. Ibid.*, p. 42

⁵⁹ *Id. Ibid.*, p. 43.

da ação no sentido de que esta é sempre socialmente produzida. A análise da imersão traz o social para a cena e pressupõe que a ação tem um desdobramento dentro de redes sociais, fomentadas pelas relações contínuas que os diferentes agentes econômicos estabelecem entre si.

O reconhecimento da existência de possíveis conflitos entre os diferentes atores nos abre a possibilidade de pressupor que esse problema pode ser resolvido ou mitigado pelos que neles estão envolvidos, a partir da fomentação de relações de confiança e reciprocidade como forma de inibir esses mesmos conflitos.

Abre-se a possibilidade de se analisar a ação econômica dos atores sociais de forma mais dinâmica, uma vez que Granovetter ressalta que a cultura tanto influencia como é influenciada pelos atores, bem como a importância do contexto social mais imediato onde os atores estariam agindo. Os atores sociais em suas relações sociais estariam abrindo novas possibilidades de interação e ação, bem como novas situações e contextos geradores de novas realidades.

Na perspectiva da nova sociologia econômica, tais realidades terão sempre que lidar com a questão da produção da confiança e da inibição da má-fé. Ou seja, da questão da ordem, mas adverte também que sua perspectiva pode gerar problemas, e sem querer correr o risco de substituir um funcionalismo otimista assentado nas instituições e na moralidade generalizada, por outro assentado nas redes de relações sociais contínuas, Granovetter destaca que há duas formas de reduzir este risco:

uma delas é reconhecer que, como solução para o problema da ordem, a perspectiva da imersão é menos universal do que qualquer argumento alternativo, já que as redes de relações sociais penetram irregularmente e em diferentes graus nos vários setores da vida econômica, permitindo assim os fenômenos que já nos são conhecidos: a desconfiança, o oportunismo e a desordem não estão, de forma alguma, ausentes. A segunda forma é salientar que, apesar de as relações sociais de fato poderem ser em muitos casos uma condição necessária para a confiança e o comportamento honesto, elas não constituem garantia suficiente e podem até fornecer a ocasião e os recursos para a má-fé e o conflito em uma escala mais ampla do que em sua ausência.⁶⁰

Fica explícita a ideia de que a relação de produção da confiança e de inibição da má-fé se dá num processo marcado pelo conflito e pelo fato de estar sempre em construção. Conflito por ser a má-fé um comportamento não desejado, mas que

⁶⁰ *Id. Ibid.*, pp. 44-45.

pode ser utilizado por atores econômicos na busca racional do benefício próprio, usando de todos os meios disponíveis, inclusive a trapaça e a fraude. Construção por ser a confiança algo que deve ser produzida, alimentada e monitorada uma vez que a mesma pode ser quebrada por atores econômicos que visam seus próprios interesses.

Cabe lembrar que quando Granovetter levantou o problema da imersão ele estava pensando não nas sociedades pré-mercantis, mas nas sociedades modernas, mais precisamente numa questão levantada por um economista institucional como Oliver Williamson em seu programa de pesquisa “mercados e hierarquias”, quando este questionava sobre quais transações na sociedade capitalista moderna têm lugar no mercado e quais estão confinadas a empresas hierarquicamente organizadas? Ou seja, quais ações econômicas poderiam estar sendo coordenadas pela livre concorrência, pela competitividade e quais ações econômicas poderiam estar sendo coordenadas pelos arranjos institucionais?

O que está em jogo é o “apelo às relações de autoridade para domar o oportunismo”⁶¹ no mercado. O mercado, na perspectiva de Oliver Williamson, se assemelha, segundo Granovetter, ao estado de natureza de Hobbes⁶². É preciso recorrer a arranjos institucionais baseados no poder hierárquico dentro das empresas para garantir que o comportamento do mercado não seja o da promoção de atitudes oportunistas.

Para Granovetter, o reconhecimento - por parte de Oliver Williamson - de que é possível ver em alguns momentos um mercado que sofre a influência das estruturas sociais, é mínima, sendo vista pelo economista como exceções, enquanto que em Granovetter o que se sobressai é uma abordagem onde o que se percebe é que no mercado existe sobreposição social nas transações econômicas tanto entre empresas como dentro das empresas.

⁶¹ GRANOVETTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. In: MARTES, A, C. B. (Org.). *Redes e sociologia econômica*. São Paulo: EDUFSCAR. 2009, p. 48.

⁶² Thomas Hobbes, filósofo *contratualista* que entre no século XVI afirmava que a origem do Estado e/ou da sociedade está num contrato. Pressupunha Hobbes que os homens viveriam, naturalmente, sem poder e sem organização. Nesse contexto, todos os homens seriam iguais no seu egoísmo e assim a ação de um encontrava limites na força do outro. “O homem era o lobo do homem”. O Estado de Natureza é o Estado de guerra de todos contra todos. RIBEIRO, R. J. Hobbes: o medo e a esperança. In: WEFFORT, F. C. (Org.). *Os clássicos da política: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau, “O Federalista”*. São Paulo: Ática, 2003.

Diz, assim, Granovetter:

afirmo que o mercado anônimo dos modelos neoclássicos praticamente inexistente na vida econômica e que as transações de todos os tipos são associadas às conexões sociais descritas. Isso não ocorre necessariamente mais no caso de transações entre empresas do que dentro das empresas. Entretanto, o que pretendo mostrar aqui é que há sobreposição social suficiente nas transações econômicas entre empresas (no 'mercado', para usar o termo da dicotomia de Williamson) para nos fazer duvidar da afirmação de que complexas transações de mercado se aproximam de um estado de natureza *hobbesiano*, que só pode ser resolvido pela interiorização de uma estrutura hierárquica.⁶³

Assim, buscando entender em que medida o comportamento e as instituições são afetadas pelas relações sociais contínuas, Mark Granovetter em seu artigo de 1985, demonstra como as amizades e as relações pessoais irão minar a impessoalidade do mercado, insistindo na importância de se analisar o mercado a partir da ideia de redes sociais, pressupondo que “redes sociais facilitam a circulação de informações e asseguram a confiança ao limitar os comportamentos oportunistas”.⁶⁴

Com sua abordagem da economia imersa na ordem social, Granovetter mostra que

mesmo com transações complexas, um alto nível de ordem pode muitas vezes ser encontrado no 'mercado' - isto é, cruzando fronteiras entre empresas – bem como um alto nível correspondente de desordem dentro da empresa. A ocorrência desses fatores, diferentemente do esperado por Williamson, depende da natureza das relações pessoais e das redes de relações entre as empresas e dentro delas. Sustento que a ordem e a desordem, a honestidade e a má-fé tem mais relação com a estrutura dessas relações do que com a forma organizacional.⁶⁵

Nesse sentido, o objetivo da sociologia econômica segundo Abramovay seria o de

⁶³ GRANOVETTER, Mark. . Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. In. MARTES, A, C. B. (Org.). Redes e sociologia econômica. São Paulo: EDUFSCAR. 2009,p. 49.

⁶⁴ RAUD-MATTEDI, Cecile. A construção social do mercado em Durkheim e Weber: análise do papel das instituições na sociologia econômica clássica. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, v. 20, n. 57, fev. 2005, pp. 65-66.

⁶⁵ GRANOVETTER, Mark. . Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. In. MARTES, A, C. B. (Org.). Redes e sociologia econômica. São Paulo: EDUFSCAR. 2009, p

mostrar que, nos mercados, os vínculos sociais concretos, localizados, são determinantes de suas dinâmicas e que, portanto, sua autorregulação depende da própria maneira como a interação social ocorre. O caráter *formalmente impessoal* dos mercados – tão justamente ressaltado pelos mais importantes clássicos das ciências sociais – não impede então que eles sejam construídos, na verdade, por formas concretas de coordenação, cujo estudo empírico é o objeto principal da nova sociologia econômica.⁶⁶

Vínculos concretos com o social, que se desdobram na imersão da ação econômica em redes sociais animadas pelos atores e motivados por múltiplas razões, são características fundamentais do mercado segundo a nova sociologia econômica. Aqui, na tese que estamos desenvolvendo, a promoção desses vínculos (entre o social e o econômico) podem ser vistos como estando contribuindo para o fortalecimento da agricultura familiar, ou pelo menos de vários grupos de agricultores familiares espalhados pelas diferentes regiões do Brasil, especialmente no nordeste e, mais precisamente, (para efeito de análise) na zona da mata norte e agreste Pernambucano (serão analisadas tais iniciativas no capítulo III e IV desta tese).

Aqui, temos a atuação de grupos que redirecionaram suas práticas produtivas ao investirem na produção e comercialização de produtos agroecológicos, estes que, por princípio, estariam fundamentados na ideia de que o processo produtivo deva estar orientado por uma relação sinérgica entre homem e natureza, minimizando o máximo possível de seu impacto sobre a mesma, num contexto onde se abriram muitas possibilidades de produção e de comercialização de produtos alimentares.

⁶⁶ABRAMOVAY, Ricardo. Entre Deus e o Diabo: mercados e interação humana nas ciências sociais. TEMPO SOCIAL. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, v. 16, n. 2, p. 35-64, nov. 2004, p. 55.

2. AGROECOLOGIA E A INSERÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR NOS MERCADOS

2.1 O Surgimento do Enfoque Agroecológico num Contexto de Crise Socioambiental Global

O processo de produção e reprodução da vida social baseado no padrão socioeconômico capitalista de exploração dos recursos naturais com vistas à produção em massa de mercadorias possibilitou, nas últimas décadas, a circulação e o consumo de produtos alimentícios em tempo e quantidade recorde, provocando consequências drásticas já que o mesmo é gerador de resíduos impactantes ao meio ambiente, e apontado por muitos como responsável pela desestabilização do equilíbrio ecológico dos ecossistemas naturais, produzindo o aumento progressivo do aquecimento e das mudanças climáticas globais.

O modo de produção capitalista tem contribuído fortemente para gerar uma crise socioambiental que hoje ganha contornos específicos por assumir um caráter global. Cabe lembrar que esta crise também está ligada aos processos históricos recentes de modernização, apoiados nos avanços da ciência em conexão com as tecnologias, bem como na expansão pretensamente hegemônica da lógica de mercado que mercantiliza, comercializando e capitalizando a vida e a natureza, trazendo problemas que incidem diretamente na qualidade de vida e na condição de existência humana na terra.

Leff destaca que as sociedades modernas provocaram uma crise de civilização por reproduzir-se destruindo suas bases ecológicas e suas condições de habitabilidade⁶⁷ ao promoverem a sobreposição da racionalidade econômica e da razão tecnológica sobre a organização da natureza e da vida, subjugando os potenciais ecológicos, dominando as identidades étnicas e desconhecendo seus saberes.

Nesse sentido, se pode dizer que estamos vivenciando múltiplas crises: a alimentar, a energética, a climática, a ambiental, a social e a econômica.

⁶⁷Segundo Leff esse desajuste entre desenvolvimento cultural e equilíbrio ecológico não são recentes e já levaram outras sociedades a seu colapso. A questão é que hoje esse fenômeno adquiriu uma dimensão global e planetária. LEFF, Enrique. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

Figueiredo e Lima apontam três características da crise socioecológica contemporânea:

- a) Esgotamento de recursos naturais (redução da biodiversidade, esgotamento de combustíveis fósseis, de água potável, do solo e de minerais);
- b) Poluição de ecossistemas, da água, da atmosfera com substâncias tóxicas que degradam estes meios, vitais para a vida na terra;
- c) Saturação do meio ambiente com resíduos oriundos de processos produtivos e de consumo que superam a capacidade de assimilação dos ecossistemas.⁶⁸

Para Petersen⁶⁹, essa crise civilizacional coloca os seguintes dilemas: Como alimentar uma população mundial crescente? Como superar a pobreza e o desemprego estrutural? Como manter os níveis de produtividade alcançados pela agricultura industrial sem dar continuidade ao uso intensivo de combustíveis fósseis e a deterioração da base biofísica que sustenta os processos produtivos da agricultura? Como construir mecanismos de adaptação dos sistemas agrícolas às já inevitáveis mudanças climáticas globais? Como assegurar a viabilidade da agricultura frente a mercados cada vez mais imprevisíveis, competitivos e subordinados aos interesses dos setores industriais e financeiros?

Os espaços rurais não ficaram imunes a esses processos e lógicas de exploração do modo de produção capitalista e conseqüentemente suas crises. Pelo contrário, ao longo da história o homem sempre buscou diminuir sua dependência em relação à natureza e aumentar a sua produção, o que o fez incorporar ou produzir conhecimento e tecnologia capaz de controlar a fertilidade dos solos e prever as condições climáticas, assumindo, assim, os riscos que esses direcionamentos possam gerar do ponto de vista socioambiental.

Esse problema nos remete aos períodos históricos da agricultura no seu esforço de desenvolver técnicas e instrumentos que contribuíssem para resolver o problema acima mencionado. São exemplos disso a construção de canais de irrigação, a adubação do solo por meio do uso de esterco animal, cascas e restos de alimentos, assim como o arado e os moinhos.

⁶⁸ PENA *Apud* FIGUEIREDO, Marcos Antônio B.; LIMA, Jorge Roberto T. de. (Orgs.) *Agroecologia: conceitos e experiências*. Recife: Bagaço, 2006, p. 30.

⁶⁹ PETERSEN, Paulo. (org.) *Agricultura familiar camponesa na construção do futuro*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009, p. 05.

As transformações na agricultura se radicalizam no final do século XIX e início do século XX com a segunda Revolução Industrial ocorrida nos Estados Unidos. Nesse período, começa a se formar um processo produtivo que se assemelha aos da indústria, com descobertas científicas e tecnológicas ligadas ao melhoramento genético de espécies vegetais e dos rebanhos, a utilização de fertilizantes químicos e a mecanização das atividades agrícolas, forjando um processo de artificialização em curso até hoje.

A agricultura convencional passou a obedecer a uma lógica de produção industrial com uma tendência clara de especialização do processo, com uma produção em escala e ainda uma mecanização que diminui o uso da mão-de-obra. Ao mesmo tempo em que se assistia ao abandono progressivo do sistema de rotação de culturas e a separação entre a produção vegetal e animal.

Outro aspecto importante a destacar é que a partir de então o sistema convencional com o uso intensivo de terras passou a apresentar uma forte dependência do agricultor diante da indústria fornecedora dos meios de produção, mais especificamente os insumos agrícolas, sementes, adubos, defensivos e máquinas, num processo constante de mercantilização ou monetarização que inviabiliza a entrada e permanência do agricultor familiar.

Todo esse processo que inicialmente começou a acontecer nos países desenvolvidos passou a se expandir para vários países subdesenvolvidos a partir da II Guerra Mundial, ficando conhecido como Revolução Verde⁷⁰, com seus pacotes tecnológicos, suas relações de produção e de mercado baseados numa racionalidade científica e capitalista que iria modificar as formas de relacionamento do homem com a natureza, suas visões de mundo, modos de vida e formas de sociabilidade.

Barros e Silva⁷¹, por exemplo, afirma que uma prática que se tornou comum e aparentemente inofensiva, como o revolvimento intensivo do solo, é na verdade

⁷⁰Esse processo de mudança na estrutura de produção agrícola em terras brasileiras se deu a partir da conjugação de interesses políticos e econômicos de diferentes grupos de poder (o complexo agroindustrial internacional, a oligarquia rural e os setores modernos do capital urbano nacional) em consonância com a ideologia de modernização conservadora do governo militar assentada na internacionalização e aceleração do processo de industrialização.

⁷¹BARROS e SILVA, E. A. Inserção dos agricultores de base familiar no mercado da agricultura orgânica: o caso da associação dos amigos do meio ambiente - AMA/Gravatá-PE. Dissertação. Universidade Federal de Pernambuco. Mestrado em Gestão e Políticas Ambientais, Recife Abril de 2005,

inadequada às regiões tropicais e subtropicais, foram importadas às terras brasileiras pelas fábricas de tratores e implementos agrícolas dos países onde se localizam suas sedes, todas situadas em regiões temperadas e frias.

Essa modernização experimentada pelas sociedades rurais teve duas fases: a primeira entre 1943 e 1965 e, a segunda, que se desdobra desde os anos de 1965. A Revolução Verde representa os efeitos da atuação da lógica capitalista sobre a agricultura, quando os grandes grupos capitalistas passaram a interferir na organização da produção, fazendo com que se produzisse somente para o mercado externo.

Os pacotes tecnológicos da Revolução Verde foram acompanhados por um conjunto de iniciativas que levaram a criação de uma estrutura de crédito rural subsidiado, uma estrutura de ensino, pesquisa e extensão rural que animaram e ainda animam as escolas de agronomia.

Segundo Martine e Garcia⁷² a adoção dos pacotes tecnológicos (sementes melhoradas, insumos químicos e biológicos, mecanização) pelos países subdesenvolvidos representava a possibilidade, por um lado, de alcançar rapidamente a autossuficiência alimentar e, por outro, gerar a produção de um excedente agrícola negociável no mercado externo, o que poderia repercutir de forma positiva em todos os setores da economia, particularmente na indústria.

Barros e Silva⁷³ consideram que, se analisadas do ponto de vista ambiental, veremos que as práticas agrícolas da agricultura convencional ou agroquímica conduzem ao empobrecimento dos sistemas ecológicos naturais em relação à biodiversidade. Afirma também que os indicadores oficiais de avaliação do desempenho dessa agricultura focam apenas na produtividade dessas explorações e no volume físico e financeiro das exportações, deixando de fora os impactos de sua atuação na eficácia energética da produção agrícola, na estrutura socioeconômica e fundiária, no atendimento da demanda interna de alimentos e na

⁷² MARTINE, G.; GARCIA, R. C. A modernização agrícola e a panela do povo. In: _____; _____. (Org.). *Os impactos sociais da modernização agrícola*. São Paulo: Caetés, 1987, *passim*.

⁷³ BARROS e SILVA, E. A. Inserção dos agricultores de base familiar no mercado da agricultura orgânica: o caso da associação dos amigos do meio ambiente - AMA/Gravatá-PE. Dissertação. Universidade Federal de Pernambuco. Mestrado em Gestão e Políticas Ambientais, Recife Abril de 2005,

viabilidade de seus insumos (agrotóxicos, fertilizantes químicos sintéticos) nos ecossistemas tropicais e subtropicais.

A partir dos anos de 1960⁷⁴, a agricultura convencional⁷⁵ com seus pacotes tecnológicos começou a ser criticada pelos movimentos sociais e ambientais, que diziam ser essa forma de agricultura uma das culpadas pelo processo de degradação ambiental derivadas da compactação dos solos em razão da intensa mecanização das atividades agrícolas e da utilização indiscriminada de agrotóxicos. Estava sendo posto em pauta a nocividade que esses pacotes tecnológicos levavam ao solo, à água, à atmosfera, aos animais e à própria saúde e bem estar do homem.

A degradação ambiental obriga a problematização, construção e ressignificação de novas concepções de mundo, sobre o desenvolvimento das relações técnicas de produção, da relação da sociedade com a natureza e das relações sociais que estruturam e dão sentido à vida em sociedade. Questões que ganham força nas últimas décadas e que foram assumidas pelos movimentos sociais e ambientais, pela comunidade científica (Clube de Roma) e, mais lentamente pelos Estados nacionais.

A partir da percepção de que o padrão moderno de agricultura entrara em crise, centrado que estava apenas nos processos químicos e mecânicos e nos aspectos econômicos e financeiros da produção, ganha força a discussão sobre a necessidade de promover estilos alternativos de agricultura, genericamente denominados de agricultura sustentável, que pudesse responder de forma positiva a questões ligadas à sua viabilidade econômica (autossuficiência e geração de renda, conservação dos recursos e minimização dos riscos), ecológica ou ambiental (qualidade dos recursos naturais, vitalidade do agroecossistema incluindo os seres humanos, as lavouras e os animais até os micro-organismos do solo) e social (valorização das comunidades rurais em seus aspectos sociais, humanos e culturais).

⁷⁴Segundo Caporal e Costababer, é antiga a tentativa de fugir ao modelo da agricultura convencional que se tornou hegemônico no início do século XX, com as novas descobertas da química agrícola, da biologia e da mecânica. Em diversos países, passaram a surgir estas agriculturas alternativas, com diferentes denominações: orgânica, biológica, natural, ecológica, biodinâmica, permacultura, entre outras. CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. *Agroecologia: alguns conceitos e princípios*. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

⁷⁵O modelo da Revolução Verde que deu suporte a essa agricultura convencional está passando por uma recauchutagem, como diz Caporal e Costababer, emanadas das correntes da “Intensificação Verde”, da “Revolução Verde Verde” ou “Dupla Revolução Verde” com tendências ecotocráticas baseada na incorporação parcial de elementos de caráter ambientalista ou consevacionista nas práticas agrícolas convencionais. *Id. Ibid.*, p. 08

Segundo Ehlers, o uso da expressão “agricultura sustentável” se tornou cada vez mais frequente, passando a substituir o adjetivo “alternativo”⁷⁶, que caracterizou durante a década de 1970 diferentes linhas tecnológicas que se opunham à agricultura convencional. O termo alternativo engloba as modalidades de agricultura como: a biodinâmica, a biológica, a natural, a permacultura, a orgânica, ou ainda a agroecologia. Consistem estas em conjuntos de técnicas distintas, de acordo com a representação que cada um de seus idealizadores tem de agricultura, da relação desta com o meio ambiente, com a produção de alimentos e com o ambiente social em que elas se inserem.

Segundo Ehlers, a “agricultura sustentável” é considerada um objetivo a ser alcançado, uma forma de se pensar ou uma filosofia. Não se trata de uma prática agrícola ou um método, o que normalmente é mais fácil definir. E diz

[...] surgiram centenas de definições para explicar o que se entende por agricultura sustentável. Quase todas procuram expressar a necessidade do estabelecimento de um novo padrão produtivo que não agrida o ambiente e que mantenha as características dos agroecossistemas por longos períodos. E o mais provável é que esse novo padrão combine práticas convencionais e alternativas. No entanto, a noção de agricultura sustentável permanece cercada de imprecisões e de contradições, permitindo abrigar desde aqueles que se contentam com simples ajustes no atual padrão produtivo, até aqueles que veem nessa noção um objetivo de longo prazo que possibilite mudanças estruturais, não apenas na produção agrícola, mas em toda a sociedade.⁷⁷

Este entendimento de agricultura sustentável se alinha com a visão alternativa de sustentabilidade, “entrando para o conjunto das grandes utopias modernas, como a justiça social, a liberdade ou a democracia e só pode ser entendida como um objetivo, certamente a longuíssimo prazo”.⁷⁸

Para Ehlers, a agricultura biodinâmica, desenvolvida inicialmente na Suíça por Rudolf Steiner, a partir de 1924, vê a propriedade agrícola como um organismo, centrando o foco de atuação na interação entre a produção animal e a produção vegetal, visando reativar as forças vitais da natureza (influências cósmicas e forças

⁷⁶ EHLERS, E. *O que se entende por agricultura sustentável?* São Paulo: USP, 161f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994b.

⁷⁷ *Id. Ibid.*, p. 117.

⁷⁸ *Id. Ibid.*, p.139.

espirituais), numa visão integradora do homem no universo. Essa abordagem transcende a visão de uma atividade apenas econômica e social.

A agricultura biológica foi desenvolvida pelo político suíço Hans Peter Müller, pelo médico alemão Hans Peter Rush que, na década de 1960, aprimorou e disseminou as propostas de Müller, e pelo francês Claude Aubert que as difundiu nos anos 1970. De acordo com Ehlers, a ênfase nas práticas agrícolas recai sobre a adubação orgânica e mineral do solo; rotação de culturas; manejo adequado do solo de maneira a manter o crescimento e a manutenção de sua microbiota.⁷⁹

Fukuoka⁸⁰ e Ehlers⁸¹, destacam que a agricultura natural respeita as "leis da natureza", realizando uma mínima intervenção no ambiente e processos naturais, dando livre curso aos processos naturais para produzir (exemplo, abandono da poda em plantas frutícolas). Destacam também que este tipo de agricultura, idealizada por Mokiti Okada, é baseada nas seguintes práticas agrícolas: rotação de culturas, utilização de adubos verdes, emprego de composto e uso de cobertura mortas – restos vegetais – sobre o solo mantendo o controle de pragas e doenças de acordo com as características da natureza.

Mollison e Holmgren⁸² falam da permacultura como um sistema evolutivo integrado de espécies vegetais e animais perenes ou autoperpetuadas úteis ao homem. Trata-se de um ecossistema agrícola completo, modelado sobre outros ecossistemas existentes, porém mais simples. Tais autores reconhecem que é muito difícil obter a autossuficiência na produção de alimentos, especialmente para pequenos grupos, sem considerar a obtenção de outros bens de consumo. Por isso, propõem que mais que autossuficiência se deve buscar a cooperação comunitária.

Já a agricultura orgânica considera fundamental a fertilidade do solo, que é mantida em função da aplicação de compostos orgânicos obtidos a partir de

⁷⁹ EHLERS, E. A agricultura alternativa: uma visão histórica. ESTUDOS ECONÔMICOS, São Paulo, v. 24, especial, 1994a.

⁸⁰ FUKUOKA, M. *Agricultura Natural*. São Paulo: Nobel, 1995.

⁸¹ EHLERS, E. A agricultura alternativa: uma visão histórica. ESTUDOS ECONÔMICOS, São Paulo, v. 24, especial, 1994a.

⁸² MOLLISON, B.; HOLMGREN, D. *Permacultura: uma agricultura permanente nas comunidades em geral*. São Paulo: Ground, 1983, p.15.

resíduos da propriedade agrícola, principalmente resíduos de origem animal - esterco⁸³.

Altieri⁸⁴ define a agricultura orgânica como sendo um sistema de produção agrícola que evita ou praticamente exclui os fertilizantes e pesticidas sintéticos. Os insumos de origem externa, como os agroquímicos e os combustíveis adquiridos, são, sempre que possível, substituídos pelos de origem interna tanto da propriedade como de suas proximidades.

Nesse sentido e, segundo Altieri, uma das características desse sistema de produção é sua possibilidade de diferenciação interna. Ela pode apresentar diferenças consideráveis entre si, uma vez que cada uma adapta suas práticas para atender necessidades ambientais e econômicas específicas. Não se trata, diz o autor citado, de uma volta aos métodos pré-revolução industrial, mas uma combinação de técnicas de produção tradicional com tecnologias modernas. Nessa agricultura são utilizados equipamentos modernos e sementes certificadas, assim como as mais recentes inovações na alimentação e manejo animal.⁸⁵

A agroecologia, nesse contexto, assume um papel desafiador. Seu surgimento ocorre por volta dos anos 70/80, motivada em parte, pela necessidade de buscar novos caminhos frente aos problemas produzidos pelo processo de modernização conservadora posta pela Revolução Verde, ao mesmo tempo em que se beneficia de um processo recente de reorientação global na forma de produção e consumo de alimentos com a qualidade marcada pelo propósito de uma relação harmoniosa com a natureza.

A agroecologia emerge num campo de forças onde se aliam e se confrontam diferentes atores com diferentes interesses, como o latifúndio, a grande empresa agrícola, o complexo agroindustrial internacional, o capital financeiro nacional e internacional e, o agricultor familiar. Por isso, a agroecologia é vista como “um

⁸³ EHLERS, E. *O que se entende por agricultura sustentável?* São Paulo: USP, 161f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994b.

⁸⁴ ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

⁸⁵ *Id. Ibid.*

grande empreendimento político, já que interpela diretamente o sistema de poder que sustenta a insustentabilidade do agronegócio”.⁸⁶

Caporal e Costabeber⁸⁷ chamam atenção para a necessidade de diferenciar a agroecologia tanto do modelo convencional ou agroquímica, como dos estilos de agricultura que estão surgindo a partir das orientações emanadas das correntes da “Intensificação Verde”, da “Revolução Verde” ou “Dupla Revolução Verde”. Eles também colocam como importante a diferenciação da agricultura de base ecológica baseada nos princípios da agroecologia, daquelas de estilos de agricultura alternativa, pois essas podem até adotar práticas, técnicas e/ou procedimentos que visam atender certos requisitos sociais ou ambientais, mas podem também deixar de fora os princípios mais amplos da agroecologia.

De acordo com Hecht, várias linhas de pensamento influenciaram a agroecologia, dentre as quais encontramos a ecologia e a etnografia. A primeira, sugerindo: a) uma diversidade de espécies (ou pelo menos de cultivares) a fim de tirar vantagem da viabilidade de absorção de nutrientes; b) o uso de planta que formavam, prontamente, associações simbióticas com leguminosas e c) o uso de plantas perenes nos sistemas de produção, como um meio de bombear nutrientes de diferentes profundidades do solo e de aumentar a capacidade total do sistema em estocar nutrientes. A segunda, destacando a importância de se compreender a forma como os povos locais explicam seus sistemas produtivos e como as mudanças socioeconômicas os afetam.⁸⁸

Segundo Figueiredo e Lima, as experiências com o manejo agroecológico são recentes e como conceito tem sofrido com incompreensões. Para esses autores, a agroecologia não é uma nova matriz tecnológica, não se tratando de um novo tipo de agricultura alternativa como a agricultura ecológica e a permacultura. Nem tampouco uma filosofia e um estilo de vida a seguir.⁸⁹

⁸⁶ PETERSEN, Paulo. (org.) *Agricultura familiar camponesa na construção do futuro*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009, p.10.

⁸⁷ CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. *Agroecologia: alguns conceitos e princípios*. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

⁸⁸ HECHT, S. B. A evolução do pensamento agroecológico. In: ALTIERI, M. A. (ed.). *Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989. p.25-41.

⁸⁹ FIGUEIREDO, Marcos Antônio B.; LIMA, Jorge Roberto T. de. (Orgs.) *Agroecologia: conceitos e experiências*. Recife: Bagaço, 2006.

Para obter uma compreensão mais adequada do termo agroecologia, Figueiredo e Lima lançam mão da definição de autores como Gliessman, Altieri e Sevilla, sendo estas respectivamente:

- a) O enfoque agroecológico corresponde à aplicação dos conceitos e princípios da ecologia no manejo e desenho de agroecossistemas sustentáveis;
- b) É a ciência ou disciplina que apresenta uma série de princípios, conceitos e metodologias para estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas, com o propósito de permitir a implantação e o desenvolvimento de estilos de agricultura com maiores níveis de sustentabilidade;
- c) Agroecologia pode ser definida como o manejo ecológico dos recursos naturais, por meio de formas de ação social coletiva que apresentam alternativas ao atual modelo de manejo industrial dos recursos naturais, mediante proposta de desenvolvimento participativo a partir do âmbito de produção e da circulação alternativa de seus produtos, pretendendo estabelecer formas de produção e consumo que contribuam para encarar a crise ecológica e social, e com isso enfrentar-se ao neoliberalismo e a sua globalização econômica.⁹⁰

A agroecologia, se nos guiarmos pela citação, vai diferenciar-se das outras agriculturas aqui comentadas pelo caráter de ação coletiva dos agricultores que orientam sua implantação e funcionamento. É como diz o último trecho da citação feita acima, ela se define pelo manejo ecológico dos recursos naturais e, mais ainda, por meio de formas de ação coletiva, mediante proposta de desenvolvimento participativo a partir do âmbito de produção e da circulação alternativa de seus produtos.

Tal perspectiva consiste em perceber a agricultura dentro de uma visão holística na qual seus elementos componentes estão interligados por uma rede independente de relações. Nesse sentido, o manejo ecológico privilegia a otimização das relações ecológicas entre os elementos do agroecossistema, e deste com o sistema circundante, além de valorizar a cultura local, o conhecimento ecológico e as relações sociais do agricultor com o ambiente natural e social onde vive buscando tanto o desenvolvimento de estratégias apropriadas à realidade local como a inclusão social por meio da produção agrícola.

⁹⁰ *Id. Ibid.*, p.37.

Assim, a agroecologia é uma ciência emergente que, para Altieri , “pode ser parte de uma grande virada do pensamento ocidental”⁹¹ já que a mesma incorpora ideias ambientais e sentimentos sociais acerca da agricultura formal, preocupando-se não apenas com a produção, mas com a sustentabilidade ecológica da produção. Com a sustentabilidade econômica e social dos grupos envolvidos com o manejo agroecológico de produção.

Para Caporal e Costabeber,

quando se fala de Agroecologia, está se tratando de uma orientação cujas contribuições vão muito além de aspectos meramente tecnológicos ou agronômicos da produção, incorporando dimensões mais amplas e complexas, que incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ambientais, como variáveis culturais, políticas e éticas da sustentabilidade.⁹²

Essa perspectiva ganha força na citação de Gliessma, feita por Caporal e Costabeber quando os mesmos vão dizer que:

A agricultura sustentável, sob o ponto de vista agroecológico, é aquela que, tendo como base uma compreensão holística dos agroecossistemas, seja capaz de atender, de maneira integrada, aos seguintes critérios: a) baixa dependência de insumos comerciais; b) uso de recursos renováveis localmente acessíveis; c) utilização dos impactos benéficos ou benignos do meio ambiente local; d) aceitação e/ou tolerância das condições locais, antes que a dependência da intensa alteração ou tentativa de controle sobre o meio ambiente; e) manutenção a longo prazo da capacidade produtiva; f) preservação da diversidade biológica e cultural; g) utilização do conhecimento e da cultura da população local; e h) produção de mercadorias para o consumo interno e para a exportação.⁹³

Os autores acima citados insistem em dizer que, por meio da aplicação dos princípios da agroecologia, se podem alcançar estilos de agriculturas de base ecológica e, assim, obter produtos de qualidade biológica superior. A agroecologia seria uma ciência que auxilia nesse processo de transição de uma agricultura convencional para uma de base ecológica com vista a melhorar tanto os aspectos da qualidade na produção e no produto, nas alternativas de comercialização e

⁹¹ ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989, p.46.

⁹² CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. *Agroecologia: alguns conceitos e princípios*. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004, p.13.

⁹³ GLIESSMA Apud CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. *Agroecologia: alguns conceitos e princípios*. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004, p.15.

consumo, bem como na busca pela melhoria do ambiente social onde os agricultores vivem e sua inclusão social.

Segundo Altieri e Farrell, o sistema agroflorestal é um nome genérico que serve para descrever sistemas tradicionais de uso da terra amplamente utilizados, nos quais as árvores são associadas no espaço e/ou no tempo com espécies agrícolas anuais e/ou animais. Numa mesma área, são combinados elementos agrícolas com elementos florestais em sistemas de produção sustentáveis.⁹⁴

Altieri e Farrell destacam que a conceituação desses sistemas agroflorestais tem sido desenvolvida apenas recentemente e que não existe uma definição universalmente aceita, embora existam muitas sugestões. Citam, nesse mesmo texto, a definição formulada pelo Centro Internacional para Pesquisa Agroflorestal - ICRAF⁹⁵ para dizer que o sistema agroflorestal é um sistema sustentável de manejo do solo e de plantas que procura aumentar a produção de forma contínua, combinando a produção de árvores (incluindo frutíferas e outras) com espécies agrícolas e/ou animais, simultaneamente ou sequencialmente, na mesma área, utilizando práticas de manejo compatíveis com a cultura da população local.

Qualquer que seja a definição, em geral, se tem por consenso que o sistema florestal representa um conceito de uso integrado da terra, particularmente adequado às áreas marginais e o sistema de baixo uso de insumos. Seu objetivo é otimizar os efeitos benéficos das interações entre os componentes arbóreos, agrícolas e animais a fim de obter uma produção comparável as que são obtidas com um monocultivo, dadas as condições econômicas, ecológicas e sociais predominantes.⁹⁶

A agroecologia refere-se, então, a um sistema agrícola diversificado, em que o envolvimento social em seu manejo representa o princípio norteador das práticas agroecológicas que estejam voltadas para o atendimento das necessidades sociais e ambientais de modo estável e equilibrado.

⁹⁴ FARRELL, J. G.; ALTIERI, M. A. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. Guaíba: Agropecuária, 2002. p. 592

⁹⁵ Fundado em 1979 nos Estados Unidos, hoje mais conhecido como Centro Agroflorestal Mundial.

⁹⁶ FARRELL, J. G.; ALTIERI, M. A. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. Guaíba: Agropecuária, 2002. p. 592

Existe uma diversidade de sistemas agroecológicos, sendo o sistema agroflorestal - (SAF) um dentre outros. Em nossa tese se destacam os SAFs praticados pelos agricultores de Bom Jardim e Abreu e Lima e o sistema agroecológico baseada no plantio de forma simultânea e diversificada de hortaliças, legumes e verduras, praticada pelos agricultores de Chã Grande e Gravatá.

A classificação dos sistemas agroflorestais, de acordo com Altieri e Farrell, obedece a critérios ligados à estrutura (cultivo conjunto de espécies alimentícias, árvores e animais), à sustentabilidade (manter a produtividade em longo prazo sem degradar a terra), ao aumento da produtividade (melhorando as condições de crescimento e o uso eficiente dos recursos naturais como espaço, solo, água, luz) e à adaptabilidade socioeconômica/cultural (aos pequenos produtores de áreas pobres e marginais dos trópicos e subtropicais).

Assim, do ponto de vista da estrutura, Altieri e Farrell⁹⁷ classificam os sistemas agroflorestais em:

- ✓ Agrossilvicultura: produção simultânea ou sequencial de culturas anuais e florestais;
- ✓ Sistemas silvipastoris: – pastagem e/ou criação animal + árvores;
- ✓ Sistemas agrossilvipastoris: cultivo agrícola e florestais + animais;
- ✓ Sistemas de produção florestal de múltiplo uso: as árvores são regeneradas e manejadas para produzir não somente madeira, mas folhas e/ou frutos adequados para alimentação e/ou forragem.

Outros critérios de classificação utilizados por Altieri e Farrell são: a função (produtivas conservacionistas), a escala socioeconômica e o nível de manejo (se comerciais, intermediários ou de subsistência), e a ecologia (podem ser agrupados de acordo com zonas agroecológicas definidas, como planícies dos trópicos úmidos, trópico árido ou semiárido, planaltos tropicais etc).

Os agricultores de Abreu e Lima e de Bom Jardim aqui analisados podem ser situados como praticantes de uma agrofloresta baseada no sistema agrossilvicultura, com função produtiva, escala socioeconômica e nível de manejo intermediário e uma

⁹⁷ FARRELL, J. G.; ALTIERI, M. A. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. Guaíba: Agropecuária, 2002. p. 592

ecologia de zona agroecológica de transição por ser o agreste pernambucano situado entre a zona da mata e o sertão. Estes, que como veremos nos capítulos três e quatro desta tese, buscaram transformar sua realidade mudando: a) sua forma de produzir ao adotarem uma relação mais sinérgica com o ambiente onde estavam inseridos, migrando para uma forma produtiva livre de agrotóxicos, cultivando uma diversidade maior de culturas e respeitando a lógica de funcionamento da natureza; b) sua forma de organização social, passando a atuar de forma coletiva, fomentando o sentimento de que juntos esses agricultores podem fazer muito mais por eles e pelo local onde estão inseridos e c) mudando a forma de comercializar ao construírem uma praça de mercado onde eles mesmos comercializam seus produtos, ao invés de entregarem para o atravessador.

No próximo subitem deste capítulo faremos uma reflexão sobre as mudanças recentes do mercado de produtos alimentícios, focando nas possibilidades de inserção da agricultura familiar e ressaltando as permanentes transformações pelas quais estão passando os mercados e o sistema agroalimentar mundial.

2.2 A Inserção da Agricultura Familiar no Mercado num Contexto de Acirramento dos Padrões de Competitividade no Sistema Agroalimentar

O processo de globalização da economia e da sociedade vem assumindo, nas últimas décadas, um caráter normativo/regulador, seletivo/excludente expreso, por exemplo, na tentativa destacada por Santos⁹⁸ de enquadramento das diferentes economias capitalista do mundo num modelo/receita que guiasse o funcionamento dessas economias a partir da adoção destas três regras básicas: restrições na regulação do Estado na economia, novos tipos de propriedade intelectual e subordinação dos Estados Nacionais aos interesses das empresas transnacionais.

Ao comentar sobre as relações estabelecidas entre as companhias transnacionais – CTNs -, o Estado e as populações, Bonanno⁹⁹, afirma que as CTNs condicionam os mercados afetando negativamente as populações, que o Estado

⁹⁸SANTOS, Boaventura de Souza (Org). A globalização e as ciências sociais. In. Santos, B. S. *Os processos da globalização*. São Paulo: Cortez, 2002.

⁹⁹ BONANNO, Alessandro. *Las características y perspectivas futuras de la globalización: el caso del sector agro-alimentario*. ESTUDOS DE SOCIOLOGIA, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, Recife, v. 9, p. 31-53, [2002?], p.33.

mantém poderes, porém que as CTNs conseguem canalizar esses poderes para garantir a hiper mobilidade do capital, e que as populações têm, por um lado, limitada sua participação no processo de tomadas de decisões, mas, por outro lado, a globalização tem gerado resistência e mobilizações.

Wilkinson¹⁰⁰ ressalta que um novo padrão de competitividade vem se impondo ao sistema agroalimentar - SAA na América Latina -, e isso pode ser percebido na pressão da OMC para que os diferentes países se alinhem às regras do jogo do mercado internacional a partir da redefinição de suas regras domésticas (que incidem na relação público e privado) para que os mesmos possam ter acesso à exportação e a investimentos externos, nos novos padrões de qualidade, tornados pré-requisitos para se ter acesso a mercados alimentares, seja doméstico ou externo, assim como na crescente transnacionalização das empresas líderes sob o domínio da grande distribuição que vem reorganizando esses mercados.

Sobre as crescentes exigências ligadas aos novos critérios de qualidade, Wilkinson¹⁰¹ alerta que, a princípio, elas buscavam responder aos apelos dos consumidores que recentemente assistiram ao problema da contaminação humana por doenças adquiridas com o consumo de alimentos contaminados, que elas geraram um ambiente institucional que visavam garantia e informações que não necessariamente são fornecidas espontaneamente pelo mercado, mas que, nesse ambiente, se estabeleceu normas e se desenvolveu instituições e dispositivos reguladores inspirados em valores ligados à lógica industrial e mercantil (enraizados na eficiência, padronização e competição por preço, certificação, auditoria), que colocaram problemas para a inserção de muitos agricultores no jogo político e econômico do SAA, já que são altos os custos para implementação dessas normas de qualidade.

O ajustamento dos países latino americanos às pressões dos organismos financeiros internacionais, às exigências da OMC e a adoção de estratégias de crescimento por via das exportações, trouxe consequências aos mercados nacionais ligadas à retirada dos governos do controle direto na forma de preços ou compras, ao desmantelamento dos serviços de extensão e à eliminação de políticas ativas

¹⁰⁰ WILKINSON, John. A sociologia econômica, a teoria das convenções e o funcionamento dos mercados: *inputs* para analisar os micros e pequenos empreendimentos agroindustriais no Brasil. ENSAIOS FEE, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 805-824, 2002.

¹⁰¹ *Id. Ibid.*

setoriais, assim como numa menor proteção tarifária e uma maior abertura ao comércio internacional, o que acarretou, em vários casos, a um aumento no ritmo de importações de alimentos (que em alguns países do continente já eram tradicionalmente altas). Essa maior abertura teve seu impacto acirrado pela manutenção dos subsídios às exportações por parte dos EUA e da União Europeia e pela consolidação de blocos regionais (MERCOSUL, NAFTA, Pacto Andino).¹⁰²

No que diz respeito ao processo de transnacionalização das empresas líderes sob o domínio da grande distribuição (supermercados e hipermercados cada vez mais regionalizados), observa-se, segundo Wilkinson¹⁰³ e Belik¹⁰⁴, o fenômeno da concentração e do surgimento de novas regras na organização dos mercados dos países em desenvolvimento com implicações para a pequena produção. Fusões e aquisições irão marcar no Brasil o tom de uma competição¹⁰⁵ que se dava em escala global entre as grandes empresas de distribuição com rebatimento na lógica de atuação e de relações com seus fornecedores e, claro, com os pequenos produtores que abasteciam o setor de frutas, legumes e verduras.

Com ritmos diferentes e dependendo das condições locais, a grande distribuição substituiu os canais tradicionais de distribuição com a montagem de centrais próprias de distribuição (CD) por país ou região e também substituiu fornecedores tradicionais, operando com um número limitado de fornecedores especializados que atendem às especificações de entrega, leque de produtos e qualidade. Não predominam contratos formais, mas os fornecedores precisam fazer parte do registro de fornecedores e obedecer a rígidos critérios de qualidade, sujeitos a inspeção periódica.¹⁰⁶

¹⁰² *Id. Ibid.*

¹⁰³ *Id. Ibid.*

¹⁰⁴ BELICK, W. *Supermercado e produção: limites, possibilidades e desafios*. Anais XII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, Cuiabá, 2004. E, _____. *Muito além da porteira: mudanças na forma de coordenação da cadeia agroalimentar no Brasil*. Campinas/SP: UNICAMP, 2001.

¹⁰⁵ Até 1995 o Carrefour era a única rede de supermercado de capital estrangeiro no Brasil. “Em apenas cinco anos, entre 1995 e 2000, fizeram grandes aquisições ou se implantaram no Brasil os grupos supermercadistas WalMart (norte-americano), Sonae e Jerônimo Martins (portugueses), Casino, Promodés e Comptoirs Modernes (franceses), Royal Ahold (holandês)” BELICK, W. *Supermercado e produção: limites, possibilidades e desafios*. Anais XII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, Cuiabá, 2004, p.5.

¹⁰⁶ MAINVILLE *Apud* WILKINSON, John. A sociologia econômica, a teoria das convenções e o funcionamento dos mercados: *inputs* para analisar os micros e pequenos empreendimentos agroindustriais no Brasil. ENSAIOS FEE, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 805-824, 2002.

Belik¹⁰⁷ destaca que em função do novo ambiente competitivo entre os grandes distribuidores, os supermercados de capital estrangeiro que atuam no Brasil estão introduzindo uma lógica de funcionamento marcada por tendências já em voga nos seus países de origem que obrigam os mesmos a investirem em instrumentos logísticos e informáticos visando reduzir custos, por meio da construção de centrais de distribuição (Carrefour/São Paulo) e do estreitamento das relações entre fornecedores e distribuidores com a eliminação de estoques alimentares e melhoramento da produtividade, o que, sem dúvida, alguma rebata na forma de organização dos mercados, em especial de alimentos.

Nesse contexto, ainda segundo Belik, o ramo de frutas, legumes e verduras - FLV - ganha importância, pois ao contrário do que se observava no passado, hoje a margem de lucro na venda dessas mercadorias é elevada e a qualidade e diversidade garantem a frequência e a fidelidade dos clientes nesses supermercados, e mais, ao mesmo tempo, joga a favor das pequenas empresas familiares que tradicionalmente trabalham com custos extremamente reduzidos, proporcionando preços competitivos e atendimento personalizado ao problema da perecibilidade, que exige uma distribuição mais próxima do ponto-de-venda, garantindo assim muito espaço para a atuação dessas PEF e é isso que explica a resistência das quitandas e das feiras livres à entrada dos supermercados nessa área de FLV.

Com a globalização do sistema agroalimentar - SAA - novas dinâmicas de mercado vão se impondo marcadas por uma alteração nos hábitos dos consumidores (o aumento da preocupação com a saúde, com o meio ambiente e com a procedência do produto) que vem gerando a disseminação de uma série de “mercados alternativos” (especialidades de nicho, orgânicos, artesanais, solidários, institucionais etc.). A abertura desses mercados e a valorização dos produtos tradicionais ou com apelo ecológico pelos consumidores acabam oferecendo uma oportunidade ímpar de inserção autônoma da agricultura familiar no mercado.

Marco Antonio Ferreira de Souza e John Wilkinson¹⁰⁸, ao analisar a dinâmica da oferta de alimentos nas sociedades contemporâneas, destacaram um duplo

¹⁰⁷ BELICK, W. *Supermercado e produção: limites, possibilidades e desafios*. Anais XII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, Cuiabá, 2004.

¹⁰⁸ WILKINSON, John; SOUZA, M. A. F. de. *Mundos da produção de alimento: a competição no sistema agroalimentar pela lente da economia das convenções*. In: – CONGRESSO DA SOCIEDADE

movimento antagônico que aponta, por um lado, para uma globalização ou padronização e, por outro, para uma realocização ou fragmentação das práticas de produção, comercialização e consumo de alimentos. Assim,

O primeiro processo é fortemente associado à liberalização do comércio mundial de alimentos, isto é, à prevalência da lógica de mercado. Por sua vez, o segundo processo relaciona-se à construção de uma geografia alimentar alternativa, à perspectiva de promoção de desenvolvimento econômico mais inclusivo e justo.¹⁰⁹

Os autores acima citados estão trabalhando com a ideia de que existiria uma forte competitividade no SAA e esta

[...] está diretamente relacionada à coexistência de diferentes redes de suprimento de alimento, compostas por distintos atores movimentado-se estrategicamente para ofertar pacotes de benefícios que se aproximem das exigências dos consumidores.¹¹⁰

Ao refletir sobre a globalização e os espaços econômicos abertos para a agricultura familiar, Sabourin¹¹¹ destaca que esses espaços são resultados das novas diferenciações geográficas e socioeconômicas, e consequência de um processo de segmentação dos mercados. Ele comenta Cerdan e Sautier dizendo que os mesmos mostram a coexistência no setor agroalimentar, de formas de produção e de consumo mundializadas e de sistemas produtivos constituídos por redes localizadas de empresas.

Para Carmo, a reestruturação do sistema agroalimentar está abrindo brechas para os agricultores familiares se inserirem no mercado em função da demanda por produtos com maior sabor e qualidade. Essa seria uma das tendências emergentes do padrão de consumo e isso vem abrindo novas perspectivas de produção e comercialização a esses agricultores que estão “visando não só a “onda” por

BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL-SOBER, XLVI, 2008. Rio de Janeiro. Apresentação Oral. Rio de Janeiro: Seropédica, 2008.

¹⁰⁹ *Id. Ibid.*, p. 03.

¹¹⁰ *Id. Ibid.*, p. 03.

¹¹¹ Importante destacar que, em suas análises, Sabourin (2009) destaca mudanças não apenas econômicas na vida dos agricultores, mas também na forma da organização social, política e cultural dessas populações.

produtos naturais/orgânicos, mas também aqueles de caráter regional e especiais, em atendimento aos mercados diversificados e sofisticados”.¹¹²

O mercado para produtos orgânicos surgiu primeiramente na Europa e, posteriormente, se dissemina pelo mundo.

Citando Willer, Terrazzan e Valarini dizem:

A agricultura orgânica tem se desenvolvido rapidamente no mundo nos últimos anos e é hoje praticada em 138 países. Além disso, pode-se assumir que a agricultura sob sistema orgânico de produção não certificada é praticada em maior número de países ainda. Com, no mínimo, 700 mil propriedades e aproximadamente 30,4 milhões de hectares sob manejo orgânico.¹¹³

Ao traçar um quadro global da agricultura orgânica mundial em termos de área ocupada sob seu manejo, Terrazzan e Valarini apontam para uma situação onde destaca que, na América Latina, o movimento da agricultura orgânica se disseminou com seus próprios esforços, sem ajuda governamental, nem subsídios do governo, e que neste *ranking* global o Brasil ocuparia a oitava posição com 880 mil hectares.

Terrazzan e Valarini observam que, no Brasil, os agricultores orgânicos podem ser vistos em dois grupos:

pequenos produtores familiares ligados a associações e grupos de movimentos sociais, que representam 90% do total de agricultores, sendo responsáveis por cerca de 70% da produção orgânica brasileira, e grandes produtores empresariais (10%) ligados a empresas privadas.¹¹⁴

Terrazzan e Valarini destaca também os diferentes mecanismos de comercialização desses grupos identificando dois mecanismos/tipos de venda, no varejo e no atacado:

no primeiro, situam-se as vendas no varejo (venda de entrega em domicílios, venda direta em feiras livres e em pontos de venda

¹¹² CARMO, Maristela S. do. A produção familiar como locus ideal da agricultura sustentável. In: *Agricultura em São Paulo*, SP, 45(1):1-15, 1998, p.16. (ISSN 0044-6793). Disponível em: <<http://dgta.fca.unesp.br>>. Acesso em 16 fev. 2010.

¹¹³ TERRAZZAN, Priscila; VALARINI Pedro José. Situação do mercado de produtos orgânicos e as formas de comercialização no Brasil. *Informações Econômicas*, São Paulo, v.39, n.11, nov. 2009, pp.27-29. Disponível em: <<http://ftp://ftp.sp.gov.br/ftp/iea/publicacoes/ie/2009/tec3-1109.pdf>> Acesso em 16 fev. 2010.

¹¹⁴ *Id. Ibid.*, p. 30.

especializados), feiras de produtores, lojas de produtos naturais, restaurantes, mercados, escolas para o preparo de merenda, enquanto, no segundo, estão as vendas no atacado, onde se destacam as distribuidoras e redes de supermercados de produtos orgânicos.¹¹⁵

Assim, a reestruturação do sistema agroalimentar mundial coloca a agricultura familiar frente aos dois grandes modelos de desenvolvimento¹¹⁶: um mais exógeno, produtivista, herdado dos anos de modernização, comumente conhecido por “convencional” e que, embora esteja sendo contestado, ele ainda tem demonstrando sua proeminência e ganhando fôlego com a atual expansão da produção de *commodities*, e outro que aponta para dinâmicas de desenvolvimento mais endógenas e territorializadas, que se consolidam a partir da disseminação de uma série de “mercados alternativos” ligados a essa perspectiva de consumo de produtos sem riscos a saúde.

Diante desses modelos de desenvolvimento, a agricultura familiar experimenta duas grandes situações onde a sua inserção e permanência pressupõe esforços e recursos para os investimentos necessários em tecnologias e conhecimentos, bem como na capacidade de organização social dos agricultores para que, de forma coletiva, eles possam enfrentar os problemas colocados por um mercado cada vez mais exigente e competitivo (por exemplo, na certificação da qualidade dos produtos, na sua forma de apresentação ao consumidor, nos cuidados com o meio ambiente, na forma de beneficiamento) e, nesse sentido, muitas vezes excludentes, mas que também vem abrindo possibilidades para aqueles que conseguirem não apenas agregar valor econômico a seus produtos por meio dessas mesmas exigências, mas agregar valor social por meio da criação de estratégias e mercados onde eles comercializem seus produtos ao mesmo tempo em que fomentem valores como os de confiança, cooperação e reciprocidade.

¹¹⁵ CAMPANHOLA; VALARINI *Apud* TERRAZZAN, Priscila; VALARINI Pedro José. Situação do mercado de produtos orgânicos e as formas de comercialização no Brasil. *Informações Econômicas*, São Paulo, v.39, n.11, nov. 2009, pp.32. Disponível em: <<http://ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/publicacoes/ie/2009/tec3-1109.pdf>> Acesso em 16 fev. 2010.

¹¹⁶ NIEDERLE, Paulo André. Delimitando as fronteiras entre mercados convencionais e alternativos para a agricultura familiar. *REVISTA EXTENSÃO RURAL*, DEAER/PPGExR – CR – UFSM, ano XVI, n. 18, jul./dez. 2009. WESZ JUNIOR, Valdemar João. Agricultura familiar brasileira frente as transformações do sistema agroalimentar contemporâneo: a estratégia de verticalização da produção. *CADERNOS DE ECONOMIA - Curso de Ciências Econômicas – Unochapecó*, ano 12, n. 23, jul./dez. 2008.

A expansão desses dois modelos de desenvolvimento de que fala Niederli¹¹⁷ e Junior¹¹⁸ tem implicações diferenciadas para os grandes e pequenos produtores, já que nos espaços “alternativos”, onde se sobressaem as especialidades de nicho - os orgânicos, os artesanais, os solidários e os institucionais - eles estão assistindo a um processo de apropriação da lógica de produção de produtos orgânicos pelo grande capital (podem ser produzidos em grande escala e na forma de um monocultivo), enquanto que nos espaços “convencionais” de produção e comercialização os agricultores assistem ao fortalecimento da produção em escala, onde a integração do agricultor familiar nessa modalidade se dá pelo compromisso em assumir as responsabilidades e riscos de uma produção ligada às grandes cadeias de *Commodities*, estimulada pela crescente demanda internacional.¹¹⁹

Nesse contexto mais amplo e baseado na perspectiva do enfoque agroecológico, um grupo de agricultores buscou inserir-se e permanecer no mercado forjando sua própria praça de mercado, a partir de seu enraizamento na cidade, de sua entrada na cidade, fincando presença, estabelecendo relações comerciais com seus clientes/parceiros que estão para além da relação de preços. Esses agricultores estão praticando uma agricultura que tem como um de seus objetivos, a busca de sua autonomia frente aos mercados de insumos, de máquinas agrícolas convencionais (ligados a uma lógica de mercado convencional, configurado concomitantemente com o processo de modernização da agricultura brasileira, assentada nos pacotes tecnológicos), bem como dos atravessadores que no processo de comercialização vêm historicamente se impondo como único canal para muitos dos agricultores que não conseguem arcar com os custos exigidos no transporte das mercadorias até o mercado.

Nesse esforço de enfrentamento de suas adversidades, duas estratégias são assumidas e mobilizadas pelos agricultores. A primeira está ligada a uma forma de

¹¹⁷ NIEDERLE, Paulo André. Delimitando as fronteiras entre mercados convencionais e alternativos para a agricultura familiar. REVISTA EXTENSÃO RURAL, DEAER/PPGExR – CR – UFSM, ano XVI, n. 18, jul./dez. 2009.

¹¹⁸ WESZ JUNIOR, Valdemar João. Agricultura familiar brasileira frente as transformações do sistema agroalimentar contemporâneo: a estratégia de verticalização da produção. CADERNOS DE ECONOMIA - Curso de Ciências Econômicas – Unochapecó, ano 12, n. 23, jul./dez. 2008.

¹¹⁹ O que pode ser visto nos exemplos utilizados por BONANNO, Alessandro. *Las características y perspectivas futuras de la globalización: el caso del sector agro-alimentario*. ESTUDOS DE SOCIOLOGIA, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, Recife, v. 9, p. 31-53, [2002?].

organização social e política que é a associativa¹²⁰. Com a idéia de que a associação de diferentes atores entorno de um objetivo comum no caso deles, ligadas à produção e comercialização de produtos alimentícios, seria o elemento impulsionador das ações dos agricultores. A segunda está ligada a perspectiva de construção de um mercado mais solidário.

Tais estratégias trazem consigo a necessidade de se operar um deslocamento do princípio de competitividade próprio aos ambientes de produção orientados pelos/para os mercados capitalistas baseados nos mecanismos de preços, para a cooperação e a reciprocidade, animadas agora pela perspectiva de construção de um ambiente de produção, consumo e distribuição baseada nos moldes de uma economia mais solidária.

Cruz e Santos¹²¹, situa a economia solidária como sendo um dos nomes (economia social, socioeconomia solidária, novo cooperativismo) dados às novas experiências associativistas surgidas nos anos noventa, após colapsarem os dois modelos de regulação social (o soviético e o Estado de bem-estar social) que davam conta da relação Estado, mercado e cooperativas. Nesse contexto, a hegemonia neoliberal, assentada na primazia do indivíduo sobre os coletivos e do mercado sobre o Estado, atacou ferozmente as ideias que subjaziam às experiências associativistas que ainda existiam.

A economia solidária é

uma forma de economia que ao invés de se constituir como setor à parte, tem muito mais vocação para interagir com as formas econômicas dominantes – Estado e Mercado -, numa perspectiva de elaboração de arranjos particulares de princípios econômicos diversos, a fim de subordinar

¹²⁰ Cruz e Santos lembram que a associação entre homens e mulheres para produzir e consumir com vistas a sobreviver materialmente é parte da essência do trabalho e da história da humanidade. Lembram também que toda uma geração de pensadores da primeira metade do século XIX (Owen, Saint-Simon, Fourier, Blanc e outros) escreveu sobre ou muitas vezes participaram de forma ativa de experiências que pretendiam superar a miséria do capitalismo a partir de formas associativas e cooperativas de existência econômica. CRUZ, Antônio; SANTOS, Aline M. dos. A economia solidária e as novas utopias: permanências e rupturas no movimento histórico do associativismo econômico. In: HESPANHA, P. Santos (org.). *Economia Solidária: questões teóricas e epistemológicas*. Coimbra: Almedina, 2011.

¹²¹ *Id. Ibid.*

a lógica mercantil a outros imperativos da ação organizacional ou coletiva – por exemplo uma dinâmica de reciprocidade ou um projeto associativo.¹²²

Tais autores estão pensando na construção de outra forma de produção e distribuição de riqueza, numa perspectiva em que esta não seja necessariamente contra o mercado, mas uma economia com mercado, estando este enraizado a outros registros de práticas. Também não se está pensando numa economia substituta da ação do Estado como faz a filantropia, mas uma economia com articulações com a esfera pública a fim de produzir uma reimplantação da economia num projeto político de integração social e cultural. Nessa perspectiva, a economia solidária seria outra forma de regulação.

Para Singer¹²³, a economia solidária¹²⁴ é um modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram (ou temem ficar marginalizados do mercado de trabalho. É uma criação contínua da luta de trabalhadores contra o capitalismo. Uma sombra que acompanha o capitalismo em toda sua evolução.

A cooperativa de produção seria a unidade típica da economia solidária, cujos princípios norteadores são: os meios de produção seriam de posse coletiva das pessoas que os utilizam para produzir; gestão democrática da empresa ou por participação direta (se o número de cooperados não é excessivo) ou por representação; a receita líquida seria repartida entre os cooperadores por critérios aprovados após discussões e negociações entre todos; o excedente anual (denominado "sobras") também teria uma destinação por critérios acertados entre todos os cooperadores. A cota básica do capital de cada cooperador não é remunerada, somas adicionais emprestadas à cooperativa proporcionam a menor taxa de juros do mercado.

¹²² CRUZ, Antônio; SANTOS, Aline M. dos. A economia solidária e as novas utopias: permanências e rupturas no movimento histórico do associativismo econômico. In: HESPANHA, P. Santos (org.). *Economia Solidária: questões teóricas e epistemológicas*. Coimbra: Almedina, 2011, p. 144.

¹²³ SINGER, Paul. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER P. SOUZA A. R. (Org). *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Economia Contexto, 2000.

¹²⁴ Atualmente, a economia solidária tem sido impulsionada pela grave crise do desemprego decorrente da globalização dos mercados.

Singer fala de uma afinidade da classe trabalhadora e os princípios que regem a economia solidária, mas lembra que:

fica em aberto a questão se esta afinidade se deve a um cálculo probabilístico que mostra à maioria dos trabalhadores que suas chances de ascender à classe dominante são mínimas ou se o anticapitalismo da maioria dos trabalhadores decorre da sua consciência de classe, adquirida com a prática da luta de classes ao longo da vida. Duma maneira ou doutra, a construção da economia solidária tem sido, em muitos países ao longo de muitas gerações, uma das principais formas de luta contra o capitalismo, ao lado da ação combativa de sindicatos e partidos por direitos políticos e sociais.¹²⁵

O autor acima citado também faz algumas advertências que nos parece bastante significativas por considerarmos que a solidariedade entre os homens é, antes de tudo, uma construção social dependente da forma como uma determinada sociedade se organiza, conforma e é conformada por suas instituições, valores, crenças, ideias e não algo naturalmente dado. Por isso,

não é verdade que a pobreza e a exclusão tornam suas vítimas *imanentemente* solidárias. O que se observa é que há muita solidariedade entre os mais pobres e que a ajuda mútua é essencial à sua sobrevivência. Mas esta solidariedade se limita aos mais próximos, com os quais a pessoa pobre se identifica. A mesma pessoa que se mostra solidária com parentes e vizinhos disputa com unhas e dentes qualquer oportunidade de ganho contra outras, que lhe são "estranhas". E muitos deles aceitam e internalizam os valores do individualismo que fundamentam a instituição do capitalismo.¹²⁶

Por ela ser contraditória ao extremo, é preciso pensar a solidariedade na trama do poder, como diz Demo:

a solidariedade precisa, dialeticamente, compor-se com a noção de confronto que o excluído precisa elaborar e praticar, sem que isso necessariamente desande em violência física, mas inclui, sempre, a violência da práxis alternativa.¹²⁷

¹²⁵ SINGER, SINGER, Paul. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER P. SOUZA A. R. (Org). A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Economia Contexto, 2000. p.14.

¹²⁶ *Id. Ibid.*, p.15.

¹²⁷ DEMO, Pedro. *Solidariedade como efeito de poder*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 13.

Tal perspectiva se dá pelo reconhecimento de que a solidariedade pode ser negativa ou positiva, caminho para a libertação ou imbecilizante. Nesse sentido, Demo classifica a solidariedade em dois tipos: solidariedade de cima e solidariedade de baixo. O primeiro é aquele pregado pelo centro ou pela elite que está permeada pelo efeito de poder, sustentada em privilégios e tem efeito imbecilizante. Exemplo disso está nas análises da relação norte/sul marcadas por uma linguagem excessivamente moralizante sem estabelecer ou explicitar a dialética existente nela. O segundo tipo de solidariedade acenaria com atribuições de uma sociedade e de uma economia solidária, com tons frequentes de paradigma civilizatório. Exemplo são as atividades que compõem a economia dos setores populares.

São exemplos de iniciativas norteadas pelos princípios da economia solidária os clubes de trocas, mercados populares, grupos comunitários de produção, associações, cooperativas, redes de cooperação, agricultura ecológica, sistemas de microcrédito e de crédito recíproco, bancos do povo, sistemas locais de moedas sociais, consumo ético, comércio justo etc. Estes são empreendimentos onde a partilha de conhecimentos e informações, a solidariedade e a cooperação são seus elementos norteadores.

Demo defende ainda que a solidariedade é comprovada tanto evolucionariamente, como historicamente. Mas, adverte também que a solidariedade é algo que deve ser buscada, alimentada e cuidada a partir de uma postura crítica e autocrítica que alimenta uma visão de que toda hierarquia não é definitiva, porém todo processo de mudança/questionamento não representa o fim em si mesmo.

O associativismo, assim como o cooperativismo, surge e ressurge em épocas de crises econômicas, ora como alternativas aos trabalhadores, ora como alternativa ao capital. Hoje, o associativismo tem despertado o interesse de muitos pesquisadores, sendo por estes conceituados de forma a ressaltar seu potencial em alavancar processos de desenvolvimento local, como o faz Canterle:

[...] fica claro que o fomento do associativismo constitui a pedra angular do desenvolvimento e cuja problemática está em captar as contradições e organizar as pessoas, uni-las e engajá-las harmoniosamente em torno de interesses comuns, dando atendimento às suas necessidades coletivas e individuais.¹²⁸

¹²⁸ CANTERLE, Nilsa Maria G. *O associativismo e sua relação com o desenvolvimento*. Francisco Beltrão/PR: Editora da Unioeste, 2004, p. 8.

Este modelo de organização tem como características a participação voluntária e a união de pessoas físicas e, como princípio, fomentar a solidariedade humana, a igualdade e a gestão democrática, baseados estes em valores como liberdade, autonomia e democracia.

Cruz e Santos¹²⁹ afirmam que a economia solidária se apresenta como portadora de um sentido antitético à dupla contradição do capitalismo contemporâneo ao se confrontar com as relações sociais de produção capitalistas, propondo formas igualitárias de apropriação econômica, ao mesmo tempo em que ela representa o espaço possível para pensar a relação entre economia e natureza e isto porque ela se fundamenta no planejamento democrático da produção e distribuição dos resultados econômicos, na intercooperação, na busca pela não concorrência que tanto degrada o meio ambiente, assim como o equilíbrio na disputa entre políticas econômica e políticas sociais.

Mais do que uma verdade absoluta temos mesmo é que nos reportar a esse conjunto de princípios e valores orientadores das experiências associativistas como sendo algo passível de realização, uma vez que a própria inclinação para associar-se, o seu desejo de realização parte do reconhecimento de que por si só eles não existem e que por isso mesmo precisam ser estimulados, animados, cultivados e construídos.

O associativismo pode ser visto como uma forma de ajuda mútua contribuindo na construção de laços sociais entre os agricultores e estes com os consumidores a partir do ambiente de reciprocidade que vem sendo forjado a partir da disseminação de sentimentos de pertença ao grupo de agricultores agroecológicos que busca se diferenciar de outros pela proposta de conciliar produção sem destruição do meio ambiente e responsabilidades com as obrigações (pagamento do fundo de feira¹³⁰, respeitar as regras dispostas no regimento interno) necessárias para que a feira, por exemplo, possa ser realizada, ou seja, por pessoas que se sentem parte de um grupo e atuando pelo grupo.

¹²⁹ CRUZ, Antônio; SANTOS, Aline M. dos. A economia solidária e as novas utopias: permanências e rupturas no movimento histórico do associativismo econômico. In: HESPANHA, P. Santos (org.). *Economia Solidária: questões teóricas e epistemológicas*. Coimbra: Almedina, 2011.

¹³⁰ Uma quantia em dinheiro R\$ 25,00 que é recolhida semanalmente para cobrir os gastos de manutenção da feira, pagar o aluguel da sala onde os agricultores deixam as barracas e outros.

Como disse Cruz e Santos¹³¹ se infringir o código de honra ou generosidade, o indivíduo se afasta da comunidade e se torna um marginal. Nesse sentido, a manutenção do laço social é crucial. E esse laço social se constrói no dia a dia, no respeito às regras formais e informais que organizam as relações sociais desses atores, seja no grupo, na sua comunidade ou na feira no Recife.

Sabourin destaca que as relações de reciprocidade vividas por diferentes sociedades em diferentes partes do mundo, tem tido uma capacidade de adaptação mesmo em contextos hostis e diz:

As evoluções diferenciadas das formas de ajuda mútua no tempo e no espaço testemunham da dinâmica das estruturas de reciprocidade e da sua capacidade de adaptação. Mostram formas de atualização dos valores humanos de compartilhamento, de solidariedade, inclusive em ambientes hostis, por exemplo, quando as condições de reprodução das sociedades indígenas ou camponesas não são mais garantidas ou quando os projetos e as políticas públicas privilegiam o desenvolvimento de estruturas de intercâmbio e ignoram as relações de reciprocidade.¹³²

Perguntando-se sobre como que essas relações conseguem se manter, muitas vezes, além do beneficiamento material para os seus participantes? Sabourin assim responde:

Precisamente, porque a relação de ajuda mútua produz também valores humanos específicos de amizade, de confiança e de responsabilidade; esses valores contribuem para a reprodução dessas relações no seio de um grupo humano, seja de maneira consciente como inconsciente.¹³³

E mais, destaca também que:

Tais valores não são dados culturalmente ou socialmente e inseridos nas estruturas simbólicas e nas representações culturais, são, pelo contrário, construídas e reproduzidas pelas relações humanas constituídas em estruturas de reciprocidade. É o ato, a relação que cria o valor e não o valor que precede o ato.¹³⁴

¹³¹ CRUZ, Antônio; SANTOS, Aline M. dos. A economia solidária e as novas utopias: permanências e rupturas no movimento histórico do associativismo econômico. In: HESPANHA, P. Santos (org.). *Economia Solidária: questões teóricas e epistemológicas*. Coimbra: Almedina, 2011.

¹³² SABOURIN, Eric. *Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade*. Rio de Janeiro: Garamond Ltda., 2009, pp.06-07.

¹³³ *Id. Ibid.*, p. 13.

¹³⁴ *Id. Ibid.*, pp. 13-14.

Essa busca permanente da construção de um ambiente favorável à disseminação de princípios associativos, sendo estes em si uma forma de ajuda mútua que se dá entre os associados, e que também atinge e envolve os consumidores, pode ser vista como uma das grandes características desse processo de formação do grupo de agricultores e da praça de mercado por eles construída para comercializarem seus produtos.

Com isso, as relações comerciais se complexificaram, tornando-se objeto de uma negociação permanente entre produtores, intermediários (ONG, Prefeitura, Estado) e consumidores, concernente, entre outras coisas, à assistência técnica, ao direito de uso do espaço público onde as feiras se localizam, às qualidades demandadas e ofertadas e a outros problemas enfrentados pelos agricultores familiares em seu processo de produção e de comercialização já que muitos deles ainda precisam se haver com questões antigas, ligadas à posse da terra, ao transporte para levar seus produtos ao mercado, bem como da disponibilidade de recursos para reinvestir na agricultura.

Essa ideia de construir uma praça de mercado no Recife implica por parte dos agricultores em um deslocamento e movimentação pela cidade, com suas práticas agrícolas/sociais, as quais vêm gerando um processo de demarcação simbólica e material de um lugar na cidade, onde ao mesmo tempo em que pode representar a tradição, representa também o que se tem de mais atual que é o cuidado com a natureza, a preservação do meio ambiente e a promoção da vida saudável. Os agricultores que se lançaram nessa empreitada assumiram um papel que implica em esforços que estão muito além da etapa de produção agrícola, mas que consequentemente contribui para a configuração de uma experiência que pode estar assumindo dimensões políticas, sociais, econômicas, culturais e ambientais favoráveis ao fortalecimento desses grupos de agricultores.

Nesse sentido, a construção social de sua própria praça de mercado vem responder as suas expectativas de abertura de novos horizontes e possibilidades de produção e comercialização para esses agricultores. Mas é, também, um espaço a ser permanentemente conquistado, pois mesmo que esses agricultores estejam tentando imprimir outra forma de mercado por meio da valorização e promoção de valores sociais que estão para além de uma troca mercantil centrada nos preços dos produtos, é dentro desta lógica maior de mercado (que se impõe como hegemônica) que esses agricultores se organizam para enfrentar suas adversidades ligadas à

produção e comercialização, assim como dentro de um espaço urbano que tem suas leis e regulamentos para o uso de seus espaços.

Esses são desafios para os agricultores que podem ser vistos, por exemplo, na concorrência explícita ou implícita com os supermercados, hipermercados e centrais de abastecimentos. Na necessidade de recorrer aos mercados convencionais para aquisição de materiais como sacolas plásticas, bancas e isopor para, respectivamente, expor e acondicionar os produtos. Nas regras existentes que organizam o uso do espaço urbano ou na dinâmica dos processos de requalificação das ruas e equipamentos urbanos da cidade do Recife, que os obrigam a estarem atentos a possíveis mudanças no seu local de comercialização e, nesse sentido, se mobilizarem para reclamar por direitos conquistados.

Nessa perspectiva do uso do espaço urbano, a entrada e a mobilidade dos feirantes na cidade é, antes de tudo, uma mobilidade concedida, previamente autorizada e com prazos de validade, já que os mesmos precisam de autorização para circularem com seus veículos na cidade, o que significa que não basta apenas ter a intenção de sair de seus municípios de origem e comercializar no Recife, pois esse deslocamento é controlado. Nesse sentido, as condições sociais de realização dessas feiras pressupõem um conjunto de esforços que, uma vez atingido em seus objetivos, possibilitam a entrada de uma rede de atores sociais no universo urbano do Recife, para aqui se instalarem semanalmente e com os moradores dos bairros estabelecerem relações de mercado, marcadas por algo que extrapola a relação mercantil, tal qual preconizada pelos neoclássicos.

3. CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DOS AGRICULTORES E A CONSTITUIÇÃO DOS ATORES ENVOLVIDOS NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO AGROECOLÓGICO DAS GRAÇAS RECIFE/PE

O bairro das Graças em Recife - PE, conta desde 1997, com a presença de uma praça de mercado de produtos agroecológicos, que é o Espaço Agroecológico das Graças. Mais do que um espaço de troca mercantil e monetária, essa feira representa o esforço de agricultores/as, associações de agricultores/as e ONGs de construir um espaço onde os próprios agricultores possam comercializar sua produção diretamente com os consumidores.

Tal iniciativa se insere em uma tendência mais ampla da agricultura familiar, a qual visa buscar formas alternativas de produção e inserção nos mercados, o que tem sido feito por diversos agricultores e mediadores em todo o Brasil. No caso em análise, a iniciativa desses agricultores encontra-se apoiada em práticas sociais de produção e comercialização de alimentos orientados por uma concepção de agricultura que promova sinergia entre o homem e a natureza, por meio de cuidados especiais ao meio ambiente, aos problemas sociais e à sustentabilidade ecológica do sistema de produção.

O enfoque agroecológico é a pedra de toque desse processo, que tem como elemento diferenciador de outras práticas produtivas, a intenção de articular as práticas produtivas e de comercialização com a melhoria do ambiente social em que se inserem, assim como com a estimulação da participação ativa dos agricultores/as em organizações sociais, tomando eles mesmos as decisões necessárias para a melhoria de suas condições de vida.

Portanto, neste capítulo, busca-se dar rosto e vida aos agentes econômicos (focando agora nos agricultores/vendedores) envolvidos na construção social da feira Espaço Agroecológico das Graças, o que será realizado a partir da apresentação das características socioeconômicas dos agricultores/vendedores, do arranjo institucional constituídos no processo de construção da feira e finalizando com a apresentação das áreas e sítios onde são produzidos os alimentos que são levados à feira para comercialização.

3.1 Características Socioeconômicas dos Agricultores/Vendedores da Feira Espaço Agroecológico das Graças

Neste capítulo, procurou-se realizar a leitura dos dados coletados objetivando traçar um perfil socioeconômico dos agricultores destacando os seguintes pontos: idade, escolaridade, estado civil, composição familiar, a propriedade da terra, renda familiar, como conheceu a agroecologia, o tempo de trabalho com a agroecologia, o trabalho com a agricultura convencional, as exigências da produção e os canais de comercialização utilizados para o escoamento da produção antes e depois da adoção do enfoque agroecológico.

Os agricultores aqui em pauta são, antes de tudo, sujeitos que se lançaram em uma aventura, ou empreitada, que exigiu deles muita dedicação, sabedoria e visão de mundo para assumir um triplo papel (além dos papéis de pai ou mãe, esposo ou esposa, homem ou mulher etc.) em suas vidas cotidianas: o de agricultor, gestor e comerciante. São tarefas que demandam algo que se tornou muito precioso nas sociedades contemporâneas, que é o fator tempo.

Estes agricultores precisam equacionar seu tempo de forma tal que possam estar participando não apenas das atividades que envolvem o processo produtivo em suas roças, mas também das atividades que envolvem a realização da feira, por meio das reuniões promovidas pela organização da feira quando seus membros definem a pauta das assembleias, bem como das assembleias dos agricultores, onde todos se encontram com os organizadores para discutir os problemas da feira e buscar soluções. Também precisam administrar o envio dos produtos, organizar a montagem e a desmontagem das barracas na feira, no espaço onde a mesma acontece, assim como ser ele mesmo o vendedor daquilo que produziu, assumindo assim um papel que requer um “trato social” para lidar com o outro, aquele que compra suas mercadorias.

A feira Espaço agroecológico das graças conta hoje com o número de vinte barracas onde os agricultores comercializam seus produtos, além dos produtos de outros agricultores que não costumam frequentar a feira (por falta de condições, por não ter produção suficiente), mas que enviam sua produção com certa regularidade. Tal produção, segundo os agricultores entrevistados, obedece aos mesmos critérios exigidos pela organização da feira para aqueles que a frequentam assiduamente,

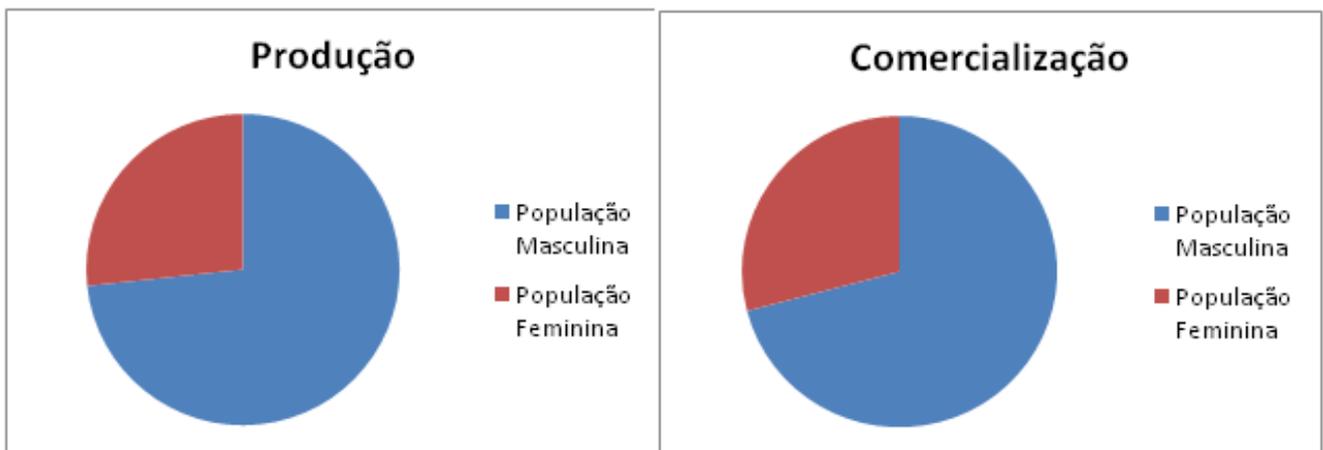
primando então pelo respeitar os princípios da agricultura agroecológica destacados no capítulo dois desta tese.

Como já mencionado, os agricultores de que estamos falando, são oriundos de quatro regiões distintas do Estado de Pernambuco, sendo estas: 1) a área metropolitana norte de Recife; 2) a mata sul; 3) o agreste setentrional e 4) agreste central. Estes produzem e comercializam frutas, legumes, verduras e grãos e, em menor quantidade, criam animais como galinha, cabra e boi. Eles também beneficiam e comercializam produtos como: beiju, bolo, canjica, doce de banana, geleia, goma, leite, massa de mandioca, mel de caju, pão, pamonha, polpas de frutas, queijo coalho, queijo manteiga, ricota de vaca, ricota de cabra entre outros.¹³⁵

De acordo com os 20 questionários aplicados com os agricultores (dos municípios acima destacados) que trabalham diretamente na feira, comercializando seus produtos, identificamos que, na fase da produção agroecológica, as mesmas mobilizam em suas propriedades uma população de 60 pessoas, sendo 73.33% do sexo masculino e 26.67% do sexo feminino.

Das pessoas mobilizadas na produção, 51.66% delas participam da comercialização. Neste universo, 70.97% são do sexo masculino e 29.03% do sexo feminino.

Gráfico 1 – Mobilização dos Agricultores

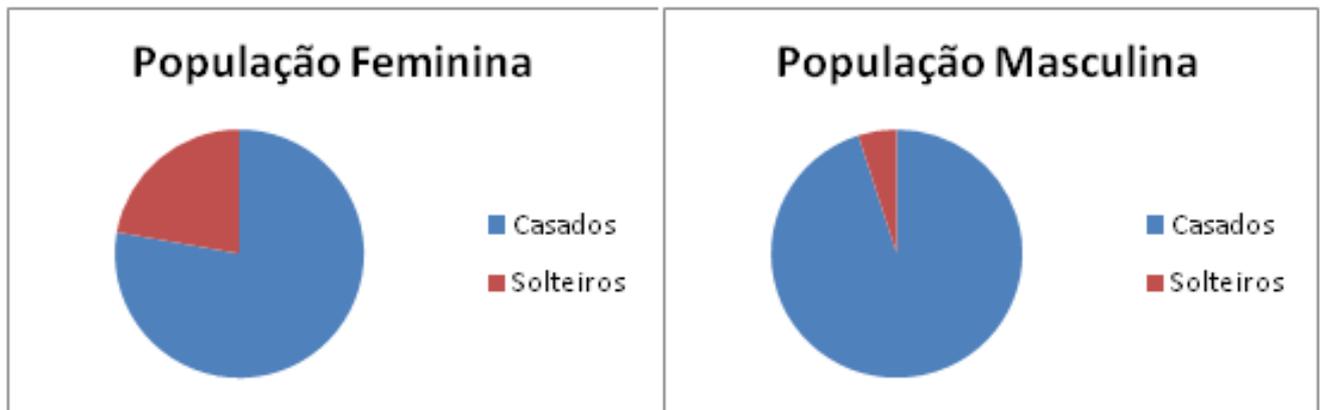


Fonte: Entrevista de campo, junho de 2012.

¹³⁵ No final da tese disponibilizaremos uma tabela produzida pelo Centro Sabiá, contendo todos os produtos comercializados na feira, no total de 244 produtos comercializados.

Entre os 20 agricultores entrevistados na feira e que participam da comercialização, 95.00% são casados e 5.00% solteiros. Na população feminina, 77.77% são casadas e 22.22% são solteiras.

Gráfico 2 - Estado Civil dos Agricultores

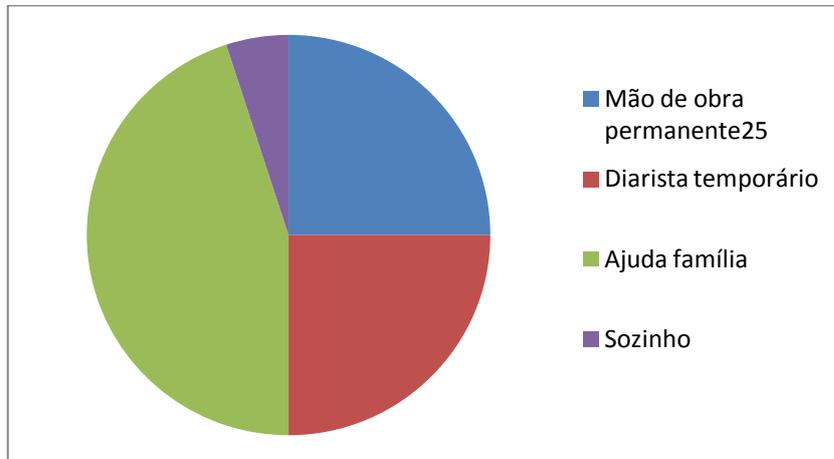


Fonte: Entrevista de campo, junho de 2012.

Verificamos que apenas um dos entrevistados revelou que não tinha nascido na agricultura, como eles costumam dizer. Antes, ele trabalhava com artesanato.

Dos agricultores entrevistados, somente o solteiro disse não ter filhos. Entre os demais entrevistados, 70% disseram ter filhos trabalhando com eles, seja na produção ou na comercialização e, 55% dos agricultores entrevistados disseram ter filhos morando com eles e trabalhando em outras atividades como assalariados no plantio de flores que existem no município de Gravatá ou no comércio existente na sede deste e do outros municípios onde moram os agricultores que fazem a feira Espaço Agroecológico da Graças.

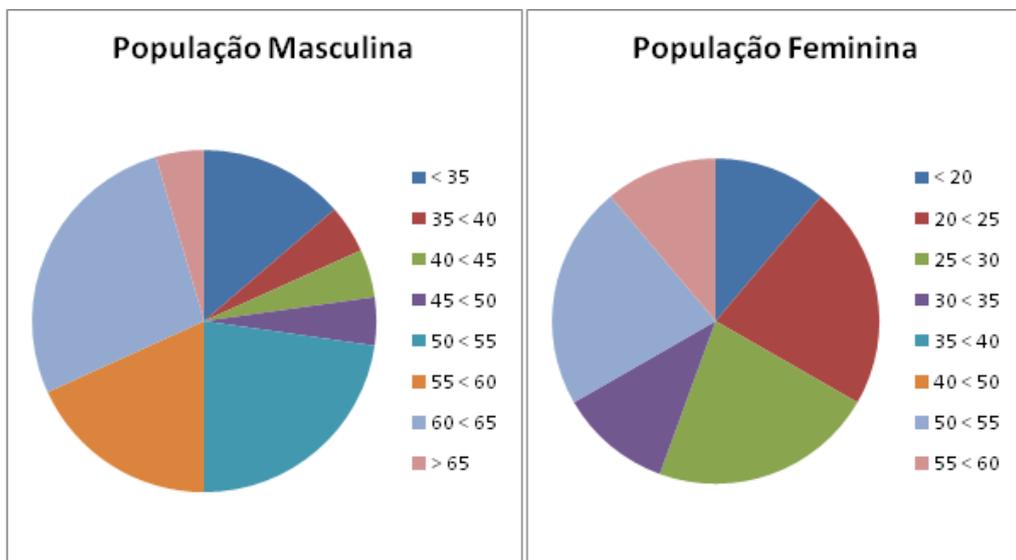
Dos vinte agricultores entrevistados, 25% contratam mão de obra permanente para trabalhar em suas áreas. No entanto, 25% contratam apenas nos momentos de maior trabalho na colheita e 45% contam apenas com a ajuda da família, sendo que apenas 5% trabalham sozinhos.

Gráfico 3- Força de Trabalho

Fonte: Entrevista de campo, junho de 2012.

Dos 22 agricultores que trabalham comercializando seus produtos na feira, 4.54% deles possuem mais de 65 anos, 27.27% deles possuem entre 60 a 65 anos, 18.18% entre 55 a 60 anos, 22.72% entre 50 a 55 anos, 4.54% entre 45 a 50 anos, 4.54% entre 35 a 40 anos e 13.63% possuem menos de 35 anos.

A faixa etária da população feminina envolvida com a comercialização dos produtos na feira é a seguinte: 11.11% possuem entre 55 a 60 anos, 22.22% têm entre 50 a 55 anos, 11.11% está entre 30 a 35 anos, 22.22% entre 25 a 30 anos, 22.22% entre 20 a 25 anos e 11.11% possuem idade inferior a 20 anos.

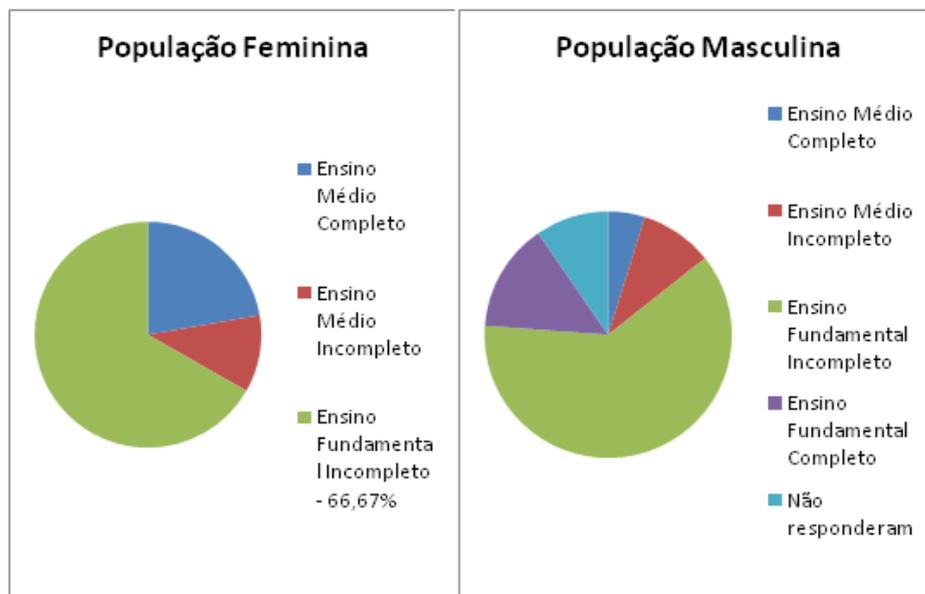
Gráfico 4 – Faixa Etária dos Agricultores

Fonte: Entrevista de campo, junho de 2012.

No que diz respeito ao nível educacional da população masculina envolvida com a comercialização na feira, encontramos 13.63% com ensino fundamental completo, 59.09% com ensino fundamental incompleto, 4.54% com ensino médio completo, 9.09% com ensino médio incompleto e 9.09% dos entrevistados não responderam.

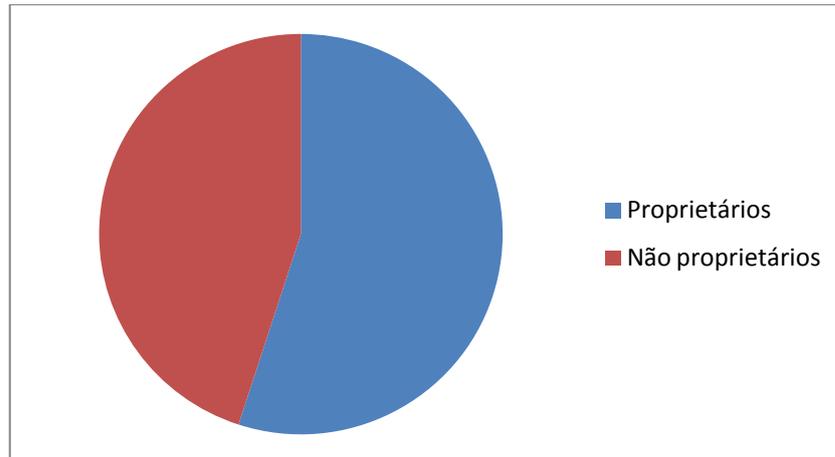
Enquanto que o nível educacional da população feminina envolvida com a comercialização na feira é de 22.22% com ensino médio completo, 66.67% com ensino fundamental incompleto, e 11.11% com ensino médio incompleto.

Gráfico 05 – Escolaridade da População Envolvida na Comercialização



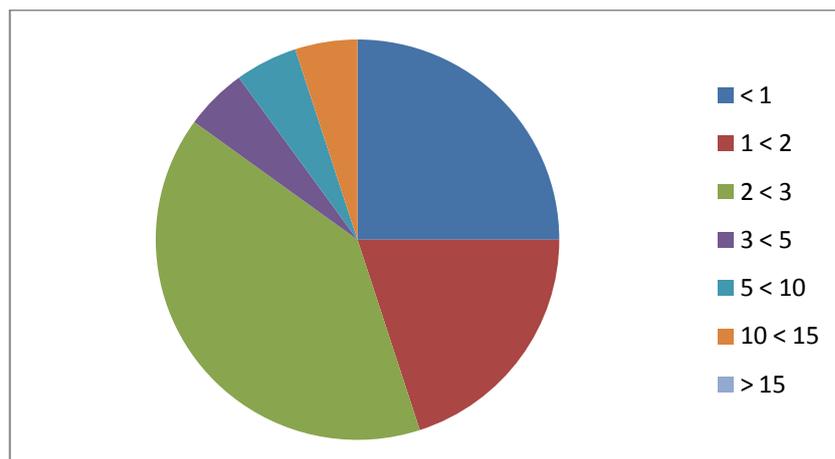
Fonte: Entrevista de campo, junho de 2012.

Entre os agricultores que responderam ao questionário, 55% disseram serem donos da terra onde desenvolvem seus trabalhos, enquanto que 45% declararam não ter. Dos que se declararam ter a propriedade da terra, 54.54% disseram ter adquirido por herança. Dos que declararam não ter, 33.33% trabalham em terras ocupadas, 11.12% em um assentamento e 55.55% em terras arrendadas.

Gráfico 06 - Propriedades

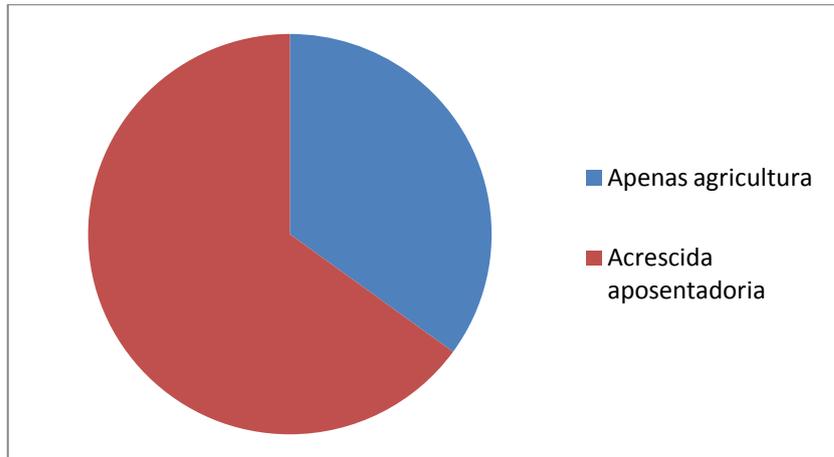
Fonte: Entrevista de campo, junho de 2012.

Quanto ao tamanho das propriedades exploradas pelas 20 famílias de agricultores entrevistadas e envolvidas diretamente com a produção e a comercialização, 25% deles disseram trabalhar em uma área com menos de 01 ha, 20% em uma área que mede entre 01 a 02 ha, 88.88% em uma área medindo entre 02 a 03 ha, 11.11% em uma área medindo entre 03 a 05 ha, 11.11% em uma área entre 05 a 10 ha e 11.11% em uma área que mede de 10 a 15 ha.

Gráfico 07 - Tamanho das Propriedades/ha

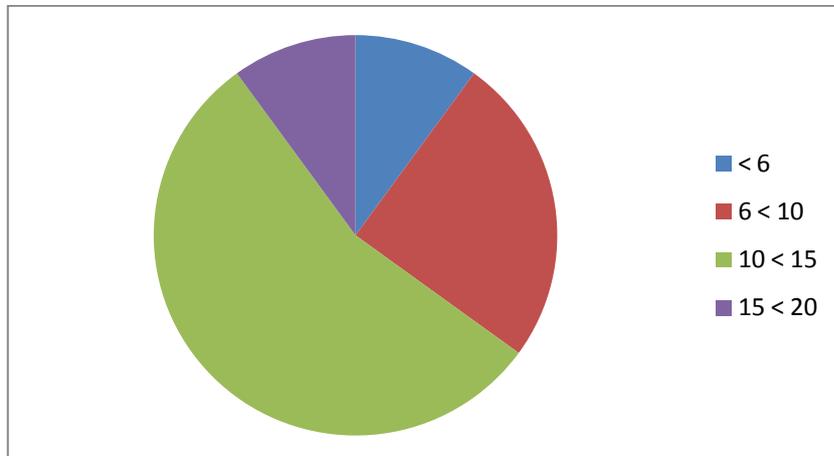
Fonte: Entrevista de campo, junho de 2012.

Além disso, observamos que entre os agricultores entrevistados, 35.00% disseram obter sua renda familiar apenas com os trabalhos com a agricultura, produzindo e comercializando, enquanto que 65.00% deles possuem suas rendas acrescidas com a aposentadoria das esposas.

Gráfico 08 - Renda

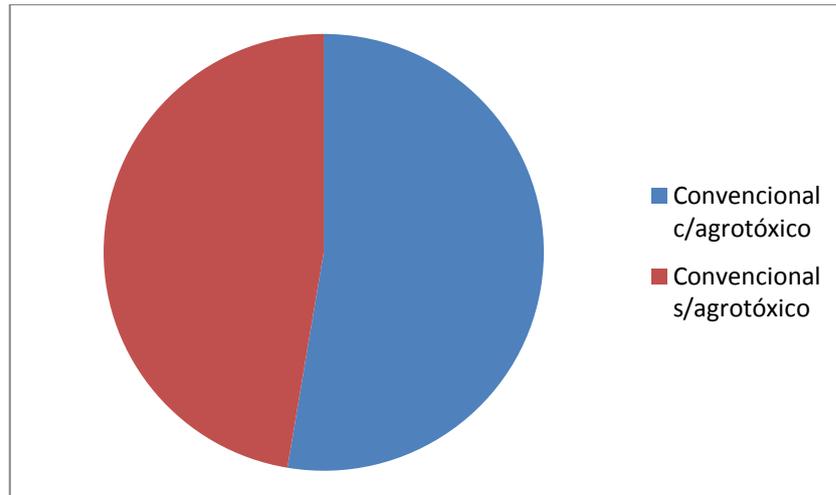
Fonte: Entrevista de campo, junho de 2012.

No que se refere ao tempo de trabalho baseados no enfoque agroecológico/agroflorestal, 10% dos agricultores entrevistados disseram trabalhar a menos de 06 anos, 25% entre 06 a 10 anos, 55% entre 10 a 15 anos e 10% entre 15 a 20 anos.

Gráfico 09 - Tempo de Adoção do Enfoque Ecológico

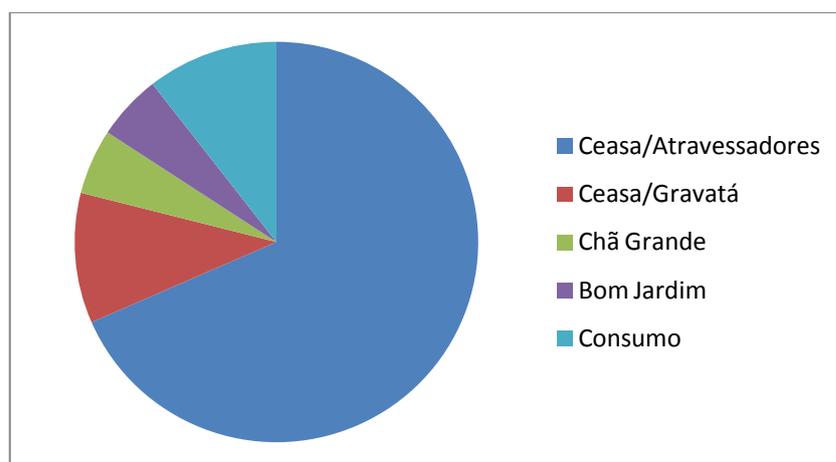
Fonte: Entrevista de campo, junho de 2012.

Perguntados como seria a agricultura praticada antes de adotarem o enfoque agroecológico, 95% dos agricultores responderam ser a agricultura comumente chamada de convencional. Destes, 47.36% responderam que, mesmo sendo a agricultura convencional, eles não utilizavam o agrotóxico, ou adubo químico, enquanto que os 52.64% dos agricultores restantes, disseram fazer uso dos adubos químicos e agrotóxicos, lembrando que 5% do total de agricultores entrevistados eram artesãos.

Gráfico 10 - Utilização Agrotóxicos

Fonte: Entrevista de campo, junho de 2012.

Entre os que praticavam a agricultura convencional antes de adotarem o enfoque agroecológico, 68.42% dos agricultores disseram que comercializavam sua produção convencional levando-a para a CEASA e vendendo a atravessadores, 10.52% salientaram que vendiam tanto na CEASA quanto na feira livre de Gravatá, 5.26% afirmaram que vendiam na feira livre de Chã Grande, 5.26% na feira livre de Bom Jardim e 10.52% deles disseram que a produção era apenas para consumo próprio.

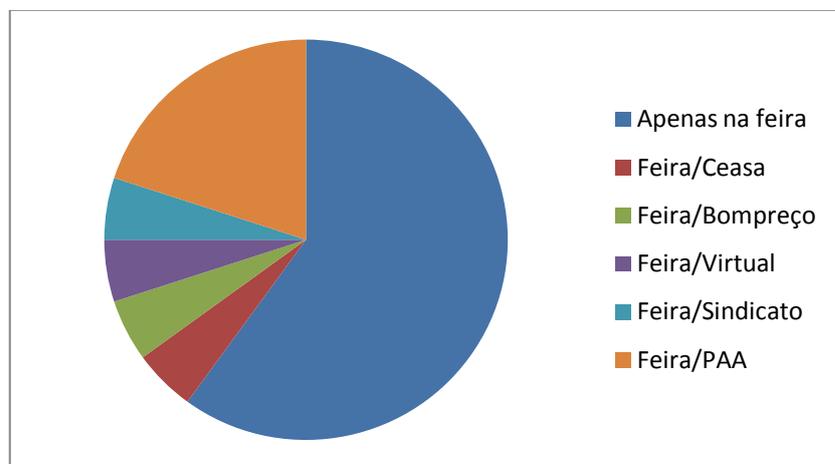
Gráfico 11 – Comercialização

Fonte: Entrevista de campo, junho de 2012.

Para 60.00% do total de agricultores entrevistados, a comercialização dos produtos agroecológicos citados ocorre apenas na feira Espaço Agroecológico das

Graças, enquanto que o restante deles disse comercializar sua produção em outros locais, sendo estes: 12.05% na CEASA, onde funciona um espaço para comercialização da produção orgânica da agricultura familiar, 12.05% na rede de supermercado Bompreço, 12.05% em uma loja virtual a “Comadre Fulozinha”.¹³⁶ produtos orgânicos, agroecológicos, integrais e de comunidades tradicionais, 12.05% no sindicato dos bancários de seu município e os outros 50.00% por meio do PAA.¹³⁷

Gráfico 12 - Comercialização Agroecológica



Fonte: Entrevista de campo, junho de 2012.

Importante ressaltar que as condições atuais de acesso ao mercado (Espaço Agroecológico das Graças) por parte desses agricultores foram construídas pelos próprios agricultores e mediadores, e isso se deu com a intenção de romper o laço de dependência dos agricultores com os atravessadores, o que se desenvolveu por meio da produção de um alimento diferenciado e de uma comercialização de forma também diferenciada, como veremos nos próximos subitens deste capítulo.

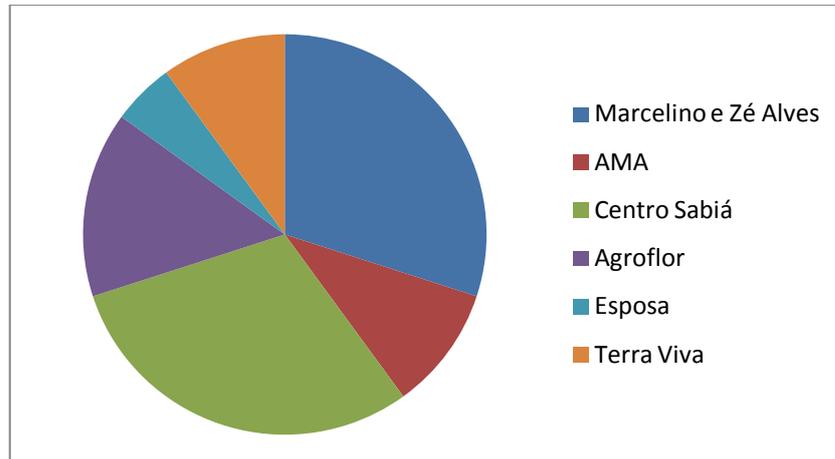
Perguntados sobre como conheceram a agroecologia 30.00% dos agricultores entrevistados disseram que foi por meio do técnico agropecuário Marcelino e

¹³⁶Disponível em:<www.comadrefulozinha.com.br>. Acesso em: 05 de junho de 2012

¹³⁷ O Programa de Aquisição de Alimentos – PAA - é um instrumento de políticas públicas instituído pelo artigo 19 da Lei N. 10.696 de 02 de Julho de 2003. É uma ação do Fome Zero, visando promover o acesso a alimentos às populações em situação de insegurança alimentar e promover a inclusão social no campo por meio do fortalecimento da agricultura familiar. Implementado em parcerias entre a Companhia Nacional de Abastecimento – Conab -, governos estaduais e municipais. Disponível em:<<http://www.mds.gov.br/segurancaalimentar/alimentoseabastecimento/paa>>. Acesso em: 16 jun.2012.

agricultor Zé Alves, 10.00% disseram que por meio da AMA – Gravatá, 30.00% por meio do Centro Sabiá, 15.00% por meio da Agroflor, 5.00% por meio da esposa e 10.00% por meio da Terra Viva.

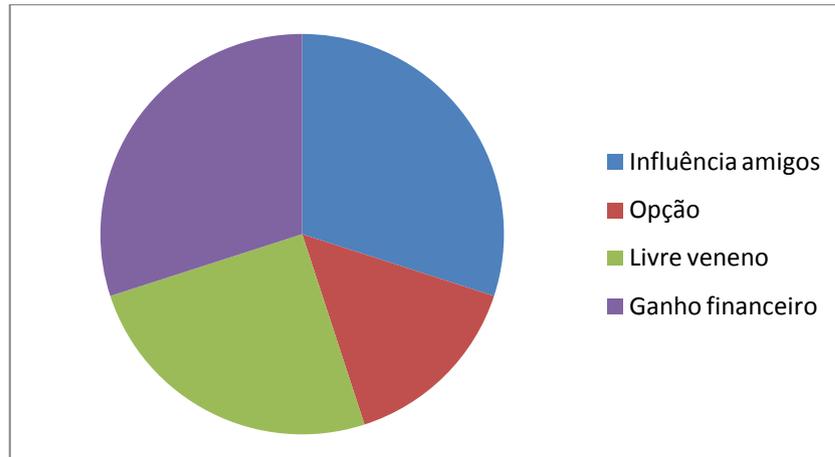
Gráfico 13 - Forma de Adoção da Agroecologia



Fonte: Entrevista de campo, junho de 2012.

A vinculação a uma associação de agricultores e agricultoras agroecológicas representa uma das condições para que os mesmos possam comercializar na feira, o que garante que 100% dos que foram entrevistados sejam associados a uma entidade que os represente.

As razões salientadas pelo grupo entrevistado para a adoção do enfoque agroecológico foram diversificadas: 30.00% disseram ser por influência dos amigos que diziam ser melhor, 15.00% por acreditar que a agricultura ecológica é melhor para ele, seus clientes e o meio ambiente, outros 25.00% justificaram sua mudança fazendo relação direta com o uso do veneno e sua vontade de se ver livre dele enquanto que os outros 30.00% dos agricultores disseram que mudaram por acreditar que teriam melhor rendimento financeiro.

Gráfico 14 - Enfoque Agroecológico

Fonte: Entrevista de campo, junho de 2012.

Sobre as exigências do enfoque agroecológico para fazer agricultura, muitos falaram que a prática da mesma pressupõe que se deixe de fazer uso do fogo evitando as queimadas, a utilização dos agrotóxicos, adubos químicos e, ao invés disso, que se utilize de práticas como a de fazer compostagem, trabalhar com cobertura viva ou morta, com o esterco de gado, os defensivos naturais, a poda, o resto de coqueira, com a maior diversidade possível de culturas cultivadas, que se plantem mais mudas e que se tenha dedicação e amor pela vida.

Temos então, como principal ator das transformações em curso, agricultores que se caracterizam por trabalharem desde criança junto com os pais. Hoje os dados coletados sobre suas idades demonstraram que a grande maioria da população masculina entrevistada estaria concentrada na faixa etária de cinquenta a sessenta e cinco anos enquanto que na população feminina essa concentração cai para a categoria situada entre vinte a trinta e cinco anos (participação das filhas na comercialização). Esses agricultores/as, em sua maioria, detêm o ensino fundamental incompleto, por outro lado considerando que são pessoas nascidas na agricultura, podemos dizer que os mesmos detêm muita experiência neste setor, mesmo no enfoque agroecológico já que os dados indicaram que a grande maioria dos agricultores trabalha a cerca de seis a dezoito anos baseados nesse enfoque.

Quase 50% desses agricultores disseram não ter a propriedade da terra onde desenvolvem seus trabalhos, predominando entre eles um tamanho de terra que mede entre dois a três hectares. Em sua grande maioria, esses agricultores contam com a presença dos filhos (a maior parte deles casados) trabalhando com eles,

sendo que um pouco mais da metade desses filhos se encontram morando com os pais. Além do trabalho dos filhos, alguns desses pais contam também com o trabalho de diaristas (trabalhadores que recebem por dia de serviço) em suas propriedades, sendo que cinco deles de forma permanente e cinco nos momentos de maior quantidade de trabalho (no reparo da terra e na colheita). Na composição da renda familiar, mais da metade desses agricultores informaram que contavam com a aposentadoria das esposas.

Do ponto de vista da produção e comercialização, antes da adoção do enfoque agroecológico, os dados coletados indicaram tratar-se de agricultores com uma prática agrícola marcada pelo uso dos adubos químicos e venenos, e que eles tinham uma experiência de comercialização limitada no que diz respeito ao contato direto com os consumidores, já que esses agricultores costumavam entregar sua produção para os atravessadores.

A experiência com a agroecologia levou esses agricultores a desenvolverem novas práticas de comercialização, sendo a venda direta na feira Espaço Agroecológico das Graças o principal canal de escoamento da produção, mas também a supermercados, sites de vendas e ao PAA, lembrando que o mais importante disso tudo, é a feira citada ser fruto de esforços dos próprios agricultores, que precisam estar atentos às necessidades não só da produção e comercialização, mas da realização da feira em si, com tudo que ela possa implicar como, por exemplo, a manutenção do espaço onde ela acontece, dialogando permanentemente com o poder público para ter o direito de estar ocupando um espaço em uma rua do bairro todos os sábados, bem como na garantia de uma estrutura mínima de logística (a sala alugada para guardar as barracas da feira, bem como o banheiro e água para beber) para acomodar os produtores/vendedores.

A forma como esses agricultores conheceram a agroecologia demonstra a atuação de agentes externos na disseminação deste enfoque. O Centro Sabiá, por meio do técnico Marcelino e da Associação AMA-Gravatá, se constituem nos seus principais atores. Esses agricultores disseram que a influência dos amigos, a vontade de se ver livre dos agrotóxicos e de terem um ganho financeiro melhor, foi o que mais pesou nessa mudança de práticas agrícolas.

Estes são os agricultores que estão participando da construção de uma praça de mercado, vista aqui como fruto de toda uma dinâmica social (sensibilização dos agricultores para a adoção da agricultura orgânica/agroecológica, para que se

tornassem membros da ONG e da associação fundadoras da feira, para a construção de novas associações, conformando um novo arranjo institucional) que a antecede e que ao mesmo tempo se expande e se fortalece com sua realização. Tal dinâmica fora desencadeada por pessoas externas ao grupo de agricultores em pauta, dispostas a atuarem na transformação das práticas produtivas e do ambiente social onde esses mesmos agricultores estavam inseridos.

Nesse sentido, se faz necessário conhecer a história de formação dessa ONG e das associações para podermos compreender o ambiente, os princípios e objetivos que irão conformar a constituição desse grupo, organizados de forma associativa e em rede, e que naquele momento visavam, por um lado, a fomentação de uma agricultura diferenciada e, por outro lado, viabilizar as ações dos agricultores no enfrentamento e superação dos problemas por eles identificados, como, por exemplo, o escoamento e a comercialização de sua produção. É nisso que consiste o próximo item deste capítulo.

3.2 Constituição dos Atores Envolvidos na Construção do Espaço Agroecológico das Graças Recife/PE

As principais organizações envolvidas com a construção do Espaço Agroecológico das Graças em seu início foram o Centro de Desenvolvimento Agroecológico – Sabiá e a Associação dos Amigos do Meio Ambiente de Gravatá - AMA-Gravatá. Posteriormente, formaram-se novas associações como a Associação de Agricultores e Agricultoras Agroflorestais Terra & Vida em Abreu e Lima, a Associação das famílias agroecológicas do distrito de São Severino e seus arredores - AMA-Terra em Gravatá -, a associação Terra Viva em Chã Grande e a Associação de Agricultores e Agricultoras Agroecológicos de Bom Jardim – Agroflor.

A constituição do grupo de atores envolvidos na construção do Espaço Agroecológico das Graças revela, por um lado, a presença de atores externos fomentando a proposta agroecológica e, por outro lado, a percepção e sensibilidade dos agricultores em não apenas adotar tais práticas produtivas, mas de construir de forma coletiva com os atores externos, suas próprias associações conformando um arranjo institucional associativo e em rede que pudesse dar viabilidade a seus novos

desafios: produzir um produto diferenciado e comercializá-lo de uma forma até então não praticada pela maioria dos agricultores tradicionais.

Tal iniciativa gerou um arranjo institucional baseado no associativismo em rede que se confunde com a própria construção da feira Espaço Agroecológico das Graças, o que em si revela uma participação ativa dos envolvidos, principalmente os agricultores e agricultoras que adotaram a prática de uma agricultura ecológica, e que a partir da mesma vêm articulando ações que buscam promover tanto a produção e a comercialização de produtos agroecológicos como também, ações que possam redundar na melhoria do ambiente social onde os mesmos se inserem.

Essa perspectiva pressupõe o reconhecimento das instituições (regras) atuando no funcionamento dos mercados, coordenando as ações dos agentes econômicos em interação, como foi destacado no capítulo um desta tese, quando ressaltamos a dimensão social existente no ato da troca, a qual não está destituída de seu contexto sociopolítico, sendo que seu funcionamento é resultado do que Garcia Par-pet¹³⁸ chamou de menos a “mão invisível” e mais a “criação permanente” dos agentes econômicos em interação.

Analisando o conceito de instituição definido por autores como Nort, Furubotn e Richter, Schmid e Fiani¹³⁹ que destacam, respectivamente, os seguintes aspectos: a) a importância das instituições como regras e como restrições relativas ao que as pessoas podem fazer nos seus relacionamentos em sociedade; b) que as regras que compõe uma instituição envolvem elementos formais (formalizadas em documentos) e informais (consolidadas pelo hábito e pela cultura) e c) que as regras não representam apenas barreiras e restrições, mas também oportunidades para as pessoas.

Fundamental também é distinguirmos instituições de organizações, vejamos: “enquanto instituições são regras gerais de interação social, organizações são grupos de indivíduos ligados por um conjunto de regras específicas (suas próprias instituições) as quais visam à ação coletiva do grupo em torno de um objetivo

¹³⁸ GARCIA-PAR-PET, Marie France. A construção social de um mercado perfeito: o caso de Fontaines-en-sologne. ESTUDOS, SOCIEDADE E AGRICULTURA, Rio de Janeiro, n. 20, abr. 2003.

¹³⁹ FIANI, Ronaldo. Teoria econômica clássica e teoria marginalista. REVISTA DE ECONOMIA POLÍTICA, v. 10, n. 4, p. 10,out./dez. 1990.

comum”.¹⁴⁰ Este autor exemplifica essa diferenciação dizendo que a igreja católica é uma organização, já o seu direito canônico, o conjunto de regras que regem as relações de seus membros será a instituição.

Fiani¹⁴¹ distingue também dois níveis de atuação das instituições organizando o sistema econômico: o ambiente institucional, que seria mais geral, e outro, o arranjo institucional, que seria mais localizado. Baseando-se em North e Davis, Fiani define o primeiro nível como um conjunto de regras de natureza política, social e legal que estabelece a base para a produção, a troca e a distribuição, e que se encontram no regime político, no direito civil e na constituição nacional. Já o segundo nível seria um arranjo entre unidades econômicas, que governa a forma pela qual essas unidades podem cooperar e/ou competir. Um exemplo dado por Fiani seria o mercado de capitais com suas regras específicas.

Sendo assim, entende-se por arranjo institucional, um conjunto de regras que coordenam as ações de indivíduos e grupos de indivíduos por meio das organizações que os representam, conformando como disse Lopes,

um campo ou uma rede de relações, parcerias e apoios que viabilizam e potencializam, parcial ou totalmente, suas atividades e seus resultados em termos de alcance de objetivos propostos e metas produtivas, organizacionais, econômicas e ambientais.¹⁴²

No caso aqui analisado, as instituições são as regras formais e informais que os agricultores elegeram como fundamentais para estabelecer, por exemplo, as formas ou pré-requisitos necessários para que os mesmos possam de forma democrática entrar, permanecer ou sair das associações e das feiras agroecológicas que eles participam, assim como produzir e comercializar seus produtos. Já a organização seria a associação em si.

Lopes, em seu estudo sobre sistemas agroflorestais, identificou três arranjos institucionais básicos: 1) o individual, 2) o integrado e 3) o associativo. O primeiro diz respeito a agricultores que operam individualmente, sem vínculo obrigatório a

¹⁴⁰ *Id. Ibid.*, p. 08.

¹⁴¹ *Id. Ibid.*

¹⁴² LOPES, Saulo Barbosa, Arranjos institucionais e a sustentabilidade de sistemas agroflorestais. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em desenvolvimento rural – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, agosto de 2001, p. 16.

empresas, associações ou cooperativas, o segundo aos que são influenciados/atraídos pelas estratégias de fomento das agroindústrias criando laços de dependências, o terceiro aos que desenvolvem seus sistemas produtivos de forma associativa, reunidos em associações ou cooperativas visando maior qualidade do produto, maior retorno econômico (agregação de valor e melhores condições de comercialização) ou maior qualidade de vida. Os agricultores aqui analisados são situados neste terceiro tipo de arranjo.¹⁴³

A partir das observações e entrevistas realizadas com os agricultores e os técnicos envolvidos com a construção dos experimentos tanto da agricultura agroecológica como das feiras onde os produtores comercializavam seus produtos, antes do Espaço Agroecológico das Graças, pudemos perceber a dinâmica de formação do arranjo institucional acima comentado e nele destacar a conformação de dois grandes grupos de atores, envolvidos com a feira em questão. A conformação dos dois grupos é separada temporalmente, mas entrelaçados nas suas práticas e objetivos.

Assim, no primeiro grupo, destacamos a participação de dois dos atores mais importantes desse processo de implantação do enfoque agroecológico e de construção da feira que são o Centro de Desenvolvimento Agroecológico - Sabiá, fundado em 1993, e a Associação dos Amigos do Meio Ambiente de Gravatá (AMA-Gravatá), fundada em 1997. No segundo grupo, destacamos a conformação de um arranjo institucional que se deu como desdobramento do primeiro e que hoje estaria à frente da organização e realização da feira como a Associação de Agricultores e Agricultoras Agroecológicos de Bom Jardim – Agroflor, fundada em 31 de outubro de 1999, a associação Terra Viva em Chã Grande, fundada em 22 de abril de 2002, a Associação de Agricultores e Agricultoras Agroflorestais Terra & Vida de Abreu e Lima, fundada em setembro de 2009, e a Associação das famílias agroecológicas do distrito de São Severino e seus arredores (AMA-Terra em Gravatá), fundada em fevereiro de 2009.

Neste terceiro capítulo, privilegia-se a conformação desse primeiro grupo de atores e seus arranjos, por entende-se que é nele que se encontramos os principais elementos (conhecimento da agricultura agroecológica, experiência na comercialização de produtos orgânicos, competência na mobilidade do discurso

¹⁴³ *Id. Ibid.*

ecológico) norteadores das ações que irão resultar nas mudanças ocorridas (na prática produtiva e de comercialização) com o conjunto dos agricultores envolvidos nesse processo e que irá resultar na criação da feira Espaço Agroecológico das Graças, aqui analisada. O segundo grupo será explorado com maior ênfase no quarto capítulo desta tese.

3.2.1 Formação do Grupo Fundador da Feira Espaço Agroecológico das Graças

3.2.1.1 O Centro de Desenvolvimento Agroecológico – Sabiá

Fundado em 1993, o Centro de Desenvolvimento Agroecológico – Sabiá tem por objetivo desenvolver e multiplicar a agricultura agroflorestal - ou agrofloresta - junto aos agricultores familiares. Como organização não governamental tem por missão “plantar mais vida para um mundo melhor, desenvolvendo a agricultura familiar e agroecológica e a cidadania”.¹⁴⁴ Sua atuação abrange as regiões da Mata Atlântica, Agreste e Sertão de Pernambuco.

Em entrevista de campo, o Agrônomo Flavio Duarte, um dos fundadores do Centro Sabiá, comenta o contexto de surgimento desta ONG.

O Centro Sabiá, ele surgiu na verdade, como uma necessidade de uma certa autonomia de um projeto que já existia dentro do Centro Josué de Castro. Era o projeto de tecnologias alternativas. Então, naquela discussão o pessoal avaliava que agente já tinha todas as condições, já era quase uma instituição dentro de uma instituição, só que agente não tinha autonomia. Então, foi em noventa três, noventa dois e noventa e três agente decidiu criar essa própria instituição, o Centro de Desenvolvimento Agroecológico – Sabiá. Então, ele surge nesta perspectiva de fortalecer a agroecologia como uma base de desenvolvimento rural sustentável em Pernambuco. Aí no início agente tinha uma atuação muito pontual, em cima de algumas tecnologias, mas depois esse enfoque começou cada vez mais a ficar sistêmico e agente começou cada vez mais interagir, não mais com uma tecnologia mais com um sistema de produção. Com estratégias mais amplas de intervenção.¹⁴⁵

¹⁴⁴ SOUZA, Joseilton Evangelista. *Agricultura florestal ou agrofloresta*. Recife: Centro Sabiá, 2007, p.04.

¹⁴⁵ Flavio Duarte, entrevista realizada em junho de 2012.

O desenvolvimento das atividades assumidas pelo Centro Sabiá se dá conjuntamente com associações de agricultores familiares, movimentos sociais, organizações da sociedade civil, instituições governamentais, redes e articulações. Ele

trabalha a agrofloresta e inclui, sobretudo, a conscientização política no desenvolvimento da sua proposta. Visa interferir nas políticas públicas com o objetivo de implementar o desenvolvimento local sustentável. Para atuar nas várias dimensões, há uma equipe multidisciplinar que se organiza em diversos municípios onde a entidade atua. Essa equipe recebe o reforço dos (as) agricultores (as) multiplicadores (as) que acompanham as experiências agrofloretais nas suas localidades.¹⁴⁶

Souza¹⁴⁷ destaca cinco linhas estratégicas de atuação elegidas pelo Sabiá para poder desenvolver seus trabalhos. São elas: 1) construção coletiva do conhecimento agroecológico; 2) educação para a convivência com o semiárido; 3) fortalecimento das organizações dos agricultores e agricultoras; 4) fortalecimento das articulações e parcerias; e 5) desenvolvimento da economia popular e solidária e garantia da soberania alimentar e nutricional com ênfase em gênero e juventude.

Como exemplo desse papel disseminador da agricultura agroflorestral que o Centro Sabiá vem desenvolvendo, podemos citar uma intervenção no município de Bom Jardim, situado na região do Agreste pernambucano, que vai redundar na conformação e desdobramento de uma experiência de produção e comercialização agroecológica, a qual será fundamental para os objetivos de nossa tese. Trata-se de um diagnóstico participativo da pequena produção rural feito em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais deste município.

Com o diagnóstico, o Sabiá¹⁴⁸ conseguiu identificar cinco grandes questões: pouca terra, terra fraca, baixa produção, prejuízo no processo da comercialização (além da presença do atravessador, os agricultores não costumavam fazer um beneficiamento de seus produtos) e fragilidade na organização social.

O Centro Sabiá destacou no documento supracitado, que tais problemas estavam ligados a problemas históricos do município como a questão da estrutura

¹⁴⁶ SABIÁ, A experiência com comercialização agroecológica, SDS/PDA/PPG7 – Brasília:MMA, 2006, p, 09.

¹⁴⁷ SOUZA, Joseilton Evangelista. *Agricultura florestal ou agrofloresta*. Recife: Centro Sabiá, 2007.

¹⁴⁸ ADEILDO *Apud* SABIÁ, A experiência com comercialização agroecológica, SDS/PDA/PPG7 – Brasília:MMA, 2006, p. 10.

fundiária concentrada, uma sucessiva divisão das propriedades gerando uma grande pressão sobre a terra, sendo que, conseqüentemente, essa pressão teria um forte rebatimento na redução da produtividade, incidência de pragas e doenças nas lavouras praticadas pelos agricultores da região.

Neste documento, o Sabiá concluiu que o principal problema dos agricultores seria a prática de um sistema de produção não sustentável, que se encontrava em profunda crise e em pleno declínio. Outro problema identificado foi a ausência de políticas públicas que pudessem contribuir com o fortalecimento das práticas produtivas e de comercialização da produção dessas famílias de agricultores.

Foi a partir daí que o Centro Sabiá iniciou um processo de assessoria para os agricultores daquele município, buscando sensibilizá-los para a necessidade de se operar uma mudança do sistema de produção, introduzindo a discussão e a prática da agroecologia e focando cada vez mais na agricultura agroflorestal.

Tais objetivos foram levados a cabo pelo Centro Sabiá e os agricultores por ele mobilizados estão até hoje envolvidos com esse tipo de agricultura, o que poderemos ver mais a frente quando estivermos refletindo sobre a experiência do agricultor Rafael, de cinquenta e dois anos, com a agricultura agroecológica de vóeis agroflorestal no município de Bom Jardim, mais precisamente no “sítio Feijão”. Rafael é um dos agricultores que comercializam no Espaço Agroecológico da Graças desde seu início.

O processo de implantação desse sistema de produção que visa atingir uma maior sustentabilidade econômica e ambiental se faz paralelo ao amadurecimento do próprio Centro Sabiá frente à proposta agrícola que eles estavam assumindo pra si e propondo aos agricultores. Esse amadurecimento ocorre a partir do contato com Ernst Götsch¹⁴⁹, uma vez que, antes deste contato, o Centro Sabiá trabalhava em cima de tecnologias, de práticas agrícolas pontualizadas, como salienta Flavio Duarte:

Por exemplo, a gente trabalhava muito com os agricultores o que se chamou numa linguagem mais assim acadêmica de CCC, que era: cobertura morta, curva de nível e composto. Era três tecnologias básicas que agente tinha como certa para trabalhar com os agricultores, depois

¹⁴⁹Ernst Götsch é um suíço que vem desenvolvendo o sistema agroflorestal no sul da Bahia e Flávio Duarte conheceu seus trabalhos num curso que participou no Ceará.

agente começou a perceber que essas três tecnologias realmente não promoviam tantos impactos assim, e gerava um conjunto de demandas pros agricultores, que de certa forma dificultavam o processo de implantação dessas tecnologias. Quando a gente conheceu essa experiência do Ernst, esse suíço que desenvolveu uma técnica muito completa e muito impactante de construção de sistemas de produção altamente diversificado e altamente produtivo, quando nós conhecemos a experiência dele e ele depois vêm trabalhar no Centro Sabiá, prestando consultoria, agente começou a perceber as limitações que agente tinha enquanto proposta de intervenção.¹⁵⁰

Sobre as demandas geradas pelas tecnologias desenvolvidas pelo Centro Sabiá, o CCC, antes do conhecimento das experiências de Ernst Götsch e os problemas que elas geravam para os agricultores, Flavio Duarte, nessa mesma entrevista, fez o seguinte comentário:

A gente fazia uma intervenção com os agricultores, fazíamos um planejamento e eles não aplicavam. Se tornava inviável aplicar. Por exemplo: realização de composto. A minha experiência prática de lá pra cá, mostra que é uma prática agrícola interessante, mas pra determinado tipo de agricultores, pra determinado tipo de situações, mas é uma prática agrícola que gera um sobretrabalho. Você tem que juntar toda uma matéria orgânica num canto só, ter um substrato que induza o processo de decomposição daquela matéria orgânica, ter a água, a indução da água pra gerar a umidade necessária pra que aja a decomposição e realizar permanente aeração de todo esse material. Ou seja, era um material que quase que semanalmente o agricultor tinha que revirar e, isso gerou um trabalho muito grande.¹⁵¹

Essa é uma preocupação legítima, se considerarmos que hoje o agricultor tem que disponibilizar seu tempo tanto para a execução das tarefas necessárias à produção, para a comercialização, para a participação na organização da feira e nas atividades próprias das associações onde os mesmos são associados. E mais, do ponto de vista técnico, Flávio percebeu que essa técnica do composto

não era um impacto tão significativo, porque, pra você alimentar uma propriedade com composto tem que ser uma quantidade muito grande e isso leva quase que o agricultor a investir uma quantidade significativa de horas nesse trabalho e acaba não dando conta das demandas, digamos assim, é, de fertilização do solo, e na realidade também, com a vinda do Ernst, agente começou a perceber que tinha outras práticas, que eram muito mais eficientes, tipo a cobertura morta no próprio local, o plantio no sistema de produção de plantas que se dedicassem a produzir a própria matéria orgânica no local, cobrindo, possibilitando a cobertura daquele solo no próprio local. Enfim, pra gente isso foi apenas um exemplo de como

¹⁵⁰ Flavio Duarte em entrevista realizada em junho de 2012.

¹⁵¹ *Id.*

agente tinha um limite e de como essa experiência com o Ernst passou a trazer pra gente referências realmente muito significativas.¹⁵²

Uma vez enfrentado os problemas técnicos de manejo na agricultura, e começando a perceber na prática que esse sistema de produção baseado na maior diversificação possível de culturas cultivadas foi gerando um excedente de produção, os agricultores passaram a pressionar o Centro Sabiá para que essa ONG os ajudasse a dar um destino comercial a seus produtos, cobrando aos técnicos desta organização a aplicação daquilo que eles vinham discutindo.

Em entrevista de campo, Flávio Duarte lembra que, na época, ele já se preocupava com a necessidade de que as experiências agroecológicas enfrentassem a questão econômica dos agricultores que até então tinham um discurso que era muito filosófico e tinha certo pacote de tecnologias alternativas que não produzia nenhum impacto significativo na economia dos agricultores. Sendo assim, começaram a reconhecer que, se aplicadas, aquelas experiências poderiam trazer um impacto mais concreto do ponto de vista econômico, sendo que a comercialização seria uma forma concreta de enfrentar isso.

No planejamento estratégico do Centro Sabiá para o período de 1995 a 1996, foram definidos dois objetivos estratégicos diretamente relacionados com a temática da comercialização: a) ter as experiências de referência diversificadas e consolidadas, alcançando sustentabilidade ecológica e econômica; e b) integrar nas experiências de referência os aspectos da comercialização, do beneficiamento e da criação animal.¹⁵³

Na entrevista com Flávio Duarte acima citada, questionou-se sobre as condições econômicas desses agricultores nesse momento de implantação do enfoque agroecológico, o que, segundo o entrevistado, eram muito precárias, refletindo na forma como os filhos desses agricultores percebiam os trabalhos dos pais na agricultura. Os filhos não tinham a agricultura como referência e não queriam continuar naquele trabalho. O apelo contido no discurso dos técnicos do Centro Sabiá, segundo Flávio Duarte, insistindo na possibilidade deles crescerem do ponto

¹⁵² *Id.*

¹⁵³ SABIÁ, A experiência com comercialização agroecológica, SDS/PDA/PPG7 – Brasília:MMA, 2006, p. 10.

de vista da capacitação, deles crescerem do ponto de vista do conhecimento, foi o elemento mais forte no relacionamento do Centro Sabiá com os agricultores.

Assim, o Centro Sabiá, juntamente com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bom Jardim, empenhou-se fortemente na construção daquela que seria sua primeira experiência com comercialização, que foi a feira de produtos agroecológicos de Umarí, uma comunidade localizada no município de Bom Jardim.

A feira de Umarí surgiu, segundo Adeildo, técnico do Sabiá, como uma demanda das oito famílias de agricultores que estavam praticando a agricultura agroflorestal e que já tinham excedentes.

Aumentaram a produção e aí chegaram pro Sabiá e encostaram na parede assim né: vocês nos assessoraram pra que agente trabalhasse no sistema de produção diferenciado, que agente acredita pê, pê, pê, pá, pá, pá né. Estamos produzindo mais alimentos em quantidade, qualidade e diversidade e agora tem um monte de produto sobrando aí, o que vamos fazer com esses produtos?¹⁵⁴

Nessa mesma entrevista, Adeildo reforça o que Flávio Duarte dissera também em entrevista, que essa cobrança dos agricultores forçou a ONG a pensar em estratégias de comercialização de forma mais contundente. Lembrou Adeildo que, no seu programa estratégico, eles tinham a comercialização e o beneficiamento como meta, mas vinham trabalhando mais o beneficiamento e isso na perspectiva do consumo, quando então surgiu a demanda dos agricultores pela comercialização.

Outro aspecto importante destacado por Adeildo nessa mesma entrevista, é que os agricultores e o Centro Sabiá começaram com a prática da comercialização dos produtos agroecológicos em um município que é essencialmente agrícola, e que nos arredores da comunidade de Umarí, onde a feira foi instalada, existiam muitos agricultores produzindo de forma convencional. Além de que, para eles do Centro Sabiá, era uma atividade nova, eles também queriam atingir um público novo, o que era complicado, já que naquele local seus potenciais compradores também eram agricultores.

Essa feira em Umari serviu, segundo Adeildo e Flávio Duarte (em suas entrevistas de campo), de experimento para se pensar em uma feira no Recife, o que se deu a partir de um convite da Ama-Gravatá, de participarem juntos de uma

¹⁵⁴ ADEILDO em entrevista realizada em novembro 2011.

atividade em Recife, como parte das comemorações do dia mundial da alimentação, comemorado no dia 12 de outubro de 1997, desdobrando-se posteriormente na construção do Espaço Agroecológico das Graças.

Vale salientar que a associação Ama-Gravatá também estava assessorando agricultores com a produção orgânica e que assim como acontecia com os agricultores assessorados pelo Centro Sabiá em Umari, os seus agricultores associados, já estavam experimentando o processo de comercialização no município de Gravatá. Passemos então a conhecer essa associação.

3.2.1.2 Associação dos Amigos do Meio Ambiente de Gravatá (AMA-Gravatá)

Segundo Monteiro Filha¹⁵⁵, a Associação dos Amigos do Meio Ambiente de Gravatá (AMA-Gravatá) foi criada em janeiro de 1997, como resultado da mobilização

de alguns profissionais liberais (advogados, agrônomos, servidores públicos) que possuíam propriedades no meio rural e outros moradores da área urbana, sensíveis às questões ecológicas, preocupados com a degradação do meio ambiente no município, iniciaram uma mobilização na tentativa de realizar um trabalho de educação ambiental, tendo em vista a preservação e recuperação dos recursos naturais prejudicados.¹⁵⁶

Sobre as atividades desenvolvidas pela AMA – Gravatá, Barros e Silva destaca que:

basicamente ela atua nos seguintes campos: na agricultura orgânica, onde arregimenta um grupo de 31 agricultores familiares, e em Educação Ambiental mantendo uma escolinha (Escolinha Brejo da Floresta), onde o público alvo são os filhos de agricultores assistidos pela AMA, além de participar e promover atividades voltadas para o meio ambiente urbano em parceria com outras entidades e também isoladamente.¹⁵⁷

¹⁵⁵ MONTEIRO FILHA, Maria José. Ama Gravatá: uma estratégia de agroecologia, educação ambiental e desenvolvimento local. Dissertação. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local. Recife, 2008, p. 19.

¹⁵⁶ *Id. Ibid.*

¹⁵⁷ BARROS e SILVA, E. A. Inserção dos agricultores de base familiar no mercado da agricultura orgânica: o caso da associação dos amigos do meio ambiente - AMA/Gravatá-PE. Dissertação. Universidade Federal de Pernambuco. Mestrado em Gestão e Políticas Ambientais, Recife Abril de 2005, p. 78.

Monteiro Filha relata ainda duas experiências assumidas pela AMA – Gravatá, sendo que uma delas ainda não aparecia entre as especificadas por Barros e Silva no trabalho acima citado. A primeira foi no ano de 2000, na área da educação, quando os sócios fundadores desta associação, fundaram uma escola chamada Escola Brejo da Floresta, para atender a educação formal com atenção especial à educação ambiental. A outra experiência foi em 2005, quando início o projeto CRESCER – Coleta de Resíduos Sólidos, Comércio e Reciclagem, objetivando a preservação do meio ambiente, prolongamento da vida útil do aterro sanitário, o reconhecimento e o respeito à dignidade da condição humana dos catadores responsáveis pela coleta de grande parte desses materiais.

Refletindo sobre os objetivos da AMA-Gravatá firmados em seu estatuto, Barros e Silva sinaliza para o fato de que, naquele documento, a associação se colocava como tendo por objetivo geral:

[...] contribuir no desenvolvimento de uma sociedade ecologicamente sustentável, preservando e/ou recuperando o meio ambiente, respeitando no mesmo grau de intensidade o homem e os demais seres da natureza, no município de Gravatá e região.¹⁵⁸

Nos objetivos específicos, Barros e Silva destaca a promoção e/o apoio do desenvolvimento da agricultura ecológica e de sistemas florestais sustentáveis.

Barros e Silva chamava atenção para o fato de que:

Nota-se que os objetivos da AMA são abrangentes em relação ao meio ambiente e que a agricultura alternativa é um objetivo entre outros. Na época também, o conceito de agroecologia ainda não estava consolidado entre os integrantes da AMA. A comercialização de produtos orgânicos não estava sequer explicitada em seu estatuto, no entanto, hoje é a atividade mais expressiva e que consegue dar maior visibilidade da AMA para a sociedade.¹⁵⁹

O Agrônomo¹⁶⁰ Carlos André V. Cavalcante¹⁶¹ (Cacá), em entrevista de campo (25 de maio de 2012) retoma o contexto de surgimento da AMA-Gravatá

¹⁵⁸ BARROS e SILVA, E. A. Inserção dos agricultores de base familiar no mercado da agricultura orgânica: o caso da associação dos amigos do meio ambiente - AMA/Gravatá-PE. Dissertação. Universidade Federal de Pernambuco. Mestrado em Gestão e Políticas Ambientais, Recife Abril de 2005, p.79.

¹⁵⁹ *Id. Ibid.*, p.79.

¹⁶⁰ Formado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE.

lembrando sua chegada no município e destacando também suas experiências anteriores com a agricultura orgânica e agroecológica iniciada no ano de 1992 e 1993. Segundo o entrevistado, essa experiência foi adquirida quando era recém-formado em Agronomia, e comercializava na feira da Água Branca da Associação de Agricultura Orgânica de São Paulo – AAO- como estagiário de uma fazenda orgânica no interior de São Paulo. Depois recebeu uma proposta de trabalho no Rio Grande do Sul para assessorar grupos de agricultores o que, segundo ele, possibilitou conhecer um lado bem interessante que era o da organização dos agricultores.

Casado com Silvia¹⁶², Cacá retorna em junho de 1996 para Pernambuco, sua terra natal, onde junto com a esposa se instalam na propriedade de sua família que fica no município de Gravatá, conhecida como “sítio da Pedra do Tao” e começam a por em prática dois objetivos muito claros para o casal:

Um, fazer um trabalho com a agricultura ecológica e o outro tornar a propriedade um ambiente pra receber pessoas e desenvolver a sensibilização e a conscientização ambiental. [...] A gente começou a fazer a mobilização com as famílias que moravam na vizinhança da Pedra do Tao pra organizar uma produção agroecológica. Inicialmente foi um trabalho com pessoas que vieram de outras regiões, inclusive de outros países da Nova Zelândia, da Suécia. Então a gente juntou esse grupo junto com dois agricultores da região pra montar uma estrutura que pudesse fazer o trabalho de comercialização da produção, ainda muito incipiente de agricultura orgânica na época [...].¹⁶³

Dessa forma, ocorre o início de uma mobilização que vai resultar na formação de uma associação que irá subsidiar as ações de agricultores interessados na produção de uma agricultura ecológica, e na comercialização dos produtos advindos da mesma.

Nessa mobilização a gente encontrou outras pessoas de Gravatá que toparam montar uma associação. Então, ao invés de ser uma associação apenas do meio rural, foi também uma associação que envolveu as pessoas

¹⁶¹ Também faziam parte desse grupo de fundadores da AMA-Gravatá a sueca Molin e seu companheiro Pepeu, eles moravam em Olinda e compraram uma propriedade em São Severino, passando a morar em Gravatá.

¹⁶² Nascida em São Paulo, Silvia é fonoaudióloga, e conheceu Cacá na feira da Água Branca. Naquele momento, ela frequentava a feira como consumidora. Casa com Cacá e começa depois a assumir um papel significativo no processo de comercialização dos produtos agroecológicos e na estrutura organizacional da AMA – Gravatá, como diretora da mesma.

¹⁶³ Carlos André V. Cavalcante, CACÁ, em entrevista realizada em 25 de maio de 2012.

do meio urbano, entre elas um agrônomo também, que não fazia agricultura orgânica, mas que tinha muita sensibilidade pra fazer e se propôs também a converter a sua propriedade.¹⁶⁴

Com a AMA-Gravatá constituída seus associados passaram a estabelecer metas a serem atingidas, como lembra Cacá:

Em cinco de janeiro de noventa e sete, na assembleia geral da associação, nós estabelecemos metas de atuação para o ano de noventa e sete. Nós tínhamos duas metas bastante claras: uma meta era realizar a semana do meio ambiente e a outra meta era fundar uma feira ecológica, uma feira de produtos orgânicos na cidade de Gravatá.¹⁶⁵

Na entrevista supracitada, Cacá continua seu relato sobre toda essa experiência que redundou na construção da AMA-Gravatá, deixando claro que a questão da produção e comercialização dos produtos orgânicos era uma das linhas de atuação dessa associação. Lembra Cacá que eles passaram o primeiro semestre do ano de 1997 trabalhando na organização dessa feira e, como a experiência já era conhecida na sua propriedade, a qual já possuía produção ecológica, a sua esposa, por iniciativa própria, pegou as verduras da horta e foi vender em Gravatá. Ela era fonoaudióloga em Gravatá e lá começou a oferecer a seus clientes os produtos de sua horta, levando e fazendo entrega na casa deles.

Quando eu cheguei com meu esposo e um filho na área rural de Gravatá, e a gente chegou numa propriedade que já era ecológica, que já trabalhava com produtos orgânicos e, nós tínhamos um excedente nas hortas, seja de legumes, de hortaliças, frutas, tinha um excedente e aí, quando agente chegou pra morar nessa realidade que não era uma realidade nossa que nós éramos urbanos, e agente tinha que se sustentar agora, daquilo. Então me surgiu uma ideia de, vamos vender de porta em porta, na cidade de Gravatá nas casas, em mil novecentos e noventa e seis, no segundo semestre. Então numa quarta feira eu desci com o carro cheio de hortaliças, e fui de porta e porta batendo, num bairro que eu achei que era o bairro mais chique de Gravatá. Batendo de porta em porta e perguntando: a Senhora quer comprar coentro orgânico, salsa orgânica, alface orgânica e aí, eu tive uma boa aceitação e as pessoas me disseram que comprariam se fosse na sexta.¹⁶⁶

Essa citação nos revela pontos importantes nesse processo de constituição da AMA-Gravatá e de suas atividades de produção e comercialização. A Silvana era, antes de tudo, uma pessoa de fora da realidade local onde ela se instala e passa a

¹⁶⁴ *Id.*

¹⁶⁵ *Id.*

¹⁶⁶ SILVIA em entrevista realizada em junho de 2012.

residir, já encontrando uma produção orgânica em andamento, mas sem que a mesma estivesse comercializada. Por interesse e necessidade própria ela começa a comercializar aquele excedente, e isso se faz dentro de uma estratégia que pressupõe seu deslocamento até as casas dos possíveis consumidores, estabelecendo ela mesma uma relação comercial de proximidade, encontrando receptividade na sua ação.

Quando perguntada sobre se as pessoas que compraram seus produtos tinham conhecimento de que era um produto orgânico, ela respondeu:

Eu acho que não era totalmente desconhecido né, assim, não eram pessoas... Apesar de eu ter procurado um bairro que talvez fosse um bairro que as casas fossem com uma aparência de melhor situação financeira dos moradores, né... Mas as pessoas eram muito simples, eram pessoas mesmo da terra, né, de Gravatá e quando eu vinha e dizia 'é um produto orgânico' eu me lembro que ninguém me questionou, 'ah, o que é um produto orgânico?'. As pessoas... pelo menos aquelas sei lá, quinze casas, que eu passei, né... e aí, enfim, como você tá na rua vendendo, de porta em porta, o vizinho vê e pergunta o que é, e nas semanas seguintes é obvio, se você for eles perguntavam o que é um produto orgânico e agente explicava, e eu ia com Cacá que é o agrônomo, né, e aí era a pessoa melhor pra tá explicando.¹⁶⁷

Quando perguntada sobre quanto tempo eles passaram vendendo de porta em porta, a esposa de Cacá respondeu:

A gente passou um ano fazendo essas vendas, e ao cabo de um ano né, durante esse ano venho a fundação da AMA –Gravatá e veio a ideia da gente fazer uma feira, porque nós viemos de um lugar que era São Paulo, onde tinha uma feira orgânica. Então veio a ideia de fazer a feira, e aí quando agente fez a feira, agente deixou de fazer essas entregas na sexta, e aí esses clientes que agente tinha passaram a ser clientes da feira.¹⁶⁸

Com a experiência de consumidora que Silvana tinha e de comercialização que Cacá tinha na feira da Água Branca quando era estagiário em uma fazenda orgânica, o casal contribuiu de forma decisiva na construção da feira ecológica de Gravatá, realizada pela primeira vez no dia seis de junho de mil novecentos e noventa e sete, na semana do meio ambiente de Gravatá. Naquela que, segundo os dois, seria a primeira semana do meio ambiente de Gravatá. Essa feira, segundo

¹⁶⁷SILVANA em entrevista realizada em junho de 2012.

¹⁶⁸ *Id.*

Cacá¹⁶⁹, seria o marco de algo que estava sendo implementado em termos de comercialização de produtos ecológicos na cidade e no Estado.

Do ponto de vista da comercialização, os organizadores da feira Cacá e Silvana sabiam que estavam trabalhando com um produto diferenciado, e que era importante chamar atenção para este fato até porque era uma forma de agregar valor aos produtos produzidos pelos agricultores e ofertados na feira. Sobre isso Cacá nos diz que:

O simples fato de o produto ser um produto agroecológico, um produto orgânico, já agregava valor. Então, é, nós quando estávamos pensando, planejando a feira ecológica, agroecológica de Gravatá, é, agente chamou feira ecológica de Gravatá. Nós fizemos desse marketing o diferencial. Nós nos preocupávamos com a padronização, uniformes, com o atendimento ao cliente, não é. Não era uma feira comum, era uma feira que a gente se diferenciava dos outros comerciantes.¹⁷⁰

Nesse momento de mobilização para fundação da feira de Gravatá, Cacá falou nessa mesma entrevista que eles fizeram contatos com duas famílias de Recife, mas que estavam morando em Chã Grande, produzindo uma agricultura orgânica. Essas famílias se incorporaram ao grupo da AMA-Gravatá e começaram a comercializar juntos na feira de Gravatá, somando forças entre o pessoal de Gravatá e o de Chã Grande.

As famílias de Chã Grande citadas por Cacá seriam as de Glória Barreto Silva, com os filhos Otto Barreto e Moacir Barreto, que tinham na época um sítio no sistema agroflorestal - e hoje é uma cachaçaria, a Sanhaçu (orgânica) - e a de Marcelino, que tinha um sítio onde desenvolvia a agricultura orgânica e que depois vai ter uma participação importante na feira Espaço Agroecológico das Graças, comercializando e, posteriormente, assumindo o papel de agente comerciante.

Rebuscando em sua memória, como disse Silvana¹⁷¹, nessa primeira feira eles teriam conseguido uma divulgação na televisão. Flávio Duarte viu a matéria e veio por meio do Centro Sabiá conhecer a feira em Gravatá.

Na minha memória o Flávio veio, eu me lembro quando o Flávio veio fazer a visita por meio do Centro Sabiá na feira de Gravatá e, aí se montou a ideia.

¹⁶⁹ Entrevista realizada em 25 de maio de 2012.

¹⁷⁰ Carlos André V. Cavalcante, CACÁ, em entrevista realizada em 25 de maio de 2012.

¹⁷¹ Entrevista realizada em junho de 2012.

Vamos fazer em Recife, porque a gente já trabalha com agroecologia e os nossos produtores na verdade eles vendem produção agroecológicas no meio das feiras convencionais das suas cidades, Bom Jardim e os outros municípios que eram atendidos e, aí dentro disso veio, então, vamos fazer no mês de outubro, no dia da alimentação, essa conversa, que é um bate papo dos nossos agricultores com os clientes por que na verdade não estávamos pensando em fazer uma feira, estávamos pensando em fazer um bate papo mesmo. Dia internacional da alimentação e chamar pessoas e como o Sabiá estava lá, com uma sede, ainda tem essa sede aqui no Recife pra eles era mais fácil fazer esse contato e, aí enfim foi feito, foi feita essa primeira feira e a gente, eu sempre me lembro, a gente só não vendeu foi a roupa do corpo.¹⁷²

A experiência desses diferentes atores em diferentes municípios, com diferentes referenciais começava então a concatenar-se de uma forma tal que iria dar corpo ao processo de construção do Espaço Agroecológico das Graças e, como desdobramento institucional, já com a feira das Graças em pleno funcionamento, começa também a serem construídos espaços de representação dos agricultores/vendedores por meio de novas associações como: a Associação de Agricultores e Agricultoras Agroecológicos de Bom Jardim – Agroflor, a associação Terra Viva em Chã Grande, a Associação de Agricultores e Agricultoras Agrofloretais Terra & Vida em Abreu e Lima e a Associação das famílias agroecológicas do distrito de São Severino e seus arredores (AMA-Terra) em Gravatá.

Na caracterização desses que estamos chamando de segundo grupo de associações integrantes da feira, que passaremos a apresentar no próximo subitem, destacaremos os objetivos e as atividades desenvolvidas pelas mesmas, que tem como característica principal o fato de ser uma demanda dos próprios agricultores, visando o fortalecimento das ações que eles vinham desenvolvendo no que diz respeito ao processo de implantação da agricultura agroecológica, produção e comercialização de seus produtos.

¹⁷² Silvana

3.2.2 Formação das Associações Constituídas no Desdobramento da Feira Espaço Agroecológico das Graças

3.2.2.1 A Associação de Agricultores e Agricultoras Agroecológicos de Bom Jardim – Agroflor

Fundada em 31 de outubro de 1999, a Agroflor, surgiu de uma demanda dos agricultores do município de Bom Jardim que já vinham sendo assessorados pelo Centro Sabiá, mas que sentiram a necessidade de eles mesmos criarem uma associação que pudesse contribuir com os trabalhos desenvolvidos pelos agricultores, assim como “fortalecer a parceria com o Centro Sabiá” nas palavras do coordenador geral desta organização.¹⁷³

Sobre a missão e as ações desenvolvidas pela Agroflor Jorge falou que tanto no momento de sua construção como na atualidade, enquanto entidade da sociedade civil sem fins lucrativo a Agroflor buscou

[...] por objetivo ou missão a promoção da segurança alimentar e nutricional; a defesa, preservação e conservação do meio ambiente, promovendo o desenvolvimento territorial e agroecológico. Ações que visem à erradicação da pobreza e a prestação de serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural.¹⁷⁴

E como atividades práticas a

[...] difusão da agroecologia pelo grupo de difusores dando acompanhamento às famílias na produção, na comercialização e promovendo o protagonismo infantil, também se faz treinamentos agroecológicos, intercâmbios e acompanhamento técnico.¹⁷⁵

Nessa mesma entrevista, Jorge fez questão de ressaltar que, no início, as famílias tinham muitas resistências em mudar suas práticas convencionas, mas aos poucos foram mudando por meio da agroecologia. Desta forma, a realidade hoje é outra e, ainda mais que a Agroflor tem nos seus quadros administrativos os próprios agricultores trabalhando de forma colegiada, sendo esta composta por coordenação geral, coordenação técnica, coordenação administrativa-financeira, coordenação de

¹⁷³ JORGE, em entrevista realizada em maio de 2012.

¹⁷⁴ *Id.*

¹⁷⁵ *Id.*

difusão e planejamento da produção e coordenação de beneficiamento e acesso a mercados.

3.2.2.2 Associação Terra Viva de Produtores Orgânicos - Chã Grande/PE

A Terra Viva foi fundada em 22 de abril de 2002, e segundo o técnico agropecuário Marcelino¹⁷⁶ sua criação foi fruto do desdobramento das experiências dos agricultores de Chã Grande junto a José Alves.¹⁷⁷ Marcelino teria ido morar em Chã Grande a convite de José Alves para ajudar na organização da associação dos pequenos agricultores rurais de Chã Grande, em sua área de produção chamado de Sítio Mutuns. Foi a partir dessa associação que eles começaram a trabalhar com a organização dos agricultores. O referido sítio serviu como um local de experiências com a agricultura orgânica. Serviu de modelo¹⁷⁸ para que os agricultores da área fossem verificar lá no sítio deles como essa história de agricultura orgânica funcionava.

Essa experiência se desenvolve em um contexto onde, segundo Marcelino, se utilizava muito veneno e agrotóxico na agricultura que era praticada até então:

Chã Grande é uma região de muita utilização de adubação química e veneno, principalmente agrotóxico. É uma área que tem muitos problemas com agrotóxico, principalmente na área de saúde, suicídio, câncer, muitos casos de outras doenças na comunidade que precisaria até ser acompanhado e ter um levantamento mais preciso. Boa parte das pessoas que morrem ou que tem algum problema é devido ao alto índice de agrotóxico utilizado.¹⁷⁹

¹⁷⁶ Formado no Colégio Dom Agostinho Ikas, ligado à Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. Entrevista realizada em junho de 2012.

¹⁷⁷ Um agricultor e empresário da comercialização, de acordo com Marcelino na entrevista acima citada. José Alves tinha uma área de produção de hortaliças em Chã Grande (hoje mora em Caruaru), e foi quem iniciou essa ideia de praticar uma agricultura regida pelos princípios da agricultura orgânica.

¹⁷⁸ Marcelino, nessa mesma entrevista, disse que em 1998/1999 eles também visitaram outros agricultores em São Paulo. Visitaram o pessoal da AAO – Associação de Agricultura Orgânica de São Paulo, numa feira realizada no parque da Água Branca.

¹⁷⁹ MARCELINO em entrevista realizada em junho de 2012.

Nesse sentido, e a partir da fala do técnico entrevistado, fica claro que a opção pela agricultura orgânica pode ser vista como uma estratégia dos agricultores de sair desse quadro de risco à saúde e à integridade física dos agricultores.

De acordo com o estatuto da associação “Terra Viva de Produtores Orgânicos” seu objetivo seria o de:

[...] desenvolver a prática da agricultura orgânica, a partir de Unidades Familiares Parceiras (UFP's), que têm como meta o não uso de agroquímicos, a autossustentação, a recuperação e preservação dos solos, fontes de águas e matas, não agredir o meio ambiente e produzir alimentos de alto valor biológico, saudáveis, equilibrados e sem contaminação, acessíveis a todos os níveis sociais.¹⁸⁰

3.2.2.3 Associação de Agricultores e Agricultoras Agroflorestais Terra & Vida

Fundada em setembro de 2009, a Associação de Agricultores e agricultoras Agroflorestais Terra & Vida, com sede provisória no município de Abreu e Lima, tem como objetivo descrito em seu estatuto:

Orientar e conscientizar os consumidores, para a importância da preservação da natureza, desenvolvendo projetos, programas, cursos e campanhas que fomentem práticas de educação ambiental e consumo sustentável; estimular a preservação da natureza e recuperação de áreas degradadas seguindo os seguintes princípios: não queimar, preservar os mananciais e matas ciliares, não usar agroquímicos, plantar para a alimentação do solo e cooperar com sua recuperação, respeitando os ciclos de vida e garantindo a diversidade e perpetuação das espécies; participar e articular os associados e parceiros no processo de construção de um mercado ético do ponto de vista da recuperação ambiental e da inclusão social; acompanhar o agricultor e agricultora associados na produção, beneficiamento e venda para garantir ao consumidor qualidade nos produtos, praticando o comércio justo e a economia solidária numa relação direta entre produtor/produtora e consumidor/consumidora.¹⁸¹

Trata-se de uma associação considerada nova, mas que vem contribuindo com o processo em curso de disseminação do enfoque agroecológico na perspectiva da agrofloresta. À frente da mesma encontra-se o agricultor Jones, que

¹⁸⁰ PERNAMBUCO. Estatuto da Associação Terra Viva de Produtores Orgânicos. Chã Grande: 2002. 8p.

¹⁸¹ PERNAMBUCO. Estatuto da Associação de Agricultores e Agricultoras Agroflorestais Terra & Vida. Abreu e Lima: 2009.

com a esposa Lenir, podem ser considerados como os pioneiros no que diz respeito a realização da transição agroecológica no município de Abreu e Lima e no Estado de Pernambuco.

Com a prática do intercâmbio, Jones e a Terra & Vida desenvolvem um trabalho permanente de disseminação e difusão da agrofloresta. O intercâmbio, como eles chamam essa atividade, acontece de quinze em quinze dias (dependendo da demanda em menor tempo), consistindo na visita, por exemplo, de agricultores, estudantes, pesquisadores, professores universitários e profissionais liberais de diversas partes do Estado e do Brasil, interessados em conhecerem a agroecologia.

Jones coordena a atividade apresentando de forma pedagógica os princípios da agroecologia/agrofloresta. O intercâmbio acontece em áreas do assentamento Pitanga I e II, e no sítio São João na comunidade de Inhamã. Os visitantes participam do que podemos chamar de uma aula prática, ou um dia de campo.

3.2.2.4 Associação das Famílias Agroecológicas do Distrito de São Severino e seus Arredores (AMA-Terra)

A AMA-Terra foi fundada em fevereiro de 2009. Pelo que foi possível apreender nas conversas mantidas com os agricultores na feira Espaço Agroecológico das Graças, essa associação foi fundada por agricultores que participavam dos trabalhos desenvolvidos pela AMA-Gravatá e, a partir dessa experiência, os agricultores buscaram construir uma associação que fosse mais centrada nas questões desses mesmos agricultores, uma vez que a AMA-Gravatá tinha uma perspectiva mais ampla de trabalho e tinha nos seus quadros pessoas de varias áreas ligados ou não à agricultura.

A Associação AMA - Terra tem como objetivos:

- Trabalhar a terra dentro dos princípios da agroecologia;
- Proteger a natureza e manter a propriedade em consonância com os princípios da agricultura orgânica;
- Divulgar a ideologia da agroecologia;
- Organizar a comercialização dos produtos em feiras e mercados adequados;
- Incentivar a solidariedade entre os associados e com outras associações populares.¹⁸²

¹⁸² PERNAMBUCO. Estatuto da Associação AMA Terra dos Agricultores Agro-Ecológicos do Distrito de São Severino e seus Dintornos, Município de Gravatá. Gravatá: 1997.

Os objetivos das associações desse segundo grupo de atores envolvidos com a feira aqui analisada traz sempre uma preocupação com a preservação e conservação do meio ambiente e, a partir daí, a promoção do desenvolvimento territorial e agroecológico, da busca pelo envolvimento de Unidades Familiares Parceiras (UFP's) na prática da agricultura orgânica, do envolvimento também dos consumidores, orientando-os e conscientizando-os para a importância da preservação da natureza, da construção de um mercado ético do ponto de vista da recuperação ambiental e da inclusão social, assim como da prática do comércio justo e da economia solidária baseados numa relação direta entre produtor/produtora e consumidor/consumidora e também a promoção de uma solidariedade entre os associados e com outras associações populares.

A busca pelo outro e pela construção de um espaço de sociabilidade mais incluso, democrático, justo, solidário e ambientalmente sadio e equilibrado, se torna então o objetivo principal desses atores, mas a efetivação desses objetivos é algo que se coloca como desafio, que precisa ser permanentemente estimulado, repensado e praticado, não podendo ser visto como um dado acabado, até porque essa não é apenas uma bandeira ideológica, mas um elemento fundamental no cálculo econômico que perpassa as ações dos agentes econômicos em interação, pois são esses elementos que agregam valor econômico e simbólico aos produtos ofertados na feira.

Posteriormente, salientarei como esses agricultores foram construindo seus referenciais práticos e ideológicos, capacitando-se como agricultores ecológicos e como atores ativos na busca pela transformação de sua realidade e da realidade do ambiente social em que se encontravam.

3.3 Experiências com Agrofloresta e Agroecologia no Agreste Pernambucano: Gravatá e Bom Jardim

Dentro do quadro mais amplo de agricultores, destacaremos aqui a experiência de duas famílias, a de seu Amaro Antão e Maria de Lurdes em Gravatá e a do agricultor Rafael Justino em Bom Jardim. Assim, realizaremos uma reflexão que traga à tona as questões vivenciadas por essas famílias em seu percurso de

adoção do enfoque agroecológico e de construção do Espaço Agroecológico das Graças, o qual se caracteriza atualmente como o principal canal de comercialização.

3.3.1 O Município de Gravatá no Agreste Central de Pernambuco

Na caracterização do município de Gravatá realizada por Helenilda Cavalcanti¹⁸³, a autora destaca que o mesmo fica localizado sobre o planalto da cordilheira da Borborema no agreste centro-ocidental, a oeste do Recife capital do Estado de Pernambuco. Salienta ainda que o nome Gravatá é uma corruptela do tupi *cara-nhe-atá*, que significa planta com folhagem espinhosa, muito comum na região. Seu espaço físico estaria situado nas proximidades da zona de transição entre a zona da Mata e o Agreste. Que o município inclui-se entre os 17% do conjunto dos municípios de grande porte (população superior a 50.000 habitantes), que se encontra numa região privilegiada de clima serrano, seco e frio possuindo duas zonas bem distintas: caatinga e brejo.

Sobre o povoado de São Severino, Cavalcanti destaca ainda que o mesmo fica ao sul de Gravatá, na região de brejo, e que nele ainda se pode encontrar água potável boa, de nascente, e resquício de mata atlântica, com árvores de envergadura e ramagens variadas e cita a imbuana, a quixabeira, a gogóia, a baraúnas e outras tantas. A autora comenta que nos depoimentos dados a ela pelos moradores, ali era uma região onde se encontrava muita “caça” (preá, teju, tatu, coelho do mato), “animais” (macaco, veado) e pássaros (cambonje, rolinha) e que os mesmos foram desaparecendo com a derrubada da mata. Também podiam ser encontradas, hoje em menor quantidade, nos restos da mata atlântica, bromélias e orquídeas.

Ao estudar sobre o imaginário social e as práticas de saída da pobreza no povoado de São Severino “Dos Macacos” no município de Gravatá, Agreste de Pernambuco, Helenilda Cavalcanti faz a seguinte assertiva:

¹⁸³ CAVALCANTI, Helenilda Wanderlei de Vasconcelos. *Imaginário social e práticas sociais de saída da pobreza: o povoado de São Severino "dos Macacos"*. Tese. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo: 1999.

A realidade de São Severino, no seu isolamento, que seus habitantes tentam duramente quebrar, movendo-se em várias direções, inclusive na periferia de São Paulo, pesa sobre a vitória moderna das grandes conquistas materiais que transformam e beneficiam de forma significativa a sociedade moderna.¹⁸⁴

Ela descreve uma situação em que os moradores do povoado de São Severino tiveram suas vidas como agricultores familiares desarticuladas pela forma como o capital se instalou no campo. As grandes fazendas, os engenhos que empregavam boa parte da mão de obra local na produção da cana de açúcar, melado e rapadura e/ou café, foram transformados em fazendas de criação de gado e de criação de cavalos. Por outro lado, as propriedades da maioria dos pequenos produtores foram desmembradas e vendidas, destinadas agora a serviço de sítios de lazer para a população rica do Recife, deixando de serem espaços de produção dos alimentos básicos da dieta da região.

Sendo assim, sem poder prosseguir na convivência com os antigos e com os valores culturais oferecidos pelo trabalho com a terra, os mais jovens foram empurrados para fora do povoado e da região. Muitos destes jovens buscaram saída na migração para Pirituba em São Paulo. Alguns se fixaram, outros ficaram no circuito de idas e vindas entre o povoado e Pirituba e os demais permaneceram no lugar de origem.

Hoje, pode-se situar o enveredamento dos agricultores deste povoado pela agricultura agroecológica como sendo mais uma de suas estratégias de sair da pobreza. Estes apostaram na rearticulação de suas vidas como agricultores familiares por meio do enfoque agroecológico fundando e vinculando-se a associações de agricultores agroecológicos em sua comunidade, bem como articulando sua associação com outras associações de agricultores agroecológicos e ONGs, localizados em outras comunidades e municípios, formando, assim, uma organização social na qual o associativismo em rede vem ganhando força.

Os que permaneceram se encontram num contexto em que o trabalho é alugado nas plantações de flores e de assalariados no centro de Gravatá se impõe como alternativas para sair da pobreza. Nessa população, iremos encontrar um grupo de agricultores familiares que optaram por desenvolver a agroecologia.

¹⁸⁴ *Id. Ibid.*, p. 43.

Destes, citados no início do capítulo, destacaremos o casal Maria de Lurdes e Amaro Antão, produtores de hortaliças.

3.3.1.1 Experiência de Amaro Antão e Maria de Lurdes com a Agroecologia no Distrito de São Severino em Gravatá

A agricultora agroecológica Lurdes¹⁸⁵ lembra que cresceu na agricultura trabalhando com a mãe, que com oito anos ajudava moendo mandioca, fazendo farinha. Ajudava também na plantação do fumo, milho, feijão e mandioca. Salaria que era um roçado convencional, mas fez questão de dizer que não usavam veneno. Roçava o mato com estroenga (instrumento cortante) para o mato secar na terra, limpava a terra tirando o mato e queimava. Era assim que elas preparavam a terra para o cultivo.

Lurdes teve contato com a agricultura orgânica em 1996, por meio de Cacá, Valência e Zé viúvo, que eram ligados a AMA-Gravatá e fundadores da feira.

Olha Valência¹⁸⁶ eu tô precisando entrar nessa associação pra vê se melhorava uma coisa da minha vida, porque do jeito que tá nós não pode continuar. Aí foi que no tempo eu não tinha uma terra preparada, adequada pra trabalhar. Eu tinha uma roça de banana, mais eu tinha que arrancar aquela bananeira todinha pra eu poder entrar na agricultura orgânica. Aí nesse mesmo tempo tinha um menino trabalhando junto comigo, aí ele tocou fogo na área dele, aí o fogo passou pra bananeira da gente. Aí queimou tudo, aí não tive condições de trabalhar. Aí, fui em Valência novamente e aí ele disse: você vai trabalhar na minha terra. Foi um sacrifício. Toda demanzinha me levantava de cinco horas da manhã, preparava o café, a marmitta fria, levava pro roçado pra trabalhar. Quando dava meio-dia comia aquela marmitta fria. Agora trabalhando no terreno de Valência.¹⁸⁷

Esta citação traz elementos para se pensar tanto na situação em que se encontrava a agricultora, como na sua vontade de agir de forma ativa na busca por mudanças efetivas do quadro em que se encontrava. Exemplo disso está na sua

¹⁸⁵ Entrevista realizada em maio 2012.

¹⁸⁶ Na época era professor da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

¹⁸⁷ Lourdes.

condição de vida, considerada naquele momento como indesejada, sua aposta numa saída por meio de uma agricultura que ela estava conhecendo naquele momento, seu desprendimento em abrir mão do que já tinha e de começar do zero, limpando sua área para o cultivo de outras culturas, nos moldes da agricultura orgânica. Também ficam claras as consequências da ação de seu vizinho no momento em que ele coloca fogo em sua área e atingindo a de Lurdes, agravando ainda mais o sofrimento da agricultora que, além de perder sua produção, passou a ficar sem poder contar com sua terra para cultivo.

A partir de então, Lurdes começa a trabalhar na terra de Valência, juntamente com seu cunhado, o agricultor João Capeta. Os dois estavam trabalhando com a agricultura orgânica e ela já estava levando produtos seus (cenoura, alface, coentro, cebolinha, brócolis, couve flor e pimentão) para serem comercializados no Espaço Agroecológico, na barraca do seu João. Sem cobrar por nada, Valência era gratificado pelos dois com alguns produtos da horta, que de acordo com Lurdes era pouquinho, mas era a forma de pagar por estarem usando a terra dele, eles se sentiam na obrigação de retribuir até por que eram sozinhos.

Mas essa não era uma situação que agradava Lurdes, a qual nasceu na agricultura, sofreu muito e buscava alternativas para melhorar sua situação.

Aí depois eu vim trabalhar pra dois não da certo não. Vou ter que mim virar de outra maneira. Aí, peguei, vim aqui pra feira, aí chamei Marcelino. Marcelino era uma pessoa... era um técnico. Pra eu entrar na minha terra pra trabalhar tinha que entrar um técnico pra fiscalizar a terra pra vê se minha terra tava preparada pra eu continuar trabalhar. Aí ele foi, Marcelino foi, olhou a terra, aí Lurdes você, sua terra, sua terra é uma bênça. Não tem ninguém produzindo com veneno ao redor, sua terra já é uma bênça, você já pode comprar semente pra semear, você já pode continuar a trabalhar.¹⁸⁸

Estava em jogo nesse momento, tanto a necessidade assumida por Lurdes de ter seu lugar de trabalho garantido e de ter uma renda, como também a obediência às regras postas pelo grupo por meio das associações de que as terras utilizadas no cultivo dos alimentos orgânicos teriam que passar por fiscalizações de especialistas para que a mesma fosse liberada e o agricultor aceito no grupo. Em outra entrevista de campo, Lurdes¹⁸⁹ teria dito que ficou seis meses sem trabalhar em sua área, ou

¹⁸⁸ Lourdes em entrevista realizada em 02 junho de 2012.

¹⁸⁹ Realizada em maio de 2012.

seja, desocupada. Muito trabalho e persistência marcaram o enveredamento dessa agricultora nessa agricultura que se apresentava como algo novo para ela.

Lurdes é uma agricultora que foi socializada num contexto onde o sistema de plantio tinha uma complexidade menor que a atual e uma variedade de cultura também menor em relação à diversidade de cultura que hoje ela cultiva em sua roça. Nesse sistema, as exigências de trabalho são outras, o preparo da terra, as tecnologias disponibilizadas o conhecimento e a variedade de alimentos eram outras.

Nas suas palavras:

Pra falar a verdade, eu não sabia nem o que era esterco de gado. Não sabia nem que trabalhava com aquilo. Eu trabalhava com a terra pura. A mamona agente já colocava na terra, no feijão, no milho. Aí eu comecei a conhecer. Quando eu entrei na associação, eu comecei a conhecer outro tipo de verdura, porque antes eu só conhecia feijão, milho, batata, macaxeira. Eu nunca sabia nem o que era um rabanete, não sabia o que era um nabo, não sabia o que era um chinguezai, um couve flor, um brócoli, Eu nunca sabia na minha vida o que era isso. Aí por meio dessa associação eu comecei a conhecer né. Cacá chegava, levava as sementes, mostrava pra gente, isso aqui é essa coisa, isso aqui é essa coisa [...] ai foi depois que eu entrei nessa associação que eu comecei a conhecer novas pessoas, novas plantas, aí foi quando eu comecei a conhecer o que era.¹⁹⁰

As técnicas de cultivo disseminadas pelos mediadores e assumidas pelos agricultores ao serem introduzidos no enfoque agroecológico foram a curva de nível, a diversificação das culturas, a rotação das culturas e a fabricação do composto. Com elas os agricultores passaram a experimentar processos produtivos até então não praticados, assim como, o cultivo de uma variedade maior de frutas, legumes e verduras como, por exemplo, Acelga, Chingensai, Salsa e Nabo.

Amaro, marido de Lurdes, passou a adotar o enfoque agroecológico há cinco anos. Ele entrou na agroecologia e na Ama-Terra por meio de Lurdes que serviu, segundo o casal, como madrinha, cumprindo assim uma norma da associação que exige que aqueles que nela desejem se associar tenham uma pessoa (madrinha) que possa afiançar (como eles disseram em entrevista de campo) seu trabalho revelando assim uma estratégia do grupo para que os laços sociais tecidos no contexto da construção da rede de relações sociais que irão dar corpo ao grupo de associados envolvidos com a proposta agroecológica seja marcada pela confiança, esta que, da forma como se apresenta, reserva aos mais velhos um papel

¹⁹⁰ Lourdes em entrevista realiza em 02 de junho de 2012.

privilegiado, pois são eles que vão dar segurança ao grupo no sentido de que aqueles que nele estejam entrando sejam também de confiança.

Amaro morou com o pai mais nove irmãos no sítio do avô que, segundo o agricultor, teria sido vendido, fazendo com que eles passassem a arrendar um pedaço de terra na fazenda Harmonia em Chã Grande, onde com oito anos de idade ele teria sido introduzido na agricultura convencional. Em 1981, aos dezenove anos, ele se casou, constituiu família, teve seis filhos e passou a arrendar um pedaço de terra para tirar seu sustento plantando fumo, mandioca, feijão, pimentão, repolho e cenoura.

Diferente de Lurdes, Amaro¹⁹¹ trabalhava na roça, como ele mesmo disse, preparando a terra usando adubo branco, veneno e esterco de gado, além da limpa, cortando o mato e destocando (tirando o pedaço dos troncos das árvores que ficavam na terra depois de cortadas e depois queimava). Ele trabalhava numa área de meio hectare, sua produção era comercializada na CEASA de Recife, por meio do atravessador.

Da comercialização ele lembra:

Tinha vez mesmo que nós levava carrada de mercadoria. Repolho mesmo, nós levava de carrada. Quando era pimentão, nós carregáva em saco. Era quinze, vinte saco por semana. Cenoura era quinze, dezessete sacos de sessenta, setenta quilo.¹⁹²

Amaro não conseguia recordar o preço das mercadorias enviadas a CEASA, nem o lucro obtido com as mesmas, mas lembra de que em várias vezes o preço era muito baixo, que algumas vezes chegava a ter prejuízo, que com o dinheiro adquirido com a venda dos produtos ele não conseguia pagar o frete do carro que fazia o transporte e o armazém onde comprava os insumos químicos e as sementes.

Essa prática produtiva e de comercialização foi interrompida há seis anos quando o agricultor Amaro foi introduzido na agricultura agroecológica e na associação AMA- Terra pela agricultora Lurdes, como já dissemos. Desde então, a agricultura praticada por ele vem fazendo com que ele abandone velhas práticas (queimada, uso do adubo químico, veneno) e assuma novos compromissos (maior interação e respeito à natureza), novas práticas agrícolas (uso da curva de nível,

¹⁹¹ Entrevista realizada em junho 2012.

¹⁹² Amaro

diversificação de culturas), a utilização de novos insumos (compostagem, biofertilizantes) e a comercialização direta na feira Espaço Agroecológico das Graças.

Junto com Lurdes e os mediadores acima citados, Amaro vem aprendendo a trabalhar com esse conjunto de técnicas ou estratégias acima listadas (e por muitos dos agricultores aqui pesquisados) objetivando atingir um nível de produção que seja marcada pela qualidade dos alimentos que compõem o seu roçado, o que pressupõe a melhoria no nível de fertilidade do solo, do controle das pragas e doenças e do ambiente natural e social onde o mesmo está inserido.

A curva de nível é uma prática agrícola para fins de conservação e melhoria do solo. A forma mais comum que os agricultores pesquisados se utilizam para marca a curva de nível é aquela feita com nível de mangueiras.

Segundo Macedo,

o processo consiste em se alternar as réguas graduadas, com a mangueira esticada, procurando os pontos da mesma altitude que são dados pela coincidência dos níveis de água em cada uma das réguas graduadas, colocando-se varas para a orientação dos trabalhos mecanizados.¹⁹³

Trata-se de uma técnica em que o agricultor vai utilizar uma mangueira plástica de cristal com água e sem bolhas de ar, com o comprimento aproximado de 10 m, duas réguas de mesma altura com um traço de referência na mesma altura marcada nas duas réguas. Esse é um trabalho que pressupõe a participação de no mínimo dois agricultores. Juntos, eles irão desenhar, no terreno, uma curva onde todos os pontos têm a mesma altura. A marcação objetiva a construção de canteiros onde serão semeadas e cultivadas as culturas desejadas. Esse canteiro é construído de forma tal que quebre a sequência contínua da declividade existente no terreno, protegendo-o da ação da água da chuva.

De acordo com Diniz Filho *et. al.*,¹⁹⁴, a compostagem é uma prática de manejo do solo, uma forma de repor a fertilidade natural do solo, feita pelos agricultores com

¹⁹³ MACEDO, J. R; CAPECHO, C.L; MELO, A. S. Recomendações de manejo e conservação de solo e água. Manual técnico 20. Programa Rio Rural. Niterói-RJ. 2009, p. 22. Disponível em <http://www.pesagro.rj.gov.br/downloads/riorural>. Acesso em abril 2010.

¹⁹⁴ DINIZ FILHO, E. T. *et. al.*, A prática da compostagem no manejo sustentável do solo. Revista Verde de Agroecologia e Movimento Sustentável.Grupo Verde de Agricultura Alternativa (GVAA). Mossoró – RN – Brasil v.2, n2, p 27-36 Julho/Dezembro de 2007. Disponível em <http://revista.gvaa.com.br> Acesso em julho 2010.

restos de produtos orgânicos, tanto de origem animal como vegetal, para serem incorporados ao solo, objetivando melhorar suas capacidades físicas e químicas em busca de melhores produções.

A partir da leitura de autores como Souza e Rezende e Câmara Diniz Filho conceitua-se composto como sendo o processo de transformação de materiais grosseiros, como palhada e estrume, em materiais orgânicos utilizáveis na agricultura. Mariano Neto¹⁹⁵ ressalta que os compostos orgânicos são utilizados para a melhoria do solo, adubos orgânicos e inibidores (defensivos naturais) de insetos, fungos e bactérias que atacam a produção de alimentos.

A diversificação das culturas cultivadas numa horta é uma prática agrícola que envolve riscos, por exemplo, em entrevista de campo Amaro¹⁹⁶ disse que o plantio de brócolis e de repolho deve ser feito todos num tempo só e obedecendo a uma distância estratégica para que as possíveis pragas e doenças não atuem com facilidades atingindo todas as culturas ao mesmo tempo.

O sistema de policultivos tem sido fomentado pelo enfoque agroecológico por reconhecer nele vantagens do ponto de vista ambiental e econômico. Altieri¹⁹⁷ constatou que os agricultores em várias partes do mundo vêm preferindo os policultivos por reconhecerem que o consorciamento das culturas permite obter uma produtividade maior do que as obtidas em plantios monocultivos, onde ocorre a predominância do plantio de uma só cultura como, por exemplo, uma roça só de feijão, ou uma só de alface. A diversificação das culturas no mesmo roçado garante um aproveitamento maior da área cultivada, contribuindo também para a fertilidade do solo.

Nessa mesma entrevista, Amaro disse que também adota a prática da rotação das culturas. Falou que ela seria uma estratégia eficaz para se livrar desses mesmos problemas acima comentados, por exemplo, se por acaso for plantado coentro num determinado período, no outro é aconselhável que se plante outra

¹⁹⁵ MARIANO NETO, Belarmino. Abordagem territorial e enfoques agroecológicos no Agreste/Brejo paraibano:desenhos, arranjos e relações. Tese – Programa de Pós-Graduação em Sociologia -, Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. Campina Grande-PB, 2006.

¹⁹⁶ Realizada em junho 2012.

¹⁹⁷ ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

cultura mais resistente às pragas ou doenças que atuaram na cultura anterior, conseguindo assim obter um controle natural mais eficiente.

Macedo¹⁹⁸ define a rotação de cultura como a sequência ordenada de diferentes culturas, no tempo e no espaço. A condição ideal desse sistema é a que adiciona matéria orgânica ao solo de forma contínua. Essa prática se faz necessária por se saber que uma determinada cultura extrai maiores quantidades de determinados nutrientes do que outras, pela capacidade diferenciada que as raízes possuem de explorar maiores ou menores profundidades no solo.

Altieri¹⁹⁹ destaca que essa prática agrícola influencia a produção vegetal, ao afetar a fertilidade do solo. Ela pode, também, suprimir insetos, vegetação espontânea e doenças, quebrando efetivamente o ciclo de vida das pragas. Por isso se recomenda que o plantio sequenciado da mesma cultura seja evitado, e que se plante de forma intervalar as culturas que apresentam suscetibilidade às mesmas pragas e doenças.

Tais práticas requerem do agricultor um tempo de trabalho que, segundo Amaro, em entrevista de campo²⁰⁰, seria muito maior do que aquele desprendido com a agricultura convencional, uma vez que a preparação da terra para o plantio baseada na formação das curvas de nível exige todo um traçado que precisa ser planejado e executado de forma precisa, assim como a diversificação das culturas e sua rotação, que envolve um manejo diferente daqueles que plantam uma única cultura e atuam sobre a mesma de forma uniforme. Além disso, também se trabalha mais, porque são os próprios agricultores que preparam os adubos utilizados na horta como, por exemplo, a compostagem. Por fim, são os próprios agricultores que comercializam seus produtos, assumindo assim o papel de vendedor, disponibilizando um tempo que seria o da produção.

Logo abaixo temos a exposição de imagens em fotos que trazem ao centro as experiências de alguns dos agricultores de Chã Grande. Na figura um temos o

¹⁹⁸ MACEDO, MACEDO, J. R; CAPECHO, C.L; MELO, A. S. Recomendações de manejo e conservação de solo e água. Manual técnico 20. Programa Rio Rural. Niterói-RJ. 2009, p. 22. Disponível em <http://www.pesagro.rj.gov.br/downloads/riorural>. Acesso em abril 2010.

¹⁹⁹ ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

²⁰⁰ Realizada em junho de 2012.

agricultor Severino Alves, conhecido como Caetano. Antes de sua inserção na agricultura orgânica ele trabalhou no corte de cana, nos engenhos existentes no município de Chã Grande. Hoje ele trabalha em uma área de sete hectares no assentamento Cícero Gomes – Sítio Letreiros plantando hortaliças. Na figura dois temos o agricultor Cacá, também produtor de hortaliças. Na figura três e quatro aparece a experiência do agricultor Amaro, descrita e aqui analisada.

Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Fonte: Imagens registradas pelo autor em trabalho de campo

3.3.2 O Município de Bom Jardim no Agreste Sententrional de Pernambuco

De acordo com a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros²⁰¹, o povoado de Bom Jardim surgiu na propriedade de um rico fazendeiro, quando ele teria contratado um capelão para prestar assistência religiosa a seus moradores. A partir de então, com a fundação da capela, o povoado cresceu com o movimento dos tropeiros que iam buscar algodão em Campina Grande (grande centro produtor naquela época), na Paraíba, para beneficiá-lo no Recife, capital de Pernambuco.

Os habitantes originais do Agreste são, como no Sertão, os indígenas, segundo Andrade²⁰², que foram sendo expulsos após inúmeros conflitos com os colonizadores nas famigeradas “guerras justas” levando-os a se refugiarem nas serras/brejos, que na época eram menos acessíveis aos brancos e menos cobiçadas pelos criadores de gado, seus principais colonizadores.

Andrade lembra que o agreste está localizado entre a zona da mata norte e o sertão, numa região de transição e que

[...] por localizar-se na transição, apresenta áreas mais úmidas e mais secas, de acordo com a proximidade dos ecossistemas com que se limita e também com a altitude e exposição aos ventos úmidos do Sudeste – caso dos brejos. Essa variação se reflete no zoneamento da produção apresentando os “brejos” maior densidade de produção agrícola devido às condições favoráveis de solos, umidade e nutrientes; a pecuária, por sua vez, predomina nas áreas do Agreste propriamente dito e do Sertão, onde a pluviosidade é sempre inferior a 700 mm e os solos são mais pobres em matéria orgânica.²⁰³

Segundo dados da CPRM - Serviço Geológico do Brasil²⁰⁴, o município de Bom Jardim está localizado na mesorregião agreste e na microrregião médio Capibaribe do Estado de Pernambuco, limitando-se a norte com Orobó e Machados, a sul com João Alfredo, a leste com Vicência e Limoeiro, e a oeste com Surubim e Casinhas. Ele

²⁰¹ Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, 1958.

²⁰² ANDRADE, Manoel correia. A terra e o homem do Nordeste, São Paulo: Atlas, 1986.

²⁰³ ANDRADE, Manoel correia. A terra e o homem do Nordeste, São Paulo: Atlas, 1986.

²⁰⁴ Serviço Geológico do Brasil, 2005.

está inserido na unidade geoambiental do Planalto da Borborema, formada por maciços e outeiros altos, com altitude variando entre 650 a 1.000 metros. Ocupa uma área de arco que se estende do sul de Alagoas até o Rio Grande do Norte. O relevo é geralmente movimentado, com vales profundos e estreitos dissecados. Com respeito à fertilidade dos solos, é bastante variada, com certa predominância de média para alta.²⁰⁵

No documento acima citado tem-se uma caracterização do aspecto fisiográfico do município onde se destaca que o clima é do tipo tropical chuvoso, com verão seco, sua vegetação seria formada por Florestas Subcaducifólica e Caducifólica, próprias das áreas agrestes.

Nas *superfícies suaves a onduladas*, ocorrem os *Planossolos*, medianamente profundos, fortemente drenados, ácidos a moderadamente ácidos e fertilidade natural média e ainda os *Podzólicos*, que são profundos, textura argilosa, e fertilidade natural média a alta. Nas *Elevações* ocorrem os solos *Litólicos*, rasos, textura argilosa e fertilidade natural média. Nos *Vales* dos rios e riachos, ocorrem os *Planossolos*, medianamente profundos, imperfeitamente drenados, textura média/argilosa, moderadamente ácidos, fertilidade natural alta e problemas de sais. Ocorrem ainda *Afloramentos* de rochas.²⁰⁶

Segundo o censo demográfico do IBGE/2010, Bom Jardim possui uma área da unidade territorial de 218.432 km² com uma população de 37.826 habitantes, sendo que destas 22.631 estão na área rural e 15.195 estão na área urbana e juntas conformam uma densidade demográfica de 173,17 hab./km². Por ter sua população concentrada na área rural e ter a atividade agropecuária predominando, podemos dizer que se trata de um município essencialmente agrícola.

3.3.2.1 Experiência de Rafael Justino com a Agrofloresta no Sítio Feijão em Bom Jardim

No sítio Feijão, destacamos a experiência desenvolvida por Rafael, agricultor iniciado na agricultura ainda criança por meio do pai. Na época, Rafael tinha seis anos de idade - hoje ele está com cinquenta e dois. A área que ele trabalha foi

²⁰⁵ CPRM - Serviço Geológico do Brasil, 2005.

²⁰⁶ CPRM - Serviço Geológico do Brasil, 2005.

deixada como herança pelo pai para seus nove filhos. Atualmente, somente Rafael mora na área, os outros irmãos migraram para Recife e São Paulo. Rafael teria permanecido e aos poucos foi comprando a parte dos irmãos.

O sítio Feijão fica em Bom Jardim, agreste setentrional de Pernambuco, numa área de brejo, a cerca de doze quilômetros da sede do município. A estrada que dá acesso ao sítio é de terra, estreita e com trechos bastante íngremes. Nestas condições, o deslocamento entre o sítio e a cidade se torna perigoso, ficando ainda mais quando chega o período das chuvas que vai de janeiro/fevereiro com término em setembro, podendo se estender até outubro.

Minha chegada no sítio foi por meio de Jailson, agricultor que trabalha com Rafael e que dias antes, na feira em Recife, tinha acordado comigo para nos encontrarmos em frente à prefeitura de Bom Jardim, por volta das sete e trinta da manhã. Quando cheguei à cidade, Jailson já estava me esperando com sua motocicleta. Cumprimentamos-nos, subimos na moto e de lá seguimos para o sítio, para que eu pudesse conhecer a área onde Rafael desenvolvia o sistema de manejo agroflorestal e entrevistá-lo.

Cheguei ao sítio por volta das oito e vinte da manhã e Rafael estava na garagem da casa separando algumas jacas que ele iria levar para feira no próximo sábado. Cumprimentamo-nos, ele disse que eu acertasse com Jailson, para que o mesmo pudesse ir, disse também que meu retorno à sede do município seria no carro dele, pois estava precisando ir até a sede da Agroflor e que poderíamos seguir juntos.

Já no sítio, iniciamos a nossa conversa com Rafael mostrando a área do sítio. Com um graveto de uma árvore, ele desenhou no chão o que seria o formato aproximado de sua área, um desenho retangular, que serviu para ele dizer que a área tinha duzentos e sessenta metros de frente com novecentos metros de fundo. A casa de Rafael, como pude perceber, estava localizada na parte da frente do terreno, próximo a estrada por onde chegamos.

Passamos a caminhar pelo sítio com Rafael mostrando suas intervenções na área. Ele falou que estava trabalhando com o sistema agroflorestal desde 1996 e que, antes, a agricultura praticada era uma agricultura normal, como ele disse, baseada na monocultura, na agricultura tradicional, desenvolvida junto com o pai e os irmãos. Destacou que eles não usavam o adubo químico, mas derrubavam a vegetação para limpar a área e faziam a queimada para preparar a terra para o

cultivo das culturas que costumavam plantar, como mandioca, milho e feijão. Na época também cultivavam algumas frutas.

O sítio, segundo Rafael, se encontrava bastante degradado na época em que começou a receber a visita dos técnicos Adeildo e Joseilto do Centro Sabiá, os quais o teriam visitado muitas vezes, com o intuito de sensibilizá-lo a adotar uma agricultura com uma diversidade de culturas e mais atenta aos sinais da natureza quanto as suas necessidades e lógica de funcionamento, procurando, assim, agir em sinergia com a mesma, como nos disse o agricultor Rafael:

Com a agrofloresta a gente começa a aprender como a natureza faz e, agente já sabe, mas quando a gente começa a fazer, a gente começa a observar né. Planejar, a gente começa a observar as coisas que acontece na natureza que a gente começa a prestar atenção.²⁰⁷

Um exemplo:

Digamos, a gente acha, quando eu derrubava o mato e tacava fogo eu não tinha dó nem piedade, eu sabia. Olha a gente queima ela, ela é viva, ela é viva que ela tem vida né. Ficava uma pereba na terra né. Aquilo pra sarar leva um tempo, pra ela se recuperar outro tempo. A gente derrubava o mato, o mato é a casa dos bichos eu não pensava nada contra isso. A gente derruba o mato, bota fogo o bicho vai embora, o que não morre vai embora. Quando a gente começou a pensar a questão da natureza, sabe que ali é a casa do bicho ali, a gente vai destruir, vai expulsar o bicho e a gente depende dele. Ele não depende da gente, mas a gente depende dele e, assim por diante, degrada a terra os olhos d'água enfraquece por que a gente derrubou e queimou, a gente não levava isso em conta não.²⁰⁸

O agricultor entrevistado revela nessa citação sua mudança de perspectiva no relacionamento com a natureza, passando a concatenar a lógica de vida e funcionamento da natureza com a sua lógica de produção agrícola, reconhecendo a necessidade dessa interação para a construção de um espaço produtivo onde a garantia da permanência da diversidade de vida nela existente, seja um pré-requisito para uma boa agricultura, mas essa não é uma mudança simples, pressupôs uma intervenção externa e a disposição do ator interno de assumir os desafios que estavam sendo colocados à sua frente, mesmo sem a certeza do que poderia acontecer.

Em suas palavras:

²⁰⁷ Rafael, em entrevista realizada em junho de 2012.

²⁰⁸ *Id.*

Foi uma mudança diferente, teve um técnico do Sabiá Joseilto, que começou a visitar aqui, e ele trouxe essa ideia de eu trabalhar no sistema agroflorestal, achei difícil porque eu não conhecia né, e eu não conhecia ele também, aí, achei mais difícil por conta disso. Por que a gente mudar de uma realidade para outra, é difícil, mas a gente procurou melhorar e ele orientou. Depois eu comecei, e ele é uma pessoa boa, uma pessoa de respeito, bem sucedida na vida e aí a gente foi buscando melhorar as coisas porque a qualidade de vida era ruim era fraca.²⁰⁹

Perguntado sobre por que a qualidade de vida era fraca, ele respondeu:

Porque a gente produzia e o pouco que a gente produzia não tinha aonde a gente vender, era só pra consumir e vender ao atravessador a qualquer preço e não dava pra ter uma qualidade de vida melhor.²¹⁰

No final de 1996, Rafael participou de uma reunião promovida pelo Centro Sabiá sobre apicultura, no sítio de um amigo dele. Era uma reunião de sensibilização dos agricultores tendo como um dos temas a prática da agricultura agroflorestal. Rafael gostou do que viu, mas não deu muita importância. O técnico persistiu nos seus objetivos e se ofereceu para visitar a propriedade de Rafael.

Aí ele conversou um pouco e marcou pra vim em casa um dia [...] e aí chegou aqui em casa e achou interessante, viu o trabalho que eu fazia e perguntou se eu tinha vontade de mudar. Olha se for pra melhor eu mudava, mas se não fosse pra melhor eu prefiro ficar assim mesmo. Ele disse que assim era melhor e tal e começo a sempre vim, conversar e trazer novas conversas, novas propostas pra vê se eu me interessava. Depois eu fui fazer um experimento. Só pra agradar a ele do que nada [...] eu disse vamos, a gente faz uma arezinha aqui, Que... de tanto ele vir aqui, eu disse caramba a gente tem que fazer mesmo senão ele vai ficar me cobrando o tempo todo [...] Acabei depois gostando da ideia. Quer dizer eu vi que deu certo e até hoje eu diria que eu não volto nunca mais a fazer o que eu fazia antes. Eu recuperei, eu diria setenta por cento do que se foi destruído aqui na propriedade, eu diria que ela tava 100% degradada. Hoje eu diria que ela tá 70%. E a ideia, se eu tivesse mais tempo pra trabalhar eu diria que ela tava cem por cento produzindo.²¹¹

A experiência deu resultado e a partir daquele momento Rafael passou a se interessar pelo sistema agroflorestal e desde então vem trabalhando na área. Ele falou, nessa mesma entrevista, que diferentemente dos agricultores de Chã Grande e Gravatá que cultivam hortaliças utilizando-se de insumos ecológicos, a sua produção era baseada no sistema agroflorestal – SAF - e que esse tipo de produção

²⁰⁹ Entrevista realizada em 23 maio de 2012.

²¹⁰ Rafael, em entrevista em 23 maio de 2012.

²¹¹ *Id.*

não lançava mão de insumos como esterco de gado ou qualquer outro tipo de adubo, que ele plantava considerando a atenção à natureza que a agricultura reclamava, planejando de forma tal que as plantas em sua interação natural forneciam seus nutrientes necessários, alimentando-se umas das outras.

Rafael também falou na entrevista que o planejamento das suas intervenções na área do sítio se dava de forma permanente, o que significa dizer que muito trabalho era despendido naquele espaço o que era levado por meio de um manejo baseado em práticas agrícolas como: a) o uso da cobertura morta; b) poda; c) a capina seletiva e d) plantio de culturas de ciclo curto, médio e permanente.

No sítio do agricultor Rafael, a cobertura morta é feita a partir das folhas que caem das árvores e plantas, bem como das folhas e galhos resultantes das podas feitas com seu facão (principal instrumento de trabalho, junto com a enxada) deixando-as no chão, formando assim uma camada que serve para proteger o solo da radiação solar e dos agentes da erosão, principalmente da água e do vento, evitando sua degradação. O uso da cobertura morta serve, também, para garantir a concentração equilibrada da água, gerando uma umidade necessária para a formação de matéria orgânica no solo, contribuindo assim para sua fertilidade.

A poda - também conhecida como “desgalhar” - era feita por Rafael com o objetivo de renovar a planta para produzir melhor, bem como estimular o desenvolvimento da vegetação que está em seu redor. Essa poda é feita de forma a cortar a parte da planta que se encontra doente, velha ou que esteja atrapalhando o desenvolvimento da lavoura. Existe ainda a poda drástica feita cortando a planta bem no tronco. Rafael disse que isso era feito com as plantas nativas envelhecidas, que seu corte era importante para o plantio de culturas como milho, fava e feijão, plantas que precisam de espaços com muita luz e muito sol.

O plantio de culturas de ciclo curto (hortaliças e legumes), médio (banana, pupunha) e permanente (espécies florestais, espécies frutíferas) serve para garantir tanto o princípio da diversidade produtiva, como do controle de pragas e doenças.

A preocupação com a melhoria da condição ecológica de sua área passou a ser algo que guiava suas ações. Rafael falou que ainda plantava as culturas que sempre plantou, mas que agora fazia considerando os princípios da agrofloresta. Passou a deixar que plantas nativas crescessem, além de replantá-las, ressaltou também que hoje teria uma diversidade maior de culturas no sítio.

Daí por diante melhorou, financeira e saudável mesmo, de saúde por que a gente tem um produto mais saudável, e mais diversificado, por que a gente,,, comecei a diversificar minha produção, né. Que era mais monocultivo de mandioca, milho e feijão, só era o que eu plantava mais. Tinha algumas frutíferas mais era pouca, não tinha eu a variedade que eu tenho, hoje.²¹²

Hoje você tem o que aqui dentro do sítio?

A gente trabalha ainda com roça, de mandioca. Tira macaxeira, o feijão, milho, fava. Aí pronto, mas tenho a batata, o cará, o inhame, e tenho as frutíferas: laranja, banana, coco, abacate, siriguela, acerola, cajá, pupunha e uma série de tanta... pitomba, ôxe, manga, quase umas vinte ou mais variedades e ainda se quiser trabalhar a parte de hortaliças pode também, pelo menos no inverno, quando o inverno começa cedo aí eu começo também uma parte de hortaliça, porque eu não tenho água pra irrigar mais, no inverno não precisa de irrigar por que a chuva mesmo faz isso.²¹³

A citação revela uma mudança significativa na roça de Rafael, em termos de diversidade de produção e, conseqüentemente, em termos de oferta para mercado. Mas tudo isso convive com um problema que fora em parte herdado de suas antigas práticas de cultivo. Quando caminhávamos pelo sítio Rafael, ele mostrou o leito de um rio que passa dentro de sua área, dizendo que, antigamente, há mais de vinte cinco anos, naquele leito se tinha muita água, chegando a alagar parte de sua área, mas que hoje, em função da degradação que o sítio e adjacências passaram com o uso de práticas agrícolas inadequadas, além da falta de chuva, ou do fato de que quando a mesma vem, ela não vem em quantidade suficiente para encher o leito do rio e a água se tornou escassa.

Na caminhada pelo sítio, Rafael falou que tinha um vizinho com uma área bastante degradada, que a mesma fica localizada de uma forma que divide a sua, ficando nos fundos de sua área onde se tem mais de um hectare que Rafael preservou como mata. Rafael disse que essa mata preservada garantiu o reavivamento da nascente que fica na área do vizinho, mas que infelizmente não vem garantindo o mesmo com uma nascente sua que fica localizada próxima da área deste vizinho, que hoje está adoentado, tendo ele e a mulher mais de oitenta anos de idade, com seus filhos morando em São Paulo e com uma área degradada e sem uso.

²¹² Entrevista realizada em 23 de maio 2012.

²¹³ Entrevista realizada em 23 de maio 2012.

De qualquer forma, hoje, passados quase dezesseis anos de adoção da agricultura agroflorestal, Rafael relata com alegria que sua área estaria vivendo um processo de recuperação já bem avançado, que poderia dizer que hoje ela tem setenta por cento de sua área recuperada, mas fala também que as mudanças necessárias para a introdução do sistema agroflorestal ainda está em pleno processo, que já se pode dizer que trabalha de forma diferente da forma como fazia antes, mas reconhece que ainda falta melhorar.

Nas palavras de Rafael:

Digamos que para ser cem por cento agroecológico tem que ser agroflorestal, é orgânico, mas o agroecológico ainda está chegando, tá chegando pra ser agroecológico [...] porque a gente ainda usa saco plástico, e alguns manejos de inchada, que a prática, a enxada não é cem por cento agroecológica ela faz um manejo com enxada, mas isso não é agroecológico porque ela arranca o mato e degrada o solo, né. Aí pra cem por cento ainda falta, e a gente tá cada vez aperfeiçoando. Se eu tivesse mais tempo de tá em casa trabalhando eu diria que estava mais perto do cem por cento, porque eu não ia usar tanto a enxada, ia usar mais o facão, eu ia ter mais tempo de manejar, né.²¹⁴

Nesta fala, há uma questão que sempre aparece nas falas de outros agricultores, que é a questão do tempo dispensado na agricultura agroecológica, dos cuidados exigidos no cultivo das culturas plantadas, sendo assim o tempo de trabalho e de dedicação são elementos fundamentais para uma agricultura onde o ciclo da natureza impõe seu ritmo. Rafael, em todo o momento de nossa entrevista, sempre afirma que gostaria de ter mais tempo para poder se dedicar mais na sua área, planejando, plantando e cuidando das espécies.

Logo abaixo temos algumas fotos que registram as experiências de dois agricultores do município de Bom Jardim em seu processo de transição para o sistema agroflorestal. Nas Figuras 5 e 6, aparece o agricultor de 34 anos Adeildo Silva. A área onde trabalha é dos pais, mede dois hectares e nela cultiva além do inhame, da batata doce as frutíferas como laranja, goiaba, banana, limão, cajá, coco entre outras. Nas Figuras 7 e 8, aparece o agricultor Rafael. Este teve sua experiência descrita e analisada neste subitem deste capítulo.

²¹⁴ Entrevista realizada em 23 de maio 2012.

Figura 05



Figura 06



Figura 07



Figura 08



Fonte: Imagens registradas pelo autor em trabalho de campo

4. PARA ALÉM DOS MECANISMOS DE PREÇO: SOLIDARIEDADE E RECIPROCIDADE NA FEIRA ESPAÇO AGROECOLÓGICO DAS GRAÇAS RECIFE/PE

A feira Espaço Agroecológico das Graças, localizada no bairro das Graças no Recife, bem como a sua constituição e funcionamento, foi tomada aqui como fenômeno social que despertou o interesse pelo exercício de uma problematização sociológica que pudesse analisar os aspectos sociais que estariam sendo mobilizados na configuração das relações de troca mercantil desenvolvidas neste mercado de produtos agroecológicos.

Mais do que um espaço de troca mercantil, mediada por ações meramente monetárias, a feira se apresenta como um espaço repleto de vida, pulsando fortemente. Os agentes econômicos envolvidos naquelas transações estabelecem entre si um tipo de relação que parece quebrar com qualquer imagem construída sobre a racionalidade e a impessoalidade que as ações econômicas devam ter nos mercados de concorrência pura e perfeita, como quer a teoria econômica neoclássica.

A forma como essas relações sociais são vividas, baseadas no estreitamento das relações entre produtores/vendedores e consumidores, impulsionou nossa investigação, levando-nos a ver a feira como um espaço onde conflita e convive uma lógica de mercado marcada pela racionalidade expressa nas ponderações dos meios e fins com vistas ao lucro, e um mercado que se realiza a partir da concatenação de dois elementos fundamentais: da criação de um *ethos* socioambiental e do enraizamento das relações sociais entre os agentes econômicos em interação.

Neste momento, segue a análise sobre o processo de construção social da feira Espaço Agroecológico das Graças, com enfoque específico nas suas dimensões organizacionais e de sociabilidades, objetivando uma explicação sobre o problema das condições sociais de funcionamento e manutenção desta praça de mercado, o que será feito por meio da: 1) caracterização tanto do bairro como da feira das Graças; 2) da reflexão sobre as regras de funcionamento desta feira e 3) dos aspectos sociais que estruturam e dão sentido ao ato da troca entre os agentes

econômicos em análise, finalizando com algumas observações. Estes formam também os subitens que compõem este quarto capítulo da tese em pauta.

4.1 O Bairro das Graças e a Feira Espaço Agroecológico das Graças: Características

4.1.1 Características Socioambientais do Bairro das Graças Recife/PE

O bairro onde a feira em análise acontece se situa numa região tradicionalmente ocupada pelas classes mais abastadas do Recife, o que despertou o interesse pela realização de uma caracterização socioambiental do mesmo, tomando-o como cenário onde se desenrolam relações sociais entre agricultores, consumidores e mediadores e que há mais de quatorze anos vem construindo uma história definida pelos agricultores como estando baseada no respeito mútuo, nas trocas, parcerias e reciprocidades.

A caracterização socioambiental do bairro das Graças não teve por objetivo contar sua história, mas dar corpo e imagem ao contexto onde se realiza uma das práticas sociais dos agricultores aqui analisadas, que é a da comercialização. Estes, que como já dissemos, se deslocam de seus municípios (Abreu e Lima, Chã Grande, Gravatá e Bom Jardim) de origem, trazendo o produto de seu trabalho para ser comercializado no Recife, um esforço com implicações ambientais, econômicas, culturais, sociais, e políticas para os que estão envolvidos nesse processo, em especial os agricultores.

Segundo Cavalcanti e Avelino²¹⁵ a evolução urbana no Brasil traz consigo um lastro de exploração que responde tanto aos mecanismos da conjuntura do país, como das decisões estruturais notadas na história brasileira. Isso pode ser visto na

²¹⁵ A partir da pesquisa Mapa da Exclusão/Inclusão Socioambiental do Recife, produzida pela prefeitura em parceria com os textos reunidos no livro Mosaico Urbano do Recife, realiza um balizamento da desigualdade intraurbana da cidade do Recife, preocupados que estão com a produção de índices sociais de Exclusão/Inclusão referenciadas de forma espacial/territorial/local, considerando as características ambientais e os processos urbanos de Recife. CAVALCANTI, Helenilda. AVELINO, Emília. Dimensão teórica da exclusão/inclusão e diferentes padrões de medidas intra-urbanas. Recife seus recortes:naturais e os inventados. In.: Mosaico Urbano do Recife: exclusão/inclusão socioambiental. CAVALCANTI, Helenilda. AVELINO, Emília. LYRA, Maria Rejane de Brito (Orgs.) Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2008.

formação do povoamento e na sua ocupação dos territórios, na emergência do trabalhador livre em substituição à mão de obra escrava e na questão fundiária (acesso à terra). Todo esse processo se dá concomitantemente com a constituição de uma elite que visava exercer seu poder sobre uma população pobre buscando discipliná-la para uma vida ordeira e laboriosa.

Segundo Tânia Araújo e Tarcísio Araújo²¹⁶, no Brasil, a matriz histórica da desigualdade e da pobreza foi sancionada pelo forte viés urbano-industrial das políticas nacionais de desenvolvimento, durante a implementação e consolidação de seu padrão industrial da economia, culminando na geração e manutenção de desequilíbrios sociais e urbanos que se exacerbaram a partir da crise de crescimento nos anos 80 e das mudanças institucionais e econômicas dos anos 90.

Recife, uma das capitais mais antigas do Brasil, reflete bem esses problemas. A capital do Estado de Pernambuco tem uma área territorial de 218.498 Km², densidade demográfica 7.037,61 hab./km² e população de 1.537.704²¹⁷, sendo esta, distribuída nos seus 94 bairros com seus moradores levando uma vida marcada pela desigualdade quanto à obtenção de renda, acesso a serviços básicos, por meio de empresas estatais de saneamento básico, coleta de lixo, água, educação básica e saúde, demonstrando uma disparidade intramunicipal e revelando o quanto o Recife é heterogêneo e discrepante na oferta de serviço e de qualidade de vida em todo o seu território.

Na perspectiva desses documentos (produzidos em parceria com o PNUD) acima citados, o desenvolvimento que se deseja pressupõe a criação de um ambiente no qual as pessoas possam desenvolver o seu pleno potencial e levar vidas produtivas e criativas de acordo com suas necessidades e interesses. O desenvolvimento tem a ver, portanto, com o alargamento das escolhas que as pessoas têm para levar uma vida a que deem valor. E tem a ver com muito mais do que o crescimento econômico, que é apenas um meio — ainda que muito importante — de alargar as escolhas das pessoas. Estas, são, segundos os proponentes dessa visão de desenvolvimento, a verdadeira riqueza das nações.

²¹⁶ ARAÚJO, Tânia; ARAÚJO, Tarcísio. Recife: Desenvolvimento e Desigualdade [CD-ROM]. Recife (PE). Desenvolvimento Humano no Recife: atlas municipal; 2005.

²¹⁷ Dados do censo demográfico 2010 IBGE. Disponível em:<
<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 08 out. 2011.

Assim, a mensuração do conceito de desenvolvimento se dá pelo índice de desenvolvimento humano (IDH), apoiando-se em três dimensões básicas e universais da vida humana, que são as condições para que as escolhas e oportunidades dos indivíduos possam ser ampliadas: o acesso ao conhecimento (educação), o direito a uma vida longa e saudável (longevidade) e o direito a um padrão de vida digno (renda).²¹⁸

A heterogeneidade e discrepância na forma como os recifenses estão vivenciando (acessando) essas três dimensões consideradas necessidades básicas da população para o desenvolvimento humano revela um Recife onde a maioria de seus moradores estaria residindo em bairros com baixas e muito baixas condições de vida.²¹⁹

De qualquer forma, a distribuição espacial da desigualdade social no Recife faz com que se tenha realidades díspares numa mesma Unidade de Desenvolvimento Humano – UDH, ocorrendo situações de pobreza dentro de unidades consideradas de alto nível de IDH, como, também, encontramos unidades de nível alto espalhado pela cidade e, nesse sentido, muito próximas às unidades onde predominam situações de baixo e muito baixo nível de IDH.

Esses dados corroboram com a afirmação e questionamento de Tânia Araújo e Tarcísio Araújo ao analisarem os mesmos dados levantados pelo *Atlas do desenvolvimento humano do Recife*:

Não se pode considerar que tenha ocorrido, aqui, desenvolvimento. O Recife não pode ser considerado desenvolvido, sendo tão desigual. As sociedades tidas como desenvolvidas são sempre muito mais homogêneas. Ter uma pequena elite moderna — que experimenta excelente padrão de vida — não define uma sociedade como desenvolvida. A presença de uma

²¹⁸ BITOUN J. O que revelam os Índices de Desenvolvimento Humano [CD-ROM]. Recife (PE). Desenvolvimento Humano no Recife: atlas municipal; 2005.

²¹⁹ Considerando-se o caráter relativo dos valores do IDH, esses foram agrupados em cinco classes de Unidades de Desenvolvimento Humano, de valores do IDH muito baixos (0,630 a 0,689), baixos (0,690 a 0,745), médios (0,746 a 0,819), altos (0,820 a 0,899) e muito altos (0,900 a 0,970). 1. Segundo essa classificação, as dez Unidades de muito alto valor do IDH reuniam, em 2000, 234.886 habitantes; as sete Unidades de alto valor do IDH – 167.293 habitantes; as 14 Unidades de médio valor, 312.937; as 25 Unidades de baixo valor do IDH, 569.035; e as seis Unidades de muito baixo valor, 138.754 habitantes (Tabela 12). Essa distribuição confirma que, entre os 1.422.905 habitantes do Recife em 2000, cerca da metade (49,7%) residia em bairros com baixas e muito baixas condições de vida. Por outro lado, os bolsões mais privilegiados (IDH de alto e muito alto valor do Índice de Desenvolvimento Humano) reuniam somente cerca de 400 mil habitantes (28,3% da população total) (JAN BITOUN, 2005?, p.27). Dos 94 bairros de Recife identificados no Mapa da Exclusão/Inclusão socioambiental, 30 são considerados incluídos e 64 excluídos.

maioria excluída, com precários índices de acesso a condições decentes de vida, serve como elemento de questionamento à sustentabilidade do processo que se construiu. E reclama pela rediscussão do que seja, verdadeiramente, um processo de desenvolvimento.²²⁰

A feira “Espaço Agroecológico das Graças” acontece no Bairro das Graças, zona norte de Recife, sendo considerado pelo Atlas do Desenvolvimento Humano como tendo um IDH muito alto (0,953). Ele ainda se caracteriza pela vizinhança a outros bairros com o mesmo padrão de vida como: Aflitos, Derby, Espinheiro, Jaqueira²²¹, Parnamirim, Casa Forte, Torre, Madalena, Ilha do Retiro, Boa Vista e Paissandu. Tal realidade (no sentido da proximidade dos bairros e do padrão vivido pelos moradores) só vai acontecer com outros bairros localizados na zona sul da cidade como Pina e Boa Viagem (na orla, Avenida Herculano Bandeira e Setúbal).

Como parte de um espaço urbano que compõe o todo da urbe Recife, o bairro das Graças se destaca frente à maioria dos demais ao constituir-se como lugar de moradia das classes sociais mais abastadas de Recife, o que pode ser percebido por meio da opulência econômica de seus prédios centenários, assim como dos novos e luxuosos prédios construídos muitas vezes nos espaços de antigos palacetes, seja derrubando-os ou fazendo destes os seus salões de festa. Também se destaca na infraestrutura urbana, nos serviços públicos disponíveis e numa rede de serviços²²² que garante a seus moradores comodidades e conforto.

Do ponto de vista do objetivo perseguido pela tese, cabe aqui destacar dois tipos de serviços que são ofertados nos bairros mais próximos ao das Graças como mercados públicos e supermercados. Estes são encontrados nos bairros dos Aflitos (Hiperbompreço²²³, Comprebem), Espinheiro, Bompreço, bem como no da Torre

²²⁰ ARAÚJO, Tânia; ARAÚJO, Tarcísio. Recife: Desenvolvimento e Desigualdade [CD-ROM]. Recife (PE). Desenvolvimento Humano no Recife: atlas municipal; 2005.

²²¹ Com esses quatro primeiros, o bairro das Graças se confunde nos seus limites enquanto que com o restante ele se relaciona num raio aproximado de dois a quatro KM².

²²² Numa consulta ao *site* da Associação pernambucana de bares e restaurantes e ao Guiamais, encontram-se listados a existência de serviços como restaurantes (18), Padarias (05), Pizzaria (2), Lavanderias (04), Hotéis (01), escritório de advocacia nas suas diferentes especialidades (21), escolas de idiomas (09), Faculdades (02), Museus (01), academias de musculação (08), clínicas de estéticas (02), cabeleireiros e institutos de beleza (25) e outros como autopeças, oficinas mecânicas, autoescolas, etc. Considerando que os bairros vizinhos obedecem ao mesmo padrão de ofertas de serviços.

²²³ Funcionando 24 h.

(Carrefour), Madalena (Extra²²⁴, Bompreço) e Casa Forte (Hiperbompreço). Já os mercados públicos podem ser encontrados no bairro da Encruzilhada e no da Madalena.

É importante lembrar que esses serviços acima destacados já estavam funcionando antes da instalação/construção da feira “Espaço Agroecológico das Graças” em 1997, e que os mesmos, além de outros tantos itens, ofertam uma grande variedade de frutas, legumes e verduras (inclusive com gôndolas para os orgânicos), produtos que são o carro chefe na feira agroecológica em questão, configurando-se como fortes concorrentes, o que implica na necessidade dos agricultores disporem de muita habilidade e percepção para ofertar seus produtos de forma diferenciada.

Do ponto de vista da infraestrutura urbana e do prisma cultural, estes são dados que não podem ser desconsiderados, mesmo que entre na análise para compor um quadro ilustrativo, que pode ou não ser acionado para contribuir com a explicação da realidade que se desdobra em seu cotidiano. Foi neste contexto que a feira se instalou e é com ele que ela dialoga direta ou indiretamente. Passemos agora a realizar a caracterização socioambiental da feira.

4.1.2 Características Socioambientais da Feira Espaço Agroecológico das Graças

Segundo um dos entrevistados,

a construção do Espaço Agroecológico não foi ‘vamos criar a feira amanhã’ e pronto. Teve toda uma lógica de começar comercializar lá no município, lá numa vila, numa comunidade pra depois vir expor o produto, pra depois vir comercializar, pra depois envolver os consumidores no regimento interno, na definição do preço, abrindo a propriedade para os agricultores visitarem, teve toda uma lógica que é a lógica da confiança, e uma coisa que você não pode quebrar é a confiança, quebrou a confiança você morreu.²²⁵

A feira é fruto do desdobramento das ações dos técnicos, agrônomos, e agricultores ligados à AMA-Gravatá e ao Centro Sabiá, que anos antes estavam envolvidos com o processo de implantação da agricultura agroecológica,

²²⁴ Funcionando 24 h.

²²⁵ Adeildo, em entrevista realizada em novembro de 2011.

fomentando, assim, a transição da agricultura convencional praticada pelos agricultores dos municípios de Gravatá, Chã Grande, Bom Jardim e Abreu e Lima para uma agricultura mais ecológica, resultando numa crescente produção e conseqüentemente na necessidade de garantir seu escoamento ao mercado.

O princípio de solidarismo presente no associativismo em rede foi a forma de organização que aglutinou agricultores e mediadores na construção da feira em análise. Nela, como nas feiras agroecológicas de outros Estados brasileiros, analisadas por Tedesco²²⁶ e Mariano Neto²²⁷, fomenta-se uma filosofia que norteia tanto a comercialização, como a produção, que é a visão de uma agricultura na qual as pessoas e a vida estão em primeiro lugar. A natureza é vista como parceira e a serviço da vida.

A fomentação de valores ligados à preservação produtiva do meio ambiente e da preocupação com a sua própria vida e a vida do outro joga com uma perspectiva de futuro, um importante papel na construção desse espaço de comercialização. O dever de cada membro do grupo, como consta no regimento interno da feira, bem como nas falas dos agricultores entrevistados, é o de produzir alimentos com qualidade (sem agrotóxico) para poder comercializar um alimento que não gere problemas de saúde aos consumidores para que os mesmos possam viver no presente e no futuro uma vida mais saudável.

Esse sistema de valores mobilizados pelos agricultores contribui para agregar valor (monetário e simbólico) a seus produtos ao mesmo tempo em que serviu como chave de entrada e construção de um nicho de mercado que busca oferecer um produto com especificidades para consumidores que comungam das aspirações das sociedades contemporâneas de se viver bem e viver mais, tão fortemente propagado nos meios de comunicação, nas academias de ginásticas, nos centros médicos, enfim, em diferentes espaços e grupos sociais.

Essa perspectiva animou os agricultores a trazer seus produtos para serem expostos no dia internacional da alimentação, dia dezesseis de outubro de 1997.

²²⁶ TEDESCO, João Carlos. A feira de produtos ecológicos de Passo fundo: processos e relações. In: TEDESCO, J. C. (Org). Agrobiodiversidade, agroecologia e agricultura familiar: velhas e novas faces de um processo de desenvolvimento na região de Passo Fundo – Pós anos 90. Passo Fundo: Ed. Universidade Federal de Passo Fundo; Porto Alegre: EST, 2006.

²²⁷ MARIANO NETO, Belarmino. Abordagem territorial e enfoques agroecológicos no Agreste/Brejo paraibano:desenhos, arranjos e relações. Tese – Programa de Pós-Graduação em Sociologia -, Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. Campina Grande-PB, 2006.

Este evento foi realizado no Parque da Jaqueira²²⁸ localizada num bairro também chamado de Jaqueira, Zona Norte do Recife²²⁹, um bairro que, pelas suas condições socioeconômicas e culturais, apresentava uma possibilidade real de aceitação da proposta que estava sendo trazida e posta em prática pelos agricultores, associações e ONG, como relataram os agrônomos Flávio Duarte e Adeildo do Centro Sabiá em entrevistas de campo.

A Praça da Jaqueira é um espaço arborizado, onde muitos frequentam para lá praticarem esportes, fazerem caminhadas, levarem seus filhos para brincar em seus equipamentos recreativos, enfim, viverem um momento de lazer e descontração, sendo, também, escolhida como espaço preferencial de campanhas governamentais ou de categorias profissionais ligadas à saúde.

De acordo com os agricultores, eles foram impedidos de comercializarem no Parque da Jaqueira e resolveram migrar para a Praça das Corticeiras (com um tamanho aproximado de uns duzentos metros quadrados com alguns bancos e sem nenhum tipo de equipamento recreativo) localizada nas Graças, um bairro próximo ao da Jaqueira.

Na Praça das Corticeiras, os agricultores também não demoraram muito, e de lá migraram para a Rua Souza Andrade, que fica em frente a esta mesma praça. Trata-se de uma rua tranquila, bastante arborizada, sem grandes fluxos de carros, um trecho residencial, ladeada por condomínios de apartamentos e de uma galeria onde os agricultores alugam uma sala para servir de apoio, guardando seus equipamentos (barracas, bancos, tendas) e dispendo de banheiro e bebedouro de água mineral.

A presença desses agricultores comercializando nesta praça - e posteriormente na Rua Souza Andrade - despertou o receio de alguns moradores dos condomínios vizinhos, por eles acreditarem que, com a instalação da feira aos finais de semana, eles poderiam perder o sossego que tinham, o que foi resolvido com o comprometimento dos agricultores de não fazerem barulho quando de sua chegada e permanência no local da feira. Os agricultores trataram também de se

²²⁸ Com sete hectares, a área do parque tem dois espaços distintos: um do sítio histórico, com uma capela em estilo barroco, construída em 1766 (tombada em 1970 e emoldurada por um jardim de Burle Marx) e a parte destinada à prática de esportes (*Cooper*, patinação, *bycicross*, ciclovia), às atividades culturais e contemplativas.

²²⁹ Um bairro do século XVII, uma área onde seus moradores apresentam um alto padrão econômico assim como o atual Bairro das Graças para onde a feira migrou e funciona até hoje.

prontificar em não deixar a rua suja depois que a feira acabasse, sendo eles mesmos os responsáveis pela manutenção da limpeza, já que os mesmos não dispõem de apoio por parte dos gestores públicos no sentido de disponibilizarem um servidor que realizassem esse trabalho de limpeza.

O trecho da rua onde a feira foi instalada tem aproximadamente cem metros, onde são distribuídas, de forma paralela, vinte barracas, que se montam e se desmontam a cada feira. Além das barracas onde são expostos os produtos alimentícios, alguns agricultores contam também com o uso de caixas plásticas que ficam em frente das mesmas e em cima de tripés formando pequenos corredores por onde passam os consumidores, além de caixas de isopor para acondicionar produtos como leite, ricota, queijo etc. Existe também uma tenda com mesas e bancos que fica armada na barraca do casal de agricultores Jones e Lenir, onde eles vendem seus produtos agroflorestais beneficiados, como pão integral, pastéis, sucos, bolos etc. Este ambiente cria uma situação de interação bastante intensa, uma vez que serve também de ponto de encontro para muitos dos consumidores que se conhecem e que frequentam a feira, bem como para novos contatos entre os desconhecidos que param para lanchar.

Cacá²³⁰ comentando sobre a construção da feira, disse que ela também foi pensada para ser um local onde as pessoas pudessem se encontrar para trocar ideias sobre a agricultura ecológica. Um lugar no qual intelectuais pudessem se encontrar, produzir atividades culturais, enfim, um lugar que marcaria um encontro com a qualidade de vida. Ainda hoje, é fácil chegar à feira e encontrar um antigo consumidor que sempre traz os filhos para lá tocarem forró. Ele traz sanfona, triângulo e zabumba acompanhados de um microfone e uma caixa de som amplificada para tocar e cantar. Agricultores como, seu Biu Sanfoneiro, Rafael e Adeildo também costumam cantar e tocar com o grupo. Inicialmente essa atividade lúdica teve alguns problemas com a vizinhança, mas logo foram contornados, os agricultores se comprometeram em realizá-la num horário que não fosse muito cedo.

A feira se realiza semanalmente, tendo início na madrugada do sábado, por volta das duas ou três horas da manhã, dependendo do horário de chegada dos agricultores, que por sua vez saem de suas localidades de origem por volta das 21 ou 22 h da sexta feira. Os que vêm de Chã Grande e Gravatá fazem seu

²³⁰ Em entrevista realizada em maio de 2012.

deslocamento em ônibus, numa parceria com as prefeituras daqueles municípios que dividem com eles a metade dos custos. Os agricultores de Chã Grande contam também com uma parceria feita com um agricultor orgânico que tem um caminhão Mercedes 770 *plus* e que carrega os produtos daqueles que saem de lá, enquanto que os de Gravatá trazem seus produtos junto com eles no ônibus. Já os agricultores de Bom Jardim se organizam em parceria e aqueles que têm carro (Toyota Gipão Bandeirante) trazem os agricultores e seus produtos, enquanto que o casal Lenir e Jones de Abreu e Lima se desloca com seu carro trazendo os seus produtos para a feira.

Chegando ainda na madrugada do sábado, os agricultores começam a montar as barracas e logo dão início à comercialização. Os agricultores relataram - e foi o que percebemos em visitas de campo - que muitos de seus consumidores são pessoas que já estão na rua, que saíram ainda na noite da sexta, seja para as festas ou restaurantes, etc., e aproveitam para passar na feira e fazer compra antes de retornarem para suas casas. Alguns jovens, que moram por perto da feira, se dirigem a ela para fazerem lanches tanto na barraca de Lenir e Jones que trazem sucos de açaí, mel com favo, mel de caju, quibe de soja, pastéis de jaca ou de ricota, assim como na da agricultora Josilene que também traz produtos beneficiados como bolo de banana, sucos, pastéis recheados com verduras. Também vamos encontrar consumidores aposentados, pessoas que saem de cinco horas para caminhar e, no retorno de casa, aproveitam para passar na feira e fazer suas compras.

Pelo que percebemos nas entrevistas feitas com os consumidores na feira, no seu cotidiano, a feira pode ser vista como uma forma de se reinstalar na vida urbana do Recife os valores da solidariedade concreta, personalizada e democrática. Em si, como feira livre que ela é, se diferencia de outros espaços de compras como os supermercados e mercados municipais pela possibilidade por ela aberta para os clientes poderem vivenciar aquele espaço de forma menos impessoal numa abordagem aos consumidores onde o respeito à vida é colocado em primeiro plano.

O diferencial do Espaço Agroecológico das Graças está na sua forma de produção e comercialização. Tanto o produto reclama uma especificidade por ser algo cultivado respeitando os princípios da agricultura ecológica, como o ato da troca reclama a extrapolação do imediatismo do lucro e a impessoalidade das relações. Na feira, os agricultores estabelecem relações, as quais, segundo eles, não se

limitam ao dinheiro, a seus aspectos monetários (mesmo que saibam e afirmem sua necessidade), mas a valores não econômicos como respeito, reconhecimento dos esforços em jogo, solidariedade, reciprocidade e cooperação.

Assim, além desse caráter associativo, podemos destacar como principais características da feira “Espaço Agroecológico das Graças” o fato dela ser:

- uma praça de mercado construída com a ação direta dos agricultores e dos mediadores (Associação e ONG);
- de essa ação inaugural ter se desdobrado na formação de associações de agricultores que hoje atuam na gestão da feira de forma democrática ;
- de o vendedor ser o próprio agricultor;
- de o produto comercializado ser cultivado sem o uso de agrotóxicos, e adubos químicos agregando assim valor social e ambiental e conseguindo reconhecimento dos consumidores;
- baseada na ideia de tomar o respeito à vida, ao social e ao meio ambiente como princípio norteador da relação estabelecida entre o agricultor/vendedor e o consumidor;
- de sua realização pressupor o deslocamento dos agricultores/vendedores do campo (lugar onde eles moram e produzem) até a cidade (onde se instalam para comercializar os produtos por eles trazidos) e
- de se estabelecer relações duradouras entre agricultor/vendedor e consumidores.

Abaixo temos fotos da feira Espaço Agroecológico das Graças, as mesmas foram tiradas por volta das oito horas da manhã de sábado e nesse momento o fluxo dos consumidores reduz. A feira tem seu ápice entre cinco às sete horas. Na figura nove temos em destaque a imagem dos agricultores Caetano e Bibi, ambos do município de Chã Grande. Na figura dez aparecem em destaque o agricultor João e mais ao fundo a agricultora Jacilene ambos de São Severino distrito do município de Gravatá. Na figura 11 aparece o agricultor Valdomiro também de Gravatá e na figura doze aparecem os agricultores Rafael e Bil Sanfoneiro ambos de Bom Jardim.

Figura 09



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Fonte: Imagens registradas pelo autor em trabalho de campo

4.2 As Regras de Organização da Feira: Restrições e Possibilidades

Numa observação mais superficial da feira, teremos de imediato uma imagem que revela o cotidiano de algo que nos é familiar, que são as feiras livres. Nela, encontram-se produtos alimentícios que garantem o abastecimento de parte dos alimentos necessários à dieta alimentar das famílias. Ocorre, porém, que para seu funcionamento a contento, os agricultores precisam desenvolver uma série de atividades e cumprir uma série de regras formais e informais que demandam deles esforços físicos e sensibilidade para a compreensão dessas mesmas regras e seu compromisso em fazer com que as mesmas sejam postas em prática.

O processo de construção social da feira é acompanhado pela construção de uma estrutura organizacional e de um conjunto de regras que viabilizem a sua realização. A entrada do agricultor na feira passa antes pelo seu reconhecimento como agricultor agroecológico por uma associação ligada à feira. Este agricultor em suas práticas de produção e comercialização fica então sob a orientação desta associação que precisa estar dialogando com os organizadores da feira sobre o andamento (fiscalizando, orientando, punindo) dos trabalhos dos agricultores em seus espaços de produção e também no de comercialização.

Como disse o agricultor e coordenador geral da feira Rafael²³¹, quando questionado sobre quais as regras de funcionamento da feira:

Ser associado a uma instituição que trabalhe com agricultura orgânica ou agroflorestal, ter tais práticas há no mínimo dois anos, usar o fardamento, não vender produtos de pessoas que não esteja vinculada a sua associação entre outras.²³²

No regimento interno da feira produzido a partir das reuniões e assembleias realizadas no período de 1999 a 2000, vamos encontrar um conjunto de regras que estabelecem direitos, deveres e punições aos agricultores envolvidos com a feira, das quais para efeito de análise, destacaremos nos próximos parágrafos.

No capítulo 2, do regimento interno da feira, destacaram-se os seguintes objetivos da criação do Espaço Agroecológico: comercializar diretamente para o consumidor criando novas relações sociais, a disposição em assumir os compromissos que são tratados de forma coletiva e a valorização das decisões coletivas do grupo.

Do capítulo 4, do referido regimento, salientou-se alguns pontos que falam dos produtos, preços, feirantes e barracas.

Quanto aos produtos, eles devem ser produzidos por agricultores ligados às associações envolvidas com a feira, que se evite que os produtos sejam expostos no chão para não comprometer a comercialização em função da falta de higiene, da dificuldade que possa gerar para o consumidor escolher os produtos e para melhorar o fluxo das pessoas na feira.

²³¹ A coordenação da feira está estruturada da seguinte forma: coordenador geral, vice coordenador, secretário, tesoureiro e vice tesoureiro.

²³² Entrevista realizada em maio de 2012 com Rafael.

Sobre os preços, são estabelecidos a partir de pesquisas realizadas nos supermercados e feiras livres no grande Recife e discutidas nas reuniões da coordenação e nas assembleias com os agricultores. Os produtos terão preços justos e sem muita variação durante o ano. Existirá uma tabela de preços que apresentará um preço máximo e um preço mínimo. Essa variação reflete as diferenças no tamanho e na quantidade do produto. Essa tabela será avaliada a cada seis meses e os agricultores não podem vender fora dela.

Ainda sobre o preço dos produtos, vários agricultores nos relataram em conversas mantidas na feira que os preços são fixados e mantidos por vários meses independente do período ser bom ou ruim para o cultivo dos mesmos. As intempéries da agricultura não poderiam assim transferidas automaticamente para os produtos.

Em relação à apresentação dos feirantes, eles devem usar camisa branca, bata, boné ou bandana, lenço e crachá padronizados; ter bom comportamento, serem simpáticos, sensíveis e sempre colocando o cliente em primeiro lugar; manter o máximo de respeito e civilidade.

Quanto às barracas, as famílias podem utilizá-las de forma individual ou coletiva, ser padronizada, mantendo limpa e em bom estado de conservação.

Estas são algumas das regras que norteiam o comportamento dos agricultores no momento de comercialização de seus produtos no Espaço Agroecológico das Graças.

Rafael comentou sobre as formas de se garantir o cumprimento dessas regras e disse que

[...] na feira a coordenação faz uma observação, além dos próprios companheiros, na comunidade é a associação e os demais sócios, além da fiscalização realizada pela assembleia e se houver a necessidade a coordenação também a faz.²³³

Nesse sentido, a feira que se realiza todos os sábados é, antes de tudo, o lugar onde se cristaliza e/ou ganha vida, um conjunto de esforços por parte desses agricultores, que se inicia muito antes de sua realização. Estes agricultores precisam equacionar seu tempo de forma tal que possam estar participando não apenas das atividades que envolvem o processo produtivo em suas roças, mas também das

²³³ *Id.*

atividades que envolvem a realização da feira, por meio das reuniões promovidas pela organização da feira (quando os organizadores da feira definem a pauta das assembleias), bem como das assembleias dos agricultores, onde todos associados se encontram com os organizadores para discutirem os gargalos e as possibilidades da feira. Também precisam administrar o envio dos produtos, organizar a montagem e a desmontagem das barracas na feira, limpam o espaço onde a mesma acontece antes e depois de sua realização, enfim, assumir o papel de vendedor/comerciante daquilo que produziu.

A feira é uma das frentes de atuação dos agricultores, além da roça e das associações, e tais frentes são vividas de forma tensa e diferenciada pelos agricultores. Tem agricultores que não frequentam a feira, sendo representado pelos filhos. Tem filhos que participam apenas da feira e somente em situações de emergência (doença dos pais) eles trabalham na roça. Tem agricultores que não participam das assembleias sendo representado pelos filhos. A tensão se dá, por exemplo, na falta dos agricultores ou representantes nas assembleias. Isso tem gerado descontentamento pelos que costumam frequentá-las com assiduidade. Nas assembleias que participamos, pudemos perceber que esse é um ponto recorrente, que sempre é cobrado por parte dos agricultores que esses faltosos sejam punidos, mas temos percebido também que os associados tem tido dificuldades de aplicar essas punições mesmo ela estando prevista no regimento interno da feira.

De qualquer forma, essas associações geraram um ambiente de discussão onde os agricultores trocam informações sobre o que vem acontecendo com o grupo, este ambiente precisa ser fortalecido, pois se trata de um espaço político/administrativo onde os agricultores participam não apenas como membros associados, mas como aqueles que ocupam posições chaves como a de diretor, a de coordenador nos órgãos deliberativos e administrativos e, juntos, tomam as decisões necessárias ao funcionamento da feira refletindo alto grau de organização e empoderamento dos mesmos.

Assim, do ponto de vista organizacional, podemos dizer que a feira coloca o agricultor em situação permanente de poder se posicionar, as assembleias de agricultores e reuniões da coordenação pressupõem a livre expressão de seus membros e a tomada de posição, o que confere a essa organização um caráter participativo. Ela valoriza os seus membros ao possibilitar direito de fala e voto. Nessas reuniões, são discutidos os problemas enfrentados pelos agricultores tanto

na produção (se de forma correta, sem agrotóxico) como na comercialização (organização do espaço da feira, seleção dos produtos enviados e exposição dos mesmos) e são, também, pensadas coletivamente as possíveis soluções para os problemas levantados.

As regras que servem de parâmetros para o comportamento econômico dos agricultores que fazem a feira Espaço Agroecológico das Graças são vistas aqui como elementos da estrutura das relações sociais vivenciadas na mesma, são, em nosso, entender um conjunto de intenções que, na prática, se realizam de forma tensa, uma vez que a sua execução não se dá sem conflitos, sem contradição. O que não significa dizer que tais regras sejam impraticáveis, mas que as mesmas necessitam de uma postura vigilante por parte daqueles que as assumiram e que com elas estão envolvidas para que as mesmas sejam cumpridas. A tensão, por exemplo, pode ser vista na relação existente entre competição e cooperação. Estes são elementos respectivamente evitados e estimulados, mas em nossa perspectiva não são aspectos da vida social atingidos em sua plenitude, estando mais com algo a ser perseguido cotidianamente pelos agricultores tanto no processo de produção como no da comercialização.

Granovetter²³⁴ destacou que estes arranjos institucionais podem até contribuir para gerar um ambiente marcado pela confiança, mas eles não a produzem, ao contrário, atuam como substitutos funcionais, por isso o autor privilegia mesmo é a extensão na qual as relações pessoais concretas e as obrigações inerentes a ela desencorajam a má fé. Por isso, a potencialização e relativização dos arranjos institucionais aparecem em nossa análise e isso por entendermos que esses arranjos contribuíram para o enraizamento (*embeddedness*) das relações, ou melhor, na capacidade dos agricultores de firmar relações duradouras, relações pessoais concretas, gerando um ambiente de confiança e desencorajando a má fé, embora tenhamos que considerar que esses esforços precisam ser permanentemente renovados.

Nessa perspectiva, olho para a história de vida da feira e percebo que ela registra alguns acontecimentos extremos de punição para aqueles que buscaram burlar as regras de produção e comercialização formulada pelo grupo. Um dos casos

²³⁴ GRANOVERTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. In. MARTES, A, C. B. (Org.). Redes e sociologia econômica. São Paulo: EDUFSCAR. 2009

é lembrado com muita tristeza, pois envolve uma pessoa muito querida pelos agricultores, que terminou se desligando do grupo em função do comportamento oportunista de um genro seu que, num determinado momento, começou a quebrar os laços de confiança construído com o grupo quando este passou a comercializar na feira produtos oriundos da agricultura convencional, comprados na CEASA do Recife. Este agricultor foi punido e com a desconfiança de que teria sido a esposa que o denunciara, ele a agrediu com facadas e ela faleceu.

Nas entrevistas e conversas feitas com os agricultores perguntou-se sobre a questão do descumprimento das regras de funcionamento da feira e eles falaram que hoje estaria faltando pulso firme por parte dos coordenadores da feira para que fossem cobradas e observadas às mesmas, foi dito também que no início, com a presença de Silvana e Cacá da AMA-Gravatá, assim como Marcelino do Centro Sabiá, as exigências eram maiores e eles ficavam acompanhando, observando e orientando os associados para o não descumprimento das regras. Hoje isso não tem acontecido, o que, na visão de muitos dos agricultores que conversei, tem gerado problemas como, por exemplo, na dificuldade que os organizadores da feira têm de fazer com que aqueles que têm colocado seus produtos expostos nas caixas em cima dos tripés, os quais ficam no meio da rua e não devem comprometer a circulação dos consumidores na feira, assim como punir se houver o descuido de alguns com a limpeza do espaço e a apresentação pessoal dos agricultores.

São questões aparentemente simples, mas tem sido problemático resolvê-las. Nas observações já comentadas e nas conversas tidas com os agricultores sobre as mesmas, percebe-se, por exemplo, que o problema da exposição dos produtos tem gerado também certo mal estar entre os agricultores/vendedores por alguns acreditarem que não é por que um agricultor tem mais produtos que outros, que ele deve estar expondo todos de uma só vez. Que se leve sua produção, mas que ela seja exposta gradativamente, que seja repostado aquilo que foi vendido, o resto deveria ficar guardado na barraca. Com isso evitaria que aquela forma de exposição criasse um impacto visual que pudesse ter efeito na escolha dos consumidores sobre qual barraca comprar. Ele pode terminar preferindo aquela que demonstra ter mais que a do seu vizinho, promovendo então direta ou indiretamente um clima de competitividade interna no grupo. Algo que é visto como indesejado e por isso combatido.

A competição entre os agricultores tem sido combatida, por exemplo, por meio do tabelamento dos preços dos produtos. Essa é uma estratégia muito significativa, mas não está imune ao comportamento oportunista que alguns possam ter. O tabelamento do preço se faz pelo reconhecimento de que o produto pode oscilar entre o preço mínimo e o máximo dependendo de seu tamanho e de sua quantidade. O agricultor não pode comercializar na feira sem considerar essa regra, mas nas observações feitas e nas conversas que tivemos com alguns dos agricultores percebemos que em algumas situações existem agricultores que terminam praticando a “queima” (vendendo no preço abaixo do tabelado) de seus produtos. Este problema foi colocado por um agricultor na assembleia dos agricultores da feira realizada no dia cinco de julho deste ano,²³⁵ mas, pelo que percebemos, não teve maiores repercussões.

A limpeza do espaço onde a feira acontece também tem sido vista como problema, uma vez que muitos dos agricultores que conversei falaram que uma das diferenças que se tinha entre a feira Espaço Agroecológico das Graças e as outras existentes no Recife estava no item limpeza. O agricultor agroflorestal Jones, por exemplo, disse nas conversas que tivemos que a manutenção da limpeza do espaço era fundamental para não despertar nos clientes a ideia de que aquela feira estava deixando o bairro feio e sujo. Que os agricultores estavam se descuidando da feira e de seus produtos. Essa preocupação de Jones revela na verdade algo de suma importância ao grupo de agricultores feirantes que é o estabelecimento de uma relação de boa vizinhança e de aceitação dos mesmos pelos consumidores e moradores do bairro onde a feira se instala todo sábado.

Na assembleia já referida, Marcelino chegou mesmo a fazer menção explícita sobre a barraca do agricultor Catonho, exemplificando por meio dela a falta de cuidados que se estava tendo com a manutenção da limpeza no Espaço Agroecológico das Graças, dizendo que o agricultor deveria dar um destino mais adequado aos cocos já vendidos. As cascas dos cocos estavam sendo deixados no chão, seria preciso armazenar os já consumidos em sacos ou tonéis para que não ficassem expostos, sujando a rua e a barraca. Catonho sorriu diante dos comentários de Marcelino e deu sequência a reunião. No sábado seguinte, fomos à

²³⁵ A assembleia foi realizada na sede da Associação AMA Terra em Gravata, tendo sido iniciada às 09h e finalizada 13:00h.

feira e tivemos o cuidado de observar a barraca questionada na assembleia e lá vimos que o problema não tinha sido solucionado.

Outro ponto discutido na assembleia supracitada - também já fora por nós conversado com alguns dos agricultores - é a forma de apresentação dos agricultores na feira. Hoje, alguns acreditam que as exigências sobre esse ponto estão deixando a desejar. A agricultora Lurdes de Chã Grande, por exemplo, lembrou que, anos atrás, ela teria sido, de forma muito sutil, repreendida por estar na feira atendendo seus clientes de unhas pintadas. Ela comentou que isso se deu numa das reuniões que os agricultores costumam fazer logo quando acaba a feira. Na época Silvana Sabadel era uma das pessoas que mais observava essas questões e comentou que não seria bom trabalhar de unhas pintadas ou de cabelo solto. Lurdes, disse que ficou meio triste, mas reconhecia a importância desses cuidados. Hoje ela diz que sempre procura não repetir o que foi feito, mas, ao mesmo tempo, comenta que algumas coisas terminam sendo feitas pelo agricultor mesmo sabendo que não pode. Exemplo disso seria trabalhar com sandálias de dedo. Ela disse que isso não é recomendado, mas fala que essas são mais confortáveis para se passar tanto tempo em pé.

Na assembleia do dia cinco de julho do ano corrente, o tema da apresentação dos agricultores/vendedores na feira foi colocado em pauta. Na verdade eles discutiram sobre a confecção de novas batas para os feirantes, pensando já na comemoração dos quinze anos da feira no próximo dia dezesseis de outubro. Alguns se posicionaram dizendo que as que estavam usando já estavam velhas, rasgadas, que estavam realmente precisando, mas falaram também que eles deveriam ter muito cuidado com a contratação da pessoa que iria fazer as novas batas, uma vez que, na última vez que fizeram, eles tiveram problemas, pois a pessoa não fez de forma adequada, o tecido era ruim, se estragaram rápido e isso custara muito dinheiro. Esse custo com as novas batas revelou certa preocupação por parte de alguns agricultores, embora eles reconhecessem a necessidade de se trocarem as batas atuais. Nesse momento ficou claro que a manutenção de uma boa aparência exige um investimento em dinheiro e que os agricultores teriam que arcar com esses custos.

Os quatro exemplos acima expostos demonstram que o cumprimento das regras e obrigações estabelecidas pelo próprio grupo de agricultores agroecológicos em questão para que a feira pudesse funcionar dentro de um padrão mínimo de

organização tem tido dificuldades de se efetivar e isso se dá pela forma como as regras têm afrouxado, num processo que percebemos ter como causa a acomodação dos membros da feira num quadro que eles mesmos apontam e do qual despontam as relações pessoais entre os agricultores, a rotina própria da feira e a forma de atuação dos coordenadores da feira.

O comprometimento dos agricultores com o grupo, sentimento de pertença e os laços sociais por eles tecidos ao longo desses quase quinze anos de feira, tem gerado, a meu ver, um ambiente extremamente cordial, mas também inviabilizador das tomadas de decisões capazes de resguardar o grupo de comportamentos não desejados pelos integrantes da feira. Comportamentos oportunistas no sentido de prevalecimentos de interesses pessoais em detrimento do grupo são mínimos no grupo analisado, mas são presentes e isso ficou evidenciado nos exemplos acima analisados.

A rotina vivida na feira também pode jogar contra as práticas de comercialização, uma vez que ela pode implicar numa mesmice, exigindo então uma postura crítica e inovadora por parte daqueles que fazem a feira (embora tenhamos que reconhecer que, ao final da feira, o grupo costuma se reunir para tratar de questões ligadas aos acontecimentos do dia ou que estejam em processo de decisão) já que antes de tudo estamos diante de um espaço de compras, de comercialização que mesmo tendo sua especificidade por ser uma feira livre, um mercado de proximidade, ela precisa estar atenta aos apelos de mercado, ligados à praticidade, higiene e qualidade dos produtos (que não se resume, embora seja seu grande diferencial, ao fato de não usar agrotóxico ou qualquer componente químico na adubação).

A atuação dos coordenadores da feira se insere nesse contexto das relações sociais construídas pelo grupo de agricultores envolvidos com a feira e da rotina vivida nesta mesma feira. Por ser ao mesmo tempo agricultor, vendedor e coordenador, o agricultor que assumir essas frentes de atuação terá uma percepção privilegiada do processo, no sentido de que ele vivencia todas as suas fases, mas também correrá o risco de se perder na mesmice imposta pela rotina e nas relações pessoais vividas no grupo, inviabilizando o distanciamento necessário para as tomadas de decisões sobre o andamento dos trabalhos e os investimentos necessários para o funcionamento e a realização da feira.

Esses três indicadores levam a uma acomodação dos agricultores a uma situação onde a feira como seu principal espaço de comercialização não consegue se projetar no bairro com mais vigor e visibilidade, justamente num momento onde existe um processo de expansão das feiras ecológicas no Recife. As relações pessoais entre os agricultores são vividas de forma tranquila e respeitosa, mas numa perspectiva onde o conflito deve ser evitado ao invés de ser explorado como forma de se repensar como ator social em interação e participe de um projeto maior que é a própria feira.

Em sua acepção mais ampla, conflito significa choque de ideias, de atitudes, de sentimentos ou de interesses. Ele é inerente às relações humanas, mas é quase sempre percebido como algo negativo que pode criar um clima de desconfiança e suspeita que venha a aumentar a distância entre as pessoas e, assim, desmotivá-las, excluí-las ou desviá-las dos objetivos estabelecidos pelo grupo.

Um conflito, segundo Borisoff e Victor²³⁶, é visto como uma luta expressa entre pelo menos duas partes interdependentes, que percebem que seus objetivos são incompatíveis, as compensações reduzidas e que a outra parte os impede de atingir seus objetivos.

Os conflitos são relações divergentes de acordo com Stacey²³⁷ e envolvem dois elementos fundamentais: o comportamento (a forma de relacionar-se) e as metas (o que se quer alcançar). Nesta perspectiva, o conflito ocorre sempre dentro de um processo de interdependência entre as partes conflitantes e é o resultado da diversidade que caracteriza nossos pensamentos, atitudes, crenças, percepções, sistemas e estruturas sociais. A interdependência, no caso dos agricultores, se dá pela forma do arranjo associativista praticado pelos mesmos, com o objetivo de produzir e comercializar um produto ecologicamente saudável, sem agrotóxico e com o menor impacto possível sobre a natureza e a vida dos consumidores, assim como pela relação estabelecida com os consumidores - estes consumindo um produto diferenciado-, gerando um retorno financeiro aos investimentos feitos pelos agricultores e, assim, garantindo a continuidade da prática produtiva e o retorno dos

²³⁶ BORISOFF, Débora; VICTOR, David A. *Gestión de conflictos: un enfoque de las técnicas de comunicación*, A Dias de Santos S/A, 1999.

²³⁷ STACEY, Ralpf. *A gestão do caos: estratégias e dinâmicas de negócios num mundo imprevisível*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1994.

mesmos à feira. A quebra desse princípio por parte de um deles pode gerar dissensões indesejáveis.

Mas os conflitos também podem contribuir, segundo Georgina Rangel, para

nos obrigar a buscar novas situações, nos ajudar a esclarecer nossas posições e pontos de vista e dar um impulso de energia e ação. O conflito pode trazer à tona problemas que, talvez, tenham estado hibernando há anos; da mesma forma, pode produzir melhores ideias e impulsionar a criatividade e as relações.²³⁸

Nesse sentido, temos que as dificuldades vividas pelos agricultores no sentido de cobrar dos mesmos o cumprimento de algumas regras básicas de funcionamento da feira, não é estranha à vida em sociedade, as relações sociais vividas pelos agricultores no espaço da feira podem ser compreendidas como estando sendo forjadas por uma estrutura de mercado intencionalmente produzida, embora não se possa dizer que tudo que se passa no espaço da feira esteja sobre o controle de seus partícipes, isto porque, como destacou Granovetter²³⁹, as atividades econômicas estão moldadas pela intermediação de obrigações e interesses sociais, estes, são elementos da estrutura social que possibilitam a imersão (*embeddedness*) da ação econômica na vida social dos atores econômicos em interação, o que por sua vez não se faz sem conflitos, dependência e imprevisibilidade.

A seguir, analisa-se como os consumidores da feira Espaço Agroecológico das Graças vivenciam esse espaço e se, com os objetivos dos agricultores em construir um espaço de comercialização diferenciado de outros existentes na cidade baseada que estava na promoção de uma ação econômica que não se limitava apenas na busca do lucro - mas também na construção de um *ethos* socioambiental presente tanto nas práticas produtivas como nas da comercialização dos agricultores/vendedores -, conseguiu produzir a imersão (*embeddedness*) desse espaço de comercialização e sua lógica na vida social dos consumidores da feira.

²³⁸ RANGEL, Georgina. *Respondiendo al conflicto*. Woodbroke Colleg, Birmingham: England, 1996, p. 34.

²³⁹ GRANOVETTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. In. MARTES, A, C. B. (Org.). *Redes e sociologia econômica*. São Paulo: EDUFSCAR. 2009

4.3 Os Laços Sociais Firmados no Encontro entre Produtores e Consumidores do Espaço Agroecológico das Graças

Polanyi trouxe à tona os aspectos sociais que permeiam ou conferem sentido à ação econômica dos atores sociais, esforçando-se para desnaturalizar a ideia de que a economia e os mercados são fenômenos naturais, algo dado, desvinculados dos aspectos sociais da vida em sociedade e destacou que motivações não econômicas orientaram as ações de diferentes indivíduos em diferentes sociedades na forma de organizarem seus sistemas econômicos no que diz respeito à produção, distribuição e consumo de bens.

Tal perspectiva insiste na ideia de que a ação econômica é sempre socialmente enraizada (*embedded*), e é com base nessa perspectiva que passaremos a responder nosso problema de pesquisa e assim explicar as possibilidades de manutenção de um mercado construído pelos agricultores, que se propõe orientar-se pela promoção de uma ação econômica motivada por interesses que extrapolam o meramente financeiro e lucrativo, no contexto de uma sociedade onde os mecanismos de formação de preço se impõem como hegemônico.

Como praça de mercado que é, o Espaço Agroecológico das Graças se realiza em meio às múltiplas formas de interações entre os agentes econômicos que se encontram no momento da compra e da venda dos produtos alimentícios ofertados na feira. Compreender a natureza das relações estabelecidas neste contexto nos ajuda a explicar as razões que garantem a manutenção da feira em análise. Nesse sentido, mais do que analisar a rede de relações tecidas pelos diferentes agentes envolvidos com a realização da feira, este subitem do capítulo em pauta focará nas relações em si mesmas, como elas são vividas e percebidas por esses agentes econômicos. Essas relações são as chaves do entendimento do funcionamento e manutenção deste mercado.

Não se quer, com isso, reduzir a feira a um conjunto de relações sociais, mas tomar as relações sociais, como componente fundamental da rede de relações tecidas pelos agricultores e consumidores nos quase quinze anos que eles comercializam na feira, o que nos levou a identificar o contexto, evidenciar as características dos atores em interação e refletir sobre as estruturas que organizam o espaço onde as relações sociais estabelecidas entre os agentes econômicos em

interação são vividas e percebidas pelos mesmos, por meio dos sentidos e conteúdos produzidos por eles.

Carneiro²⁴⁰ salientou que a feira propicia o encontro sistemático de agricultores de comunidades rurais diversas, com os consumidores urbanos de diferentes bairros e estratos sociais do Recife. Juntos, percebemos que eles estabelecem laços que são, ao mesmo tempo, sociais. São vínculos sociais animados pelo respeito, confiança e reciprocidade, são relações de troca que entrelaçam o utilitário com o simbólico gerando um ambiente de sociabilidade onde a impessoalidade é minimizada.

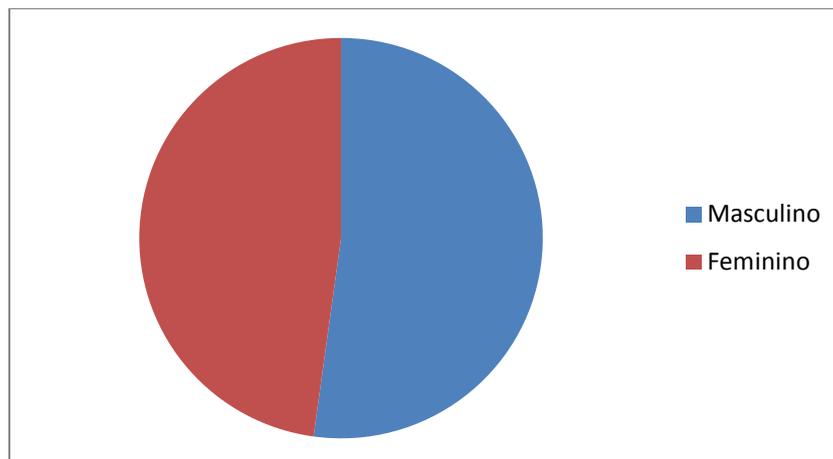
Mas quem são os consumidores que estão permanentemente construindo e vivenciando esses laços?

Por meio dos vinte e três questionários aplicados junto aos consumidores que frequentam a feira, buscamos identificar o seu perfil socioeconômico a partir de variáveis como: idade, sexo, estado civil, escolaridade, profissão e renda familiar, assim como suas impressões sobre sua vivência na feira, há quanto tempo frequenta a feira, como eles veem as relações sociais mantidas com os agricultores, se as mesmas extrapolam os limites da feira, o porquê de frequentar a feira e sobre o entendimento deles do que seria um produto alimentício baseado na agroecologia.

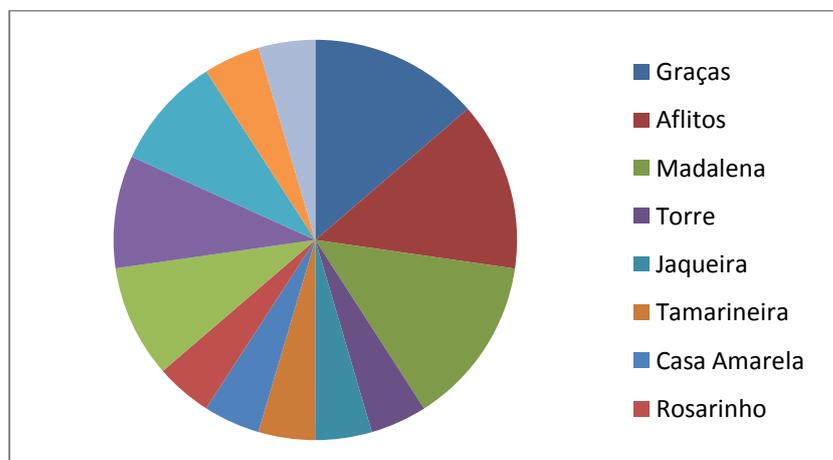
4.3.1 Os Consumidores do Espaço Agroecológico das Graças

Observou-se que, entre os entrevistados, 52.17% dos consumidores que responderam ao questionário eram do sexo masculino, enquanto que os outros 47.82% eram do sexo feminino.

²⁴⁰ CARNEIRO, Sonia Quintela. Agricultura familiar agroecologia, desenvolvimento local e participação da mulher: um estudo junto ao Espaço Agroecológico no bairro das Graças no Recife. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em extensão rural e desenvolvimento rural – POSMEX – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Maio de 2007.

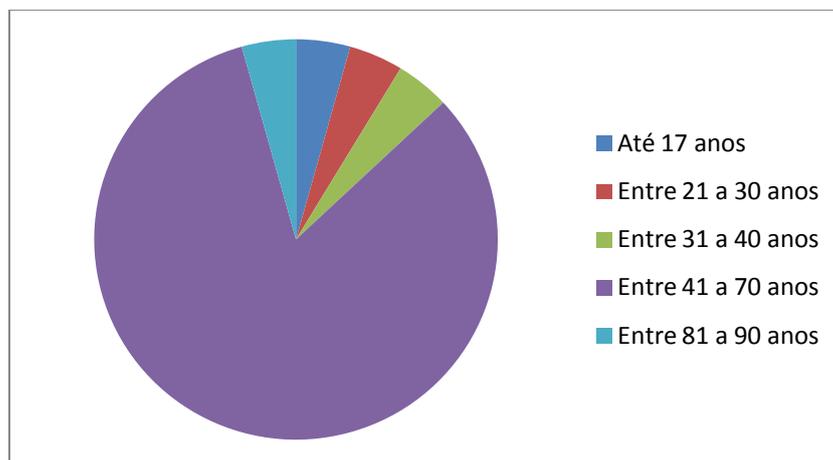
Gráfico 15 – Sexo dos Consumidores

Estes consumidores são oriundos de diferentes bairros da cidade de Recife, com predominâncias daqueles localizados na Zona Norte, que são vizinhos da feira e que detém um alto padrão socioeconômico e cultural como Graças, com 13.04%, Aflitos também com 13.04%, Madalena com 13.04%, Torre, Jaqueira, Tamarineira e Rosarinho com 4.34% cada, Casa Forte com 8.69%, e Casa Amarela com 4.34%, um pouco mais distante e ainda na Zona Norte encontramos consumidores de Campo Grande com 4.34%. Encontramos ainda, pessoas que se deslocam de Boa Viagem com 8.69%, estes saindo da Zona Sul para a feira. Da Zona Oeste encontramos consumidores saindo do bairro da Várzea com 8.69% e do Curado I com 4.34%.

Gráfico 16 - Localização/Bairro dos Consumidores

Em relação à faixa etária, entre os 23 entrevistados 4.34% tem faixa etária de 17 anos, 4.34% têm de 21 a 30 anos, 4.34% têm de 31 a 40 anos, 82.64% tem de 41 a 70 anos, e 4.34% entre 81 a 90 anos.

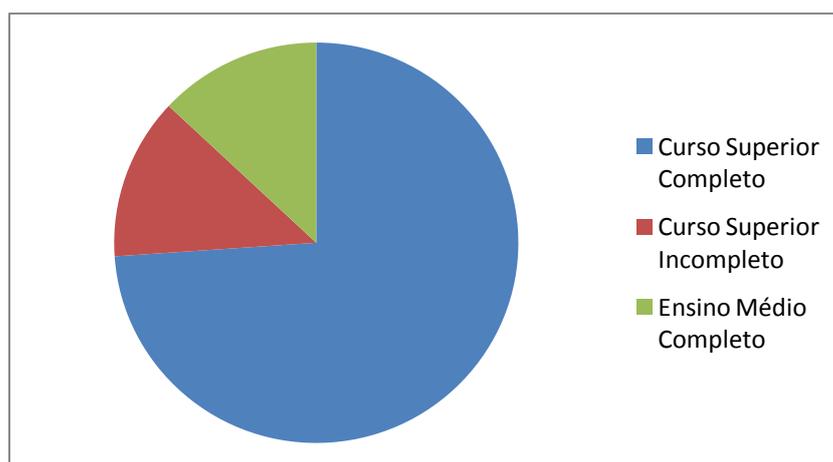
Gráfico 17 - Faixa Etária dos Consumidores



Fonte: Entrevista de campo, julho de 2012

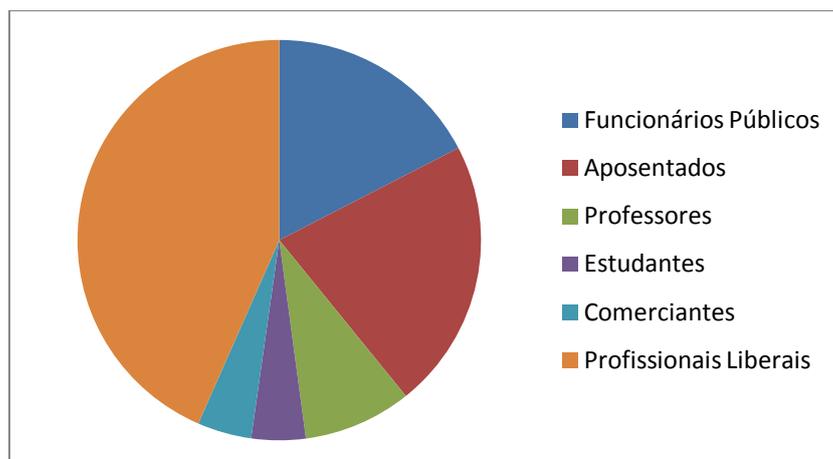
Quanto à escolaridade 73.91% dos entrevistados têm curso superior completo, 13.04% têm o superior incompleto e 13.04% o ensino médio completo.

Gráfico 18 - Escolaridade dos Consumidores



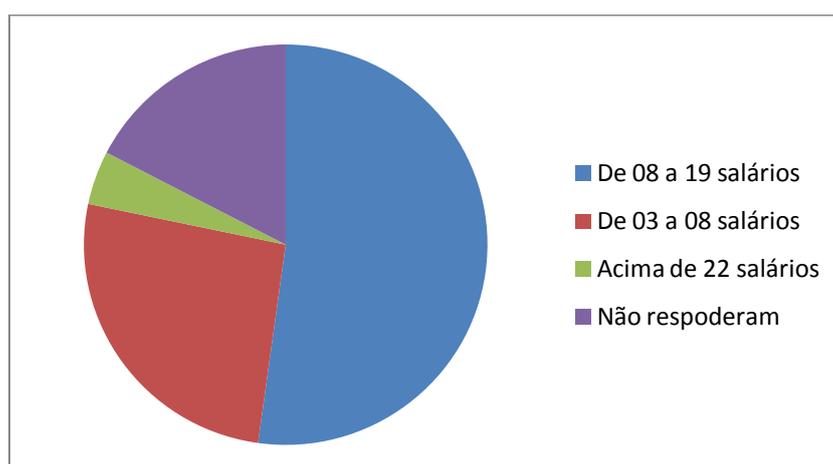
Fonte: Entrevista de campo, julho de 2012

Sobre a profissão exercida pelos consumidores, observou-se que 17.39% são funcionários públicos, 21.81% aposentados, 4.34% comerciantes, 4.34% estudantes, 8.69% professores, 43.43% profissionais liberais (Advogados, Relações Públicas, Empresários).

Gráfico 19 – Profissão dos Consumidores

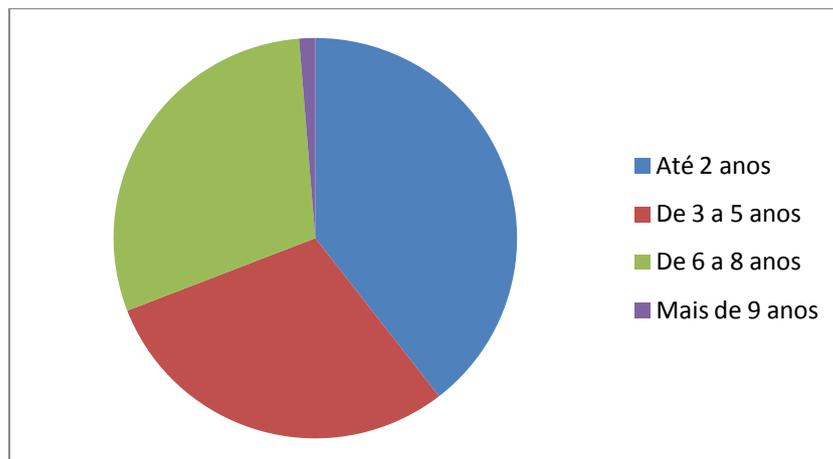
Fonte: Entrevista de campo, julho de 2012.

O rendimento médio mensal concentra-se nos que ganham de 08 a 19 salários mínimos cerca de R\$ 5.000 a R\$ 12.000, estando 52.19% dos consumidores nesta faixa. O segundo maior público está entre os que ganham de 3 a 8 salários mínimos cerca de R\$ 1.860 a R\$ 3.600 com 26.08% dos consumidores nesta faixa. Temos ainda 4.34% dos consumidores ganhando 22 salários mínimos cerca de R\$ 14.000 e 17.39% não responderam.

Gráfico 20 – Rendimentos Médio dos Consumidores

Fonte: Entrevista de campo, julho de 2012.

Dos 23 consumidores entrevistados, 56.83% disseram frequentar a feira há mais de 9 anos, 13.04% disseram frequentar a feira entre 6 a 8 anos, 13.03% entre 3 a 5 anos, e 17.39% frequentam a feira há até 2 anos.

Gráfico 21 - Tempo que Frequenta a Feira

Fonte: Entrevista de campo, julho de 2012.

Com as respostas dadas aos vinte e três questionários, aplicados pode-se traçar um perfil dos consumidores que contribuiu para demonstrar que a feira, ao longo desses quase quinze anos, vem sendo frequentada por uma população masculina e feminina de consumidores que moram no bairro onde a feira acontece, ou são vizinhos a ele, ou mesmo de partes mais distantes como os que saem da zona oeste da cidade para vir comprar, consumir e viver o ambiente da feira Espaço Agroecológico das Graças. Estes consumidores tem como idade média predominante, a faixa etária de quarenta e um a setenta anos (82,64%), são portadores de um elevado capital cultural já que 73.91% dos consumidores que responderam ao questionário declararam ter o ensino superior completo, sendo os profissionais liberais aqueles que mais se destacam em termos de profissão, pois representam 43.43% dos entrevistados, já 52.19% dos consumidores entrevistados declararam receber uma renda mensal de oito a dezenove salários mínimos, enquanto que 26.08% disseram receber de três a oito salários. Por fim, ficou demonstrado também que essa população de consumidores de produtos agroecológicos está construindo uma relação duradora com os agricultores da feira uma vez que 56.83% dos entrevistados afirmaram ser frequentadores da feira há mais de nove anos.

4.3.2 Os Laços Sociais Tecidos no Contexto da Feira

Em assembleia dos agricultores realizada no dia 10/07/12 em São Severino - distrito de Gravatá - a agricultora agroflorestal Lenir, em meio a uma discussão sobre a infraestrutura da feira, um dos pontos da pauta da reunião, no item sobre a higiene na feira, a agricultora fez uma explanação sobre os cuidados necessários de higiene dizendo que, assim, como os agricultores gostam de comprar em locais que se apresentem bem limpinhos, os clientes deles na feira também gostam e que por isso era preciso redobrar os cuidados, pois assim como os clientes precisam da feira, eles também precisam dos clientes.

Esta fala da agricultora Lenir já se fez presente em outros momentos de nossas conversas sobre a feira e ela sempre deixando transparecer sua preocupação em que a feira prestasse um serviço de qualidade aos os consumidores, que a feira tivesse higiene, praticidade, comodidade, boa aparência e organização. Na preocupação estava implícito o reconhecimento da existência por parte da Lenir de um contrato informal selado entre as partes envolvidas nas relações de trocas vividas na feira. Nessas relações existiria algo que, para Lenir, se mostra como fundamental ao funcionamento da feira que é a ideia de retribuir à presença dos clientes (aquele que compra seus produtos garantindo renda a ela) na feira, com uma boa apresentação dos produtos, da higiene pessoal e da limpeza do local onde a feira acontece.

Mauss, ao explicar sobre a reciprocidade e a dádiva nas sociedades arcaicas diz que:

É que o vínculo que a dádiva estabelece entre o doador e o donatário é demasiado forte para os dois [...] A dádiva, portanto, é ao mesmo tempo o que se deve fazer, o que se deve receber e o que, no entanto, é perigoso tomar. É que a própria coisa dada cria um vínculo bilateral e irrevogável [...].²⁴¹

E esse sentimento de dever e desejo de retribuir o que vem recebendo também aparece nas falas da agricultora Lurdes do distrito de São Severino, município de Gravatá. Em nossas conversas na feira, e nas que tivemos quando a mesma respondeu ao questionário e foi entrevistada sobre suas práticas produtivas

²⁴¹ MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 286.

e de comercialização, ela sempre dizia que a feira representava tudo pra ela. Se tirasse a feira dela ela nem saberia o que fazer. Lá ela disse que tinha encontrado respeito e reconhecimento por parte dos seus clientes, principalmente os oito que frequentavam sua barraca de forma sistemática há mais de doze anos. Disse que isso estava ligado ao fato deles produzirem alimentos de qualidade, o que ela faz como um compromisso.

Na perspectiva de Mauss (2003), a obrigação de dar está sempre acompanhada de outras duas, receber e devolver, se isso não acontecer, a relação ou o laço social se rompe.

França Filho e Dzimira (2004, p. 156), comentando Mauss, irão dizer:

Os objetos doados, aceitos e devolvidos não se ‘trocam’ por serem úteis, nem em razão da sua equivalência monetária, mas por significarem, simbolicamente, a vontade de construir vínculo ou relação (*faire lien*). Enquanto na relação mercantil o bem conta mais que o vínculo, na dádiva, o vínculo/relação conta mais que o bem, está mesmo a serviço do vínculo. [...] Assim sendo, o que está em jogo na dádiva não é o valor de uso – que se mede pela utilidade dos bens ao satisfazerem nossas necessidades -, ou o valor de troca – resultado da confrontação entre oferta e demanda de um bem num mercado (o preço como medida de valor) -, mas sim o valor das pessoas.

Isso pode ser visto nas respostas dadas aos questionários aplicados junto aos consumidores da feira Espaço Agroecológico, quando os mesmos foram solicitados a falar sobre as razões que levam a comprar os produtos do Espaço Agroecológico, como, por exemplo, Rosineide Cordeiro que disse ser pela “diversidade e pela relação já estabelecida com os/as produtores/as”, bem como, Fernanda Cavalcanti que disse: “Melhores produtos, perto de casa e os feirantes se tornam amigos”.

Nesse contexto, se vive uma forma de troca que desfaz aquele problema posto por Polanyi²⁴² onde nas sociedades de mercado autorregulado se vive uma inversão de valores, pois em vez da economia estar embutida nas relações sociais, são as relações sociais que estão embutidas no sistema econômico. Aqui as relações de troca são orientadas por um compromisso de retribuir o que é dado. São relações duradouras de mais de doze anos. Na feira, observou-se que os clientes não apenas paga, pega e levam os produtos desejados, existe nesse momento

²⁴² POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, passim A grande transformação: as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, passim 2012.

trocas de cordialidades, de informações, de respeito. Os clientes que por ventura não vieram na feira anterior fazem questão de dizer que faltou por que teve que viajar, ou quando não, já avisam que em tal final de semana eles não irão comparecer. Por várias vezes, pode-se perceber que clientes que, ao chegar a determinadas barracas, trocavam fortes abraços com os agricultores vendedores, numa relação de cumprimento que denotava muito respeito, reconhecimento e amizade.

Esse tipo de postura contribui para a criação de laços sociais marcados pela afinidade, confiança e respeito, naquilo que o consumidor Edmar José chamou de parceria quando foi solicitado a descrever como era sua relação com os agricultores/feirantes. Ele disse: “É uma parceria de amigos que produzem com amigos que consomem”.²⁴³

Oferecer uma feira nos moldes daquela reclamada pela Lenir e pela Lurdes é poder retribuir aos consumidores algo recebido. É sentir que não se deve ficar em dívida com o consumidor, e assim, retribuir o que recebeu por meio dos cuidados com a higiene e a organização da feira, assim como com a qualidade dos produtos nela comercializados. Esta perspectiva das agricultoras contribui para a imersão das variáveis sociais na ação econômica em questão. É justamente aqui que percebemos a construção e permanente reafirmação dos laços sociais entre agricultores e consumidores do Espaço Agroecológico das Graças.

Os laços sociais tecidos no contexto da feira ou os vínculos estabelecidos entre os diferentes atores em interação estão conformado uma ação econômica imersa em relações sociais baseadas na confiança, na solidariedade e na reciprocidade. Estas relações são animadas por uma troca que está para além dos produtos comercializados na feira, se considerarmos que os mesmos comunicam um sentido de bem-estar, de qualidade de vida, disseminados pelos agricultores e pelo enfoque agroecológico e assumido pelos consumidores (conscientes ou inconscientemente), muito embora tenhamos que reconhecer que a opção pela agricultura agroecológica se deu pela necessidade dos agricultores criarem estratégias para saírem das condições desfavoráveis que os mesmos enfrentavam, seja na produção (pouca variedade e muitos riscos), seja na comercialização (atravessadores) acrescida de uma situação de pobreza por eles vivida.

²⁴³ Entrevista realizada em julho de 2012 com Edmar José.

Esse sentido de bem-estar, de qualidade de vida se expressa nas concepções criadas sobre a natureza como um ser vivo, que necessita de práticas produtivas em sinergia com a própria lógica de funcionamento da natureza para que, assim, se possa minimizar os impactos da ação do homem sobre essa mesma natureza (estas concepções estão presentes nos nomes dados às associações dos agricultores como Terra Viva, Terra e Vida e a Ama-Terra). Na outra ponta, há consumidores que se preocupam tanto com a qualidade do que se consome, como também com o meio ambiente e com a possibilidade de estar contribuindo para o fortalecimento da agricultura familiar, como podemos ver nas respostas dadas ao questionário pelos consumidores como, por exemplo, João Ricardo. Ao ser questionado sobre se fazia diferença comprar na feira ao invés de comprar nos supermercados e mercados municipais ele disse:

Sim, melhor qualidade dos produtos, maior relação de proximidade, melhor ambiente, dinamização do espaço público, ajuda a permanência da atividade agrícola de base familiar.²⁴⁴

A qualidade reclamada pelos produtos produzidos pelos agricultores ganhou reconhecimento não apenas do poder público²⁴⁵, mas também dos consumidores que sempre afirmam que sua preferência pela feira em detrimento de outros espaços se dá em razão da qualidade dos produtos, reafirmando, assim, um laço social baseado na confiança no que está sendo ofertado pelos agricultores. Confiança essa que, por sua vez, foi construída paulatinamente, e que aparece tanto na relação entre os próprios agricultores, por acreditarem que todos produzam e comercializem um produto com uma qualidade correspondente aos princípios da agroecologia, bem como nos consumidores que nutrem a certeza de se estar consumindo um produto de qualidade.

Tal confiança foi construída ao longo de quase quinze anos de feira. Foi com a capacidade dos agricultores de obter e inspirar confiança, de negociar, fazer cumprir contratos, estabelecer e realizar direitos que o Espaço Agroecológico da

²⁴⁴ Entrevista realizada em julho 2012 com João Ricardo.

²⁴⁵ Os agricultores foram reconhecidos como produtores orgânicos desde 2011, quando foram certificados, recebendo uma declaração de cadastro de produtor vinculado a OCS, na Divisão de Política, Produção e Desenvolvimento Agropecuário – DPDE/SFA/PE. Autorização baseada na lei nº 10.831 de 23/12/2003 e regulamentada pelo decreto nº 6.323 de 27/12/2007. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento – MAPA. Superintendência Federal de Agricultura em Pernambuco.

Graças conseguiu sua imersão na vida econômica e social de seus consumidores. Foi a capacidade de gerar aquilo que Swedeberg, citado por Abramovay (2004), destacou nas suas análises sobre mercados, ou seja, as formas recorrentes e padronizadas de relações entre atores, mantidas por meio de sanções (previstas no regimento interno da feira) que gerou esse ambiente de troca mercantil onde valores sociais ganham destaques como mediadores dessa troca.

São aspectos que reverberam nas impressões que os consumidores têm sobre sua vivência na feira, como um espaço onde se pode confiar no que se consome, um espaço onde a amizade e o respeito predominam, como se pode ver mais uma vez nas respostas dadas aos questionários quando solicitados a falar sobre as razões que levam a comprar os produtos do Espaço Agroecológico:

É uma feira muito tradicional e confiável. Acredito que os produtos são de fato orgânicos. Os feirantes daqui são muito atenciosos, bem humorados e parecem gostar do que fazem.²⁴⁶
A garantia da produção orgânica e a amizade dos produtores e feirantes.²⁴⁷

A certeza de saber quem planta e como. A confiança estabelecida nessa relação de anos.²⁴⁸

Saber a procedência, confiança no produto, comodidade por ser perto de casa ou para os que moram longe (os que saem da zona oeste e zona sul para ir à feira), saber que lá vai encontrar produtos mais saudáveis foram respostas dadas pela opção de comprar e viver o Espaço Agroecológico das Graças, consumindo alimentos que os consumidores definiram como sendo:

São produtos de forma natural, por meio do sistema agroflorestal ou orgânico, sem uso de adubação química, agrotóxicos.²⁴⁹
Alimentos sem produtos químicos, agrotóxicos e que também fazem parte um projeto mais amplo de defesa da agricultura familiar.²⁵⁰
São alimentos ricos em nutrientes, em alegria, em harmonia com o ambiente, que são fruto da maior organização sociopolítica de agricultores de base familiar.²⁵¹

²⁴⁶ Edmar Neto, em entrevista realizada em julho de 2012.

²⁴⁷ Murilo Silva, em entrevista realizada em julho de 2012.

²⁴⁸ Maria Carvalho, em entrevista realizada em julho de 2012.

²⁴⁹ Edmar Neto, em entrevista realizada em julho de 2012.

²⁵⁰ Rosineide Lordeiro, em entrevista realizada julho de 2012.

²⁵¹ João Souza, em entrevista realizada em julho de 2012.

Pelo exposto, percebe-se que os consumidores estão atentos não apenas com o produto em si, sua qualidade e procedência, nem apenas com as melhorias em suas próprias qualidades de vida. Para eles, os produtos comunicam algo que diz respeito a um projeto maior de uma boa parcela da sociedade brasileira que vive e trabalha no campo que são os agricultores familiares. Fica implícito para os consumidores que consumir alimentos com base no enfoque agroecológico é contribuir também para a permanência e a transformação desses agricultores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enxergar a economia como um processo historicamente instituído foi a grande contribuição de Polanyi para a análise da história das civilizações humanas, e uma perspectiva impulsionadora das análises da nova sociologia econômica, que construiu sua argumentação sobre os mercados salientando que os mesmos são instituídos, fruto das interações sociais entre atores sociais inseridos em contextos específicos, influenciando e sendo influenciado pelas relações sociais contínuas e suas instituições sociais.

Estes são elementos que podem contribuir para a compreensão de como que na atualidade os mercados capitalistas convivem com iniciativas de transação econômica não apenas monetária, mas também com objetivos de valorização sociocultural de um grupo. Esse parece ser o desafio a que se colocam os agricultores envolvidos com a produção e comercialização de produtos agroecológicos no Espaço Agroecológico das Graças em Recife/PE

Tal desafio, a meu ver, se dá pela capacidade que os atores sociais nele envolvido têm de se organizar socialmente, para produzir um alimento diferenciado, baseado numa forma de manejo mais sinérgico com o meio ambiente, gerando assim, um alimento com mais qualidade. Também está em jogo o enraizamento da praça de mercado Espaço agroecológico das Graças no cotidiano dos moradores do bairro, por meio de práticas produtivas e de comercialização animadas por uma perspectiva onde as relações econômicas monetárias experimentadas neste mercado, convivem com relações econômicas não monetárias como, solidariedade, cooperação, reconhecimento. É na promoção de uma ação econômica socialmente enraizada que esse espaço de troca pode diferenciar-se dos demais.

Neste sentido, a presente tese traz uma reflexão sobre o processo de construção e manutenção de uma praça de mercado por parte de agricultores agroecológicos, a partir de uma caracterização socioambiental do bairro onde se localiza a feira em questão, de uma breve caracterização desta feira, assim como uma análise das regras de funcionamento e dos laços sociais tecidos no espaço da feira.

Pode-se dizer que, com as iniciativas de uma produção ecológica, de uma comercialização direta aos consumidores - e de uma organização associativa e em

rede -, tais agricultores estão incorporando novas experiências as suas vidas e construindo uma realidade para eles diferenciada.

A agroecologia, na forma como se apresenta para os agricultores aqui analisados, vem pressupondo que os mesmos assumam diferentes papéis, como os de agricultor, gestor/administrador e comerciante. Estes reclamam conhecimentos e habilidades que os agricultores tiveram que construir minimamente para que pudessem desenvolver suas atividades dentro das novas exigências (mercado de proximidade), mesmo para as atividades que eles sempre desenvolveram- que era a agricultura.

As experiências aqui destacadas revelam, antes de tudo, um processo onde os agricultores analisados se lançam numa aventura que pressupõe o abandono de algumas práticas produtivas e de comercialização consideradas agora como inadequadas, e a adoção de novas práticas bem como a introdução de novas culturas no seu roçado.

Todo um conjunto de mudanças (nas práticas produtivas, nas culturas cultivadas, na forma de relacionar-se com a natureza, na forma de comercializar, nas condições materiais de vida) vem se processando desde o momento em que os agricultores tiveram contato com a agricultura agroecológica. A proposta em si traz um forte apelo para que os agricultores construam sua autonomia frente às diferentes formas de poder (político, econômico, mercados) que se apresentam em seus contextos locais, exigindo, que os mesmos venham a tomar decisões que possam garantir o enfrentamento das forças que os colocam em condições subalternas.

Os agricultores estariam, de tal modo, ampliando e aprimorando seu *saber-fazer* num contexto marcado por um diálogo permanente, seja com os mediadores seja com os consumidores. O conhecimento empírico dos agricultores estaria em pleno processo de ressignificação e expansão, exemplo disso está na adoção das novas culturas em seu roçado, assim como nas formas de organização social, sendo o associativismo em rede o principal arranjo institucional acionado pelos agricultores e agricultoras na busca do fortalecimento de suas ações, tanto para a proposição de projetos que possam viabilizar as mudanças exigidas pela agricultura por eles adotada, como na resolução dos possíveis problemas que eles possam enfrentar nos desdobramentos das ações ligadas à produção e comercialização de seus

produtos, bem como na melhoria do ambiente social onde os mesmos estão inseridos.

É possível dizer que tais agricultores e seu arranjo institucional associativo em rede estão fomentando práticas de produção, comercialização, consumo e organização que têm gerado a construção de um tecido social que se afirma pela forma como eles produzem (considerando o ritmo próprio da natureza), pela forma como eles se organizam (dando vez e voto aos seus membros associados que decidem coletivamente as ações a serem implementadas), pela forma como eles comercializam (num contato direto e prolongado com os consumidores) e pelos produtos consumidos (sem agrotóxico).

Este tecido social está em pleno processo de construção e, como tal, vem exigindo mudanças permanentes por parte dos envolvidos, uma vez que o mesmo pressupõe uma ressignificação das práticas produtivas (onde se coloca o respeito à vida e à natureza em primeiro plano), das práticas de comercialização (quando se busca ofertar um produto com valores agregados capazes de gerar um ambiente de troca que não se limita a um ato meramente monetário) e das formas de organização social (quando se abre espaço para que os associados participem de forma ativa nas decisões sobre as questões por eles assumidas).

Os agricultores estão construindo novas formas de ação a partir, tanto da construção de uma agricultura que se pretende a mais ecológica possível - por meio da minimização do impacto da ação do homem sobre a natureza - como de uma prática de comercialização que busque evidenciar os aspectos humanos e sociais da economia, contidos no momento da troca.

Com a caracterização socioeconômica dos agricultores e consumidores, assim como a caracterização socioambiental do bairro e da feira, realizamos uma análise sobre as condições sociais de construção e funcionamento dessa praça de mercado e os laços sociais tecidos no contexto da feira.

A feira, nesse sentido, foi o ponto de partida e de chegada, por isso recorreu-se a um recorte histórico que privilegia o momento de sua construção. Tal postura aqui assumida se deu pelo reconhecimento de que os agricultores têm uma história, um lugar e uma forma de perceber o mundo que precisa ser ressaltada numa análise como a que fora feita nesta tese.

A feira Espaço Agroecológico das Graças representa uma experiência de mercado aberta pelos agricultores e mediadores que pode estar sinalizando para a

afirmação de práticas de comercialização diferenciada das praticadas no mercado convencional, mesmo reconhecendo que esses agricultores se encontram num contexto vinculados à lógica de mercado capitalista, isto porque, mesmo que eles lancem mão do apelo a uma relação de proximidade com um sentido ecológico para mediar sua relação mercantil com os consumidores, o dinheiro ainda é o grande referencial, uma vez que parte dos produtos adquiridos para a realização da feira (sacolas plásticas, isopor, bancas para expor o produto na feira, as sementes, o esterco) são encontrados num mercado que se orienta pela lógica de formação de preços.

De qualquer forma, a feira também é regida por uma lógica que está para além dos mecanismos abstratos de preços preconizados pela economia ortodoxa, uma vez que a mesma, no momento de sua construção, se fez sob a influência de estruturas sociais conformadas por regras sociais formais e informais, capazes de não somente garantir seu funcionamento, mas de dar à feira uma especificidade que se concretiza no momento da troca, esta que não se encerra e nem se resume no/ao ato de dar o dinheiro e pegar a mercadoria (como acontece nos supermercados, mesmos que eles ofertem produtos orgânicos em suas gôndolas e prateleiras), mas de trocas de afetividades, respeito, consideração e da garantia de que os encontros, a amizade e a interação entre os agentes econômicos da feira irão continuar.

Não se quer dizer que são relações entre iguais, mas que a feira e seus princípios norteadores produziram um ambiente de troca onde os agentes econômicos em interação construíram relações duradoras, fomentadoras de um regime de troca orientado não apenas pelo aspecto monetário que a mesma comporta, mas também presidida pela amabilidade, respeito e reconhecimento, algo fundamental ao processo de enraizamento da feira no cotidiano desses agentes em interação e no próprio bairro onde ela se encontra.

Assim, pode-se salientar que o processo de produção e de comercialização desses agricultores agroecológicos não se resume a produzir bens materiais e fazê-los circular, mas que eles também estão produzindo e fazendo circular ideias, significados e valores. Com essa experiência com a feira, os agricultores estão adquirindo uma experiência em trabalhos coletivos que expressam uma capacidade de articulação, simultânea, entre uma racionalidade econômica baseada no apelo

socioambiental que fomenta e uma cultura política de organizações coletiva que prima pelo princípio do associativismo.

A questão monetária que perpassa esse grupo em sua vida cotidiana mais ampla não pode deixar de ser considerada até porque os mesmos estão inseridos numa sociedade capitalista assentada numa forma de mercado onde a ação econômica de seus agentes se baseia sempre na relação custo-benefício, mas o que se quis perceber foi como que a questão da competitividade e do lucro são enfrentadas por esses agricultores que enveredaram por uma proposta produtiva e de comercialização que em seus princípios buscam minimizar esses aspectos da vida social tão largamente difundido na sociedade capitalista contemporânea.

Os vínculos sociais estabelecidos entre os diferentes atores econômicos envolvidos com a feira Espaço Agroecológico das Graças podem ser percebidos pela forma como os agricultores/vendedores e os consumidores se reconhecem como participantes da construção de um espaço de vida. Um espaço de sociabilidade onde os que ali se encontram buscam assumir compromissos marcados pela reciprocidade e pela confiança. O primeiro quando persegue uma produção que impacte o meio ambiente da menor forma possível, gerando um alimento não artificializado e ofertando vida, enquanto que o segundo quando se consome esse produto e reconhece nele a qualidade desejada.

Na medida em que os consumidores se dirigem a esse mercado para comprar tais produtos, eles promovem uma ação que tanto tem rebatimento na melhoria de sua qualidade de vida, como também no próprio processo de produção vivido pelos agricultores e no tecido social que os mesmos estão fomentando.

Foi a busca por uma melhoria nas condições materiais de vida, assim como sua qualidade do ponto de vista da saúde, a organização de forma associativa para uma produção e uma comercialização direta aos consumidores, que fizeram com que os agricultores pudessem se colocar de forma mais contundente em sua localidades e na sociedade mais ampla, ganhando reconhecimento pelo que faz na condição de agricultores que são e contribuindo também para sinalizar se são mudanças mais amplas, uma mudança para o grupo envolvido diretamente com a feira e a percepção dos outros sobre eles uma vez que conseguiram agregar valor social e ambiental a seus produtos e construir um espaço de sociabilidade onde diferentes atores se encontram e vivenciam uma experiência de promoção da vida .

A feira Espaço Agroecológico das Graças, localizada no bairro das Graças, representa um espaço onde, ao mesmo tempo em que ele encerra o processo produtivo, quando seus produtos estão posto à troca, ele marca também o início de um novo ciclo, quando o agricultor assume um compromisso consigo mesmo e com os consumidores, no sentido de plantar e beneficiar os alimentos que serão novamente ofertados, renovando permanentemente aspectos da vida social desses agricultores que se entrelaçam com a vida dos consumidores que também retornam para aquele mesmo espaço na busca dos produtos e renovando, assim, seus laços de amizade e respeito pelos agricultores.

De qualquer forma, tanto a produção quanto a comercialização desses produtos, bem como a busca pela afirmação de seus atributos e a quebra da impessoalidade dos mercados convencionais, requerem uma postura vigilante por parte dos agentes econômicos envolvidos neste mercado, uma vez que tais elementos caracterizadores da feira são frutos de ações sociais e relações sociais em permanente construção, sujeitas às mudanças e intervenções internas e externas que podem jogar contra a proposta de se construir um ambiente para além do interesse mercantil, como, por exemplo, a introdução de alimentos não agroecológicos na feira, a entrada e permanência de outros comerciantes no seu entorno com produtos diversos ou com apelo ecológico sem ser, assim como a forma como os agricultores assumem e dialogam com os princípios da produção e da comercialização de seus produtos.

Prestes a completar quinze anos (16/10) a feira Espaço Agroecológico das Graças pode dizer que conseguiu construir, sim, um espaço de comercialização diferenciado, mas precisa também refletir sobre si mesmo, avaliando o que foi feito e o que não foi feito, onde ela pode chegar e como chegar. Esse é um momento que exige que os organizadores da feira, junto com os agricultores e parceiros, se fortaleçam ainda mais e que apontem novos rumos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Entre Deus e o Diabo: mercados e interação humana nas ciências sociais. TEMPO SOCIAL. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, v. 16, n. 2, p. 35-64, nov. 2004.

ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

ANDRADE, Manoel correia. *A terra e o homem do Nordeste*, São Paulo: Atlas, 1986.

ARAÚJO, Tânia; ARAÚJO, Tarcísio. Recife: Desenvolvimento e Desigualdade [CD-ROM]. Recife (PE). Desenvolvimento Humano no Recife: atlas municipal; 2005.

BARROS e SILVA, E. A. Inserção dos agricultores de base familiar no mercado da agricultura orgânica: o caso da associação dos amigos do meio ambiente - AMA/Gravatá-PE. Dissertação. Universidade Federal de Pernambuco. Mestrado em Gestão e Políticas Ambientais, Recife Abril de 2005,

BELICK, W. *Supermercado e produção: limites, possibilidades e desafios*. Anais XII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, Cuiabá, 2004.

_____. *Muito além da porteira: mudanças na forma de coordenação da cadeia agroalimentar no Brasil*. Campinas/SP: UNICAMP, 2001.

BENAVIDES, Zina Angélica Caceres. *Quinoa: a tradição frente ao desafio dos novos mercados de qualidade*. 2005. 359 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedades) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BITOUN J. O que revelam os Índices de Desenvolvimento Humano [CD-ROM]. Recife (PE). Desenvolvimento Humano no Recife: atlas municipal; 2005.

BONANNO, Alessandro. *Las características y perspectivas futuras de la globalización: el caso del sector agro-alimentario*. ESTUDOS DE SOCIOLOGIA, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, Recife, v. 9, p. 31-53, [2002].

_____. Alessandro. *A globalização da economia e da sociedade: fordismo e pós-fordismo no setor agroalimentar*. In: CAVALCANTI, J. S. B. (Org.). *Globalização Trabalho, Meio Ambiente*. Recife: Editora da UFPE, 1999.

BORISOFF, Débora; VICTOR, David A. *Gestión de conflictos: um enfoque de lãs técnicas de comunicación*. A Dias Santos S/A, 1999.

CARMO, Maristela S. do. A produção familiar como locus ideal da agricultura sustentável. In: *Agricultura em São Paulo*, SP, 45(1):1-15, 1998. (ISSN 0044-6793). Disponível em: <<http://dgta.fca.unesp.br>>. Acesso em 16 fev. 2010.

CARNEIRO, Sonia Quintela. *Agricultura familiar agroecologia, desenvolvimento local e participação da mulher: um estudo junto ao Espaço Agroecológico no bairro das Graças no Recife*. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em extensão rural e desenvolvimento rural – POSMEX – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Maio de 2007.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. *Agroecologia: alguns conceitos e princípios*. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CAVALCANTI, Helenilda Wanderlei de Vasconcelos. *Imaginário social e práticas sociais de saída da pobreza: o povoado de São Severino "dos Macacos"*. Tese - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo: 1999.

CAVALCANTI, Helenilda. AVELINO, Emília. Dimensão teórica da exclusão/inclusão e diferentes padrões de medidas intra-urbanas. Recife seus recortes:naturais e os inventados. In.: *Mosaico Urbano do Recife: exclusão/inclusão socioambiental*. CAVALCANTI, Helenilda. AVELINO, Emília. LYRA, Maria Rejane de Brito (Orgs.) Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2008.

CANTERLE, Nilsa Maria G. *O associativismo e sua relação com o desenvolvimento*. Francisco Beltrão/PR: Editora da Unioeste, 2004.

COMUNELLO, Felipe José. *Os movimentos nos mercados: movimentos de agroecologia em São Joaquim/SC*. 2010. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CRUZ, Antônio; SANTOS, Aline M. dos. A economia solidária e as novas utopias: permanências e rupturas no movimento histórico do associativismo econômico. In:

HESPANHA, P. Santos (org.). *Economia Solidária: questões teóricas e epistemológicas*. Coimbra: Almedina, 2011.

DEMO, Pedro. *Solidariedade como efeito de poder*. São Paulo: Cortez, 2002.

DIAS, Joana Filipa Dias Vilão da Rocha. *A Construção Institucional da Qualidade em Produtos Tradicionais*. 2005. 145p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

DINIZ FILHO, E. T. *et. al.*, A prática da compostagem no manejo sustentável do solo. *Revista Verde de Agroecologia e Movimento Sustentável*. Grupo Verde de Agricultura Alternativa (GVAA). Mossoró – RN – Brasil v.2, n2, p 27-36 Julho/Dezembro de 2007. Disponível em <<http://revista.gvaa.com.br>> Acesso em julho 2010.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, n. 115, p. 139-154, março de 2002, p. 147. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>> Acesso em setembro de 2009

EHLERS, E. A agricultura alternativa: uma visão histórica. *ESTUDOS ECONÔMICOS*, São Paulo, v. 24, especial, 1994 a.

_____. *Agricultura Sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma*. São Paulo: Livros da Terra, 1996.

_____. *O que se entende por agricultura sustentável?* São Paulo: USP, 161f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994 b.

FARRELL, J. G.; ALTIERI, M. A. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. Guaíba: Agropecuária, 2002. p. 592

FIANI, Ronaldo. Teoria econômica clássica e teoria marginalista. *REVISTA DE ECONOMIA POLÍTICA*, v. 10, n. 4, p. 10, out./dez. 1990.

FEIJÓ, Ricardo Luis Chiaves. Repensando a revolução marginalista: uma síntese da recente crítica historiográfica às interpretações do período. *ANÁLISE ECONÔMICA*, Porto Alegre, v.16, n. 30, set. 1998.

FONSECA, M. F. de A. C. *A institucionalização dos mercados de orgânicos no mundo e no Brasil: uma interpretação*. 2005. 468 f. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade federal do Rio de Janeiro, ICHS/CPDA, Rio de Janeiro, 2005.

FIGUEIREDO, Marcos Antônio B.; LIMA, Jorge Roberto T. de. (Orgs.) *Agroecologia: conceitos e experiências*. Recife: Bagaço, 2006.

FRANÇA FILHO, Genauto C. de; DZIMIRA, S. Dádiva e economia solidária. In: MARTINS, P. H. & NUNES, B. F. *A nova ordem social: perspectiva da solidariedade contemporânea*. Brasília: Paralelo 15, 2004.

FUKUOKA, M. *Agricultura Natural*. São Paulo: Nobel, 1995.

GARCIA-PAR-PET, Marie France. A construção social de um mercado perfeito: o caso de Fontaines-en-sologne. ESTUDOS, SOCIEDADE E AGRICULTURA, Rio de Janeiro, n. 20, abr. 2003.

GLIESSMAN, S. R. Quantifying the agroecological component of sustainable agriculture: a goal. In: GLIESSMAN, S. R. (ed.). *Agroecology: researching the ecological basis for sustainable agriculture*. New York: Springer-Verlag, 1990.

GRANOVETTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. RAE-ELETRÔNICA - Fórum - Sociologia Econômica, v. 6, n. 1, Art. 5, jan./jun. 2007.

_____. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. In: MARTES, A, C. B. (Org.). *Redes e sociologia econômica*. São Paulo: EDUFSCAR. 2009

HECHT, S. B. A evolução do pensamento agroecológico. In: ALTIERI, M. A. (ed.). *Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989. p.25-41.

LAZZARINI, S. G. Estudos de caso para fins de pesquisa: aplicabilidade e limitações do método. In: FARINA, E. (Coord.). *Estudos de caso em agribusiness*. São Paulo: Pioneira, 1997.

LEFF, Enrique. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LÉVESQUE, Benoît. Contribuição da nova sociologia econômica para repensar a economia no sentido do desenvolvimento sustentável. In: MARTES, A. B., *Redes e sociologia econômica*. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

LIMA, J. R. T. L. (Org.). *Agroecologia e movimentos sociais*. Recife: Bagaço, 2011.

LOPES, Saulo Barbosa, Arranjos institucionais e a sustentabilidade de sistemas agroflorestais. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em desenvolvimento rural – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, agosto de 2001, p. 16.

MACEDO, J. R; CAPECHO, C.L; MELO, A. S. Recomendações de manejo e conservação de solo e água. Manual técnico 20. Programa Rio Rural. Niterói-RJ. 2009, p. 22. Disponível em <<http://www.pesagro.rj.gov.br/downloads/riorural>>. Acesso em abril 2010.

MACHADO, Nuno Miguel Cardoso. *Sociedade vs. mercado*: notas sobre o pensamento econômico de Karl Polanyi. 2009. 154 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Econômica e das Organizações) - Instituto Superior de Economia e Gestão, Lisboa, 2009.

MARIANO NETO, Belarmino. Abordagem territorial e enfoques agroecológicos no Agreste/Brejo paraibano:desenhos, arranjos e relações. Tese – Programa de Pós-Graduação em Sociologia -, Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. Campina Grande-PB, 2006.

MARTINE, G.; GARCIA, R. C. A modernização agrícola e a panela do povo. In:_____;_____. (Org.). *Os impactos sociais da modernização agrícola*. São Paulo: Caetes, 1987.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MOLLISON, B.; HOLMGREN, D. *Permacultura Um - uma agricultura permanente nas comunidades em geral*. São Paulo: Ground, 1983.

MONTEIRO FILHA, Maria José. *Ama Gravatá*: uma estratégia de agroecologia, educação ambiental e desenvolvimento local. Dissertação. (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) - Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2008.

NIEDERLE, Paulo André. Delimitando as fronteiras entre mercados convencionais e alternativos para a agricultura familiar. REVISTA EXTENSÃO RURAL, DEAER/PPGExR – CR – UFSM, ano XVI, n. 18, jul./dez. 2009.

PERNAMBUCO. Estatuto da Associação Terra Viva de Produtores Orgânicos. Chã Grande: 2002

PERNAMBUCO. Estatuto da Associação de Agricultores e Agricultoras Agroflorestais Terra & Vida. Abreu e Lima: 2009.

PERNAMBUCO. Estatuto da Associação AMA Terra dos Agricultores Agro-Ecológicos do Distrito de São Severino e seus Dintornos, Município de Gravatá. Gravatá: 1997.

PETERSEN, Paulo. (org.) *Agricultura familiar camponesa na construção do futuro*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

_____. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, *passim*.

PONTES, Ivone de Souza Pereira. *Concorrência e equilíbrio de mercado em Marshall e Walras*. 2004. 83 f. Dissertação (Mestrado em economia) – Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2004.

PRADO, Eleutério F. S. A ortodoxia neoclássica. ESTUDOS AVANÇADOS. São Paulo, v. 15, n. (41), Jan/Abr., 2001.

RANGEL, Georgina. *Respondiendo al conflicto*. Woodbroke Colleg, Birmingham: England, 1996.

RAUD-MATTEDI, Cecile. A construção social do mercado em Durkheim e Weber: análise do papel das instituições na sociologia econômica clássica. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, v. 20, n. 57, fev. 2005.

RIBEIRO, R. J.. Hobbes: o medo e a esperança. In: WEFFORT, F. C. (Org.). *Os clássicos da política: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau, "O Federalista"*. São Paulo: Ática, 2003.

ROBERTSON, Roland. *Globalização: teoria social e cultura global*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

ROSSETTI, José Paschoal. *Introdução à economia*. 20 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SABOURIN, Eric. A Ajuda Mútua Rural, entre Intercâmbio e Reciprocidade. In: 1º ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS. *Agricultura familiar e formas de organização do trabalho*. Niterói: UFF, 2006.

SABOURIN, Eric. Viabilidade e sustentabilidade da agricultura familiar brasileira: entre discursos e realidade. In: Semana de ensino, pesquisa e extensão do CH-UFPB, 2, 1998, Campina Grande. *Mesa redonda: viabilidade da agricultura familiar na Paraíba*. Campina Grande: UFPB, 1998.

SABIÁ, A experiência com comercialização agroecológica, SDS/PDA/PPG7 – Brasília:MMA, 2006.

SABOURIN, Eric. *Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade*. Rio de Janeiro: Garamond Ltda., 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). A globalização e as ciências sociais. In: SANTOS, B. S. *Os processos da globalização*. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, M. S. T.; CALLOU, A. B. F. (Orgs.). *Associativismo e Desenvolvimento Local*. Recife: Bagaço, 2006.

SOUZA, Joseilton Evangelista. *Agricultura florestal ou agrofloresta*. Recife: Centro Sabiá, 2007.

SERVA, Maurício; ANDION, Carolina. *O controle coletivo dos riscos ambientais na produção de alimentos: uma análise do sistema de certificação participativa na Rede Ecológica de Agroecologia*. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT05/mauricio_serva.pdf> Acesso em: 18 set. 2011.

SINGER, Paul. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER P. SOUZA A. R. (Org). A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Economia Contexto, 2000.

STACEY, Ralph. *A gestão do caos: estratégias e dinâmicas de negócios num mundo imprevisível*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1994.

STEINER, Philippe. *A sociologia econômica*. São Paulo: Atlas, 2006.

SWEDBERG, Richard. Sociologia econômica: hoje e amanhã. TEMPO SOCIAL. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 16, n. 2, nov. 2004.

SWEDBERG, Richard; SMELSER, Neil J. *The Handbook of Economic Sociology*. 2 ed. Princeton: University Press, 2005.

TEDESCO, João Carlos. A feira de produtos ecológicos de Passo fundo: processos e relações. In: TEDESCO, J. C. (Org). Agrodiversidade, agroecologia e agricultura familiar: velhas e novas faces de um processo de desenvolvimento na região de Passo Fundo – Pós anos 90. Passo Fundo: Ed. Universidade Federal de Passo Fundo; Porto Alegre: EST, 2006.

TERRAZZAN, Priscila; VALARINI Pedro José. Situação do mercado de produtos orgânicos e as formas de comercialização no Brasil. *Informações Econômicas*, São Paulo, v.39, n.11, nov. 2009. Disponível em: <<http://ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/publicacoes/ie/2009/tec3-1109.pdf>> Acesso em 16 fev. 2010.

VOGOT, Silmara Patrícia Cassol. *A construção social do mercado de alimentos: estudo de caso do programa de aquisição de alimentos na Região Ceileiro*. 2009. 170 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Centro Ciências Rurais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS. 2009.

WILKINSON, John; SOUZA, M. A. F. de. Mundos da produção de alimento: a competição no sistema agroalimentar pela lente da economia das convenções. In: – CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL-SOBER, XLVI, 2008. Rio de Janeiro. Apresentação Oral. Rio de Janeiro: Seropédica, 2008.

WILKINSON, John. A sociologia econômica, a teoria das convenções e o funcionamento dos mercados: *inputs* para analisar os micros e pequenos empreendimentos agroindustriais no Brasil. ENSAIOS FEE, Porto Alegre, v. 23, n. 2.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. *O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WESZ JUNIOR, Valdemar João. Agricultura familiar brasileira frente as transformações do sistema agroalimentar contemporâneo: a estratégia de verticalização da produção. *CADERNOS DE ECONOMIA - Curso de Ciências Econômicas – Unochapecó*, ano 12, n. 23, jul./dez. 2008.

WILLIAMSON, Oliver E. *Markets and Hierarchies*, The Free Press, New York. 1975.

WANDERLEY, Fernanda. Avanços e desafios da Nova Sociologia Econômica: notas sobre os estudos sociológicos do mercado: uma introdução. *SOCIEDADE E ESTADO*, 17(1), 2002.

WEBER, Weber. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora da UNB, 1991.

WEINTRAUB, E. Roy. Economia Neoclássica. *The concise encyclopedia of economics*. Online Edition, 2002. Disponível em: <www.econlib.org/LIBRARY/CCE.html>. Acesso em: 18 set. 2011.

APÊNDICE A - Caracterização socioambiental dos agricultores agroecológicos

- 1) Nome
- 2) Idade
- 3) Escolaridade
- 4) Estado civil
- 5) Quantos filhos você tem e qual a idade deles?
- 6) Onde você mora?
- 7) Você é dono dessa terra?
- 8) Quantos filhos moram com você?
- 9) Seus filhos trabalham com você?
- 10) O que você fazia antes de trabalhar com a agroecologia?
- 11) Como era a agricultura que você praticava antes da agroecologia?
- 12) De que forma você comercializava sua produção antes de trabalhar com a agroecologia?
- 13) Você está ligado a alguma associação ou sindicato de agricultores?
- 14) Quanto tempo faz?
- 15) O que você acha de estar ligado a esse grupo (Associação, ONG)?
- 16) Como você conheceu a agroecologia?
- 17) Há quanto tempo você trabalha com agroecologia?
- 18) Porque você passou a trabalhar com a agroecologia?
- 19) Quais as exigências da agroecologia para fazer agricultura?
- 20) Como faz para produzir alimentos baseado na agroecologia?
- 21) Você comercializa sua produção apenas na feira Espaço Agroecológico?
- 22) Como é essa comercialização na feira Espaço Agroecológico?
- 23) Você só trabalha com agricultura?

**APÊNDICE B – Questionário aplicado aos Consumidores do Espaço
Agroecológico das Graças-Recife**

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: ()M ()F

Estado Civil: () Solteiro/a () Viúvo/a () Nenhuma das Alternativas
() Casado/a () Desquitado/a

Endereço: _____
_____ Bairro _____

Escolaridade:

() Ensino Fundamental completo () Ensino Fundamental incompleto

() Ensino Médio completo () Ensino Médio incompleto

() Superior completo () Superior incompleto

() Nenhuma das Alternativas

Profissão:

Renda familiar: _____ Aproximadamente:

Há quanto tempo frequenta a feira? _____ Anos

Você conheceu a feira por meio de algum amigo ou família?

() Sim () Não Como:

Você já foi convidado a visitar esses agricultores em seus sítios e áreas de produção?

() Sim () Não

Você já visitou esses agricultores em seus sítios e áreas de produção?

() Sim () Não

Você mantém algum contato com os agricultores fora do espaço da feira? Que tipo?

Existe opção de compras de verduras e legumes próximas de sua casa? Se sim. Quais?

Existe diferença nos preços praticados aqui na feira e os de outros locais de venda?

Faz diferença comprar aqui ao invés de nos supermercados e mercados municipais? Se sim. Quais?

O que leva a você comprar os produtos da feira Espaço Agroecológico das Graças?

Que são alimentos agroecológicos?

APÊNDICE C - Tabela de Preços de Produtos Agroecológicos

Alimento			
Verduras e legumes	Medida	Menor Valor	Maior Valor
Abobrinha	Kg		R\$ 3,00
Acelga	Kg		R\$ 3,00
Agrião	Molho	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Alho Poró	Molho	R\$ 1,50	R\$ 2,00
Alface Americana	Unid	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Alface Crespa	Unid	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Alface Lisa	Unid	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Alface Roxa	Unid	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Arruda	Molho	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Aroeira	Molho	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Almeirão	Molho	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Batata Doce	kg		R\$ 2,00
Berinjela	kg		R\$ 2,00
Bertalha	Molho	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Bardana	Unid	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Beterraba	Kg		R\$ 2,00
Bredo	Molho	R\$ 1,00	R\$ 2,00
Brotos	Kg		R\$ 2,50
Brócolis	Molho	R\$ 1,50	R\$ 2,00
Cebola	Molho	R\$ 1,50	R\$ 2,00
Cebolinha	Molho	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Cenoura	Kg		R\$ 2,00
Chinguesai	Unid	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Chuchu	Unid	R\$ 0,30	R\$ 0,50
Coentro	Molho	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Couve - Flor	Kg		R\$ 4,00
Couve-Folha	Molho	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Capim Santo	Molho	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Ervilha	kg		R\$ 4,00
Espinafre	Molho	R\$ 1,50	R\$ 2,00
Gramma de Trigo	Molho	R\$ 2,00	R\$ 2,50
Hortelã	Molho	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Jambú	Molho	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Jiló	Kg		R\$ 2,50
Maxixe	Unid	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Manjerição	Molho	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Mostarda	Molho	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Nabo	Unid	R\$ 0,50	R\$ 1,00
PacChoi	Unid	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Pepino	kg		R\$ 2,00
Pepino Japonês	Kg		R\$ 3,00
Pimentão	Unid	R\$ 0,20	R\$ 0,50
Pimentão (Cor)	Unid	R\$ 0,50	R\$ 0,70
Pimenta Comum	Kg		R\$ 10,00
Pimenta de Cheiro	Kg		R\$ 12,00
Quiabo	15 unid		R\$ 1,00
Rabanete	Molho	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Repolho	Kg		R\$ 2,50

Repolho Roxo	Kg		R\$	3,50
Rúcula	Molho		R\$	1,50
Salsa	Molho		R\$	1,50
Tomate Comum	Kg		R\$	5,00
Tomate Cereja	Kg		R\$	4,00
Tomate Cajá	Kg		R\$	4,00
Taioba	Molho	R\$ 1,00	R\$	1,50
Vagem Comum	kg		R\$	4,00
Vagem Macarrão	kg		R\$	5,00
Fava Seca	kg		R\$	6,00
Fava Verde	kg		R\$	6,00
Feijão Azuqui	kg	R\$ 10,00	R\$	12,00
Feijão Branco	kg		R\$	6,00
Feijão Carioca	kg		R\$	6,00
Feijão Guandu	kg		R\$	6,00
Feijão Macassa	kg		R\$	6,00
Feijão Moiashi	kg		R\$	6,00
Feijão Mulatinho	kg		R\$	6,00
Suco de Açaí	250 ML	R\$ 1,30	R\$	1,50
Flores	Arranjo	R\$ 2,00	R\$	5,00
Flores	Ramalhete	R\$ 1,50	R\$	2,00
Feijão Preto	Kg		R\$	6,00
Feijão de Corda	kg		R\$	6,00
Feijão de Corda	Molho		R\$	2,00
Feijão de Porco	kg		R\$	4,00
Cará S. Tomé	kg		R\$	3,00
Inhame da Costa	kg		R\$	4,00
Macaxeira	kg		R\$	2,00
Batata de Chuchu	Kg	R\$ 1,50	R\$	2,00
Jerimum de Leite	Kg	R\$ 1,50	R\$	2,00
Jerimum Caboclo	Kg		R\$	3,00
Jerimum Jandaia	Kg	R\$ 0,50	R\$	1,00
Milho verde	Unid	R\$ 0,30	R\$	0,50
Frutas				
Azeitona (Jamelão)	Kg		R\$	2,00
Abacate	Unid	R\$ 0,25	R\$	0,50
Abacaxi	Unid	R\$ 2,00	R\$	2,50
Abiu	Unid	R\$ 0,08	R\$	0,15
Açaí	kg	R\$ 3,00	R\$	3,50
Acerola	Kg	R\$ 1,50	R\$	2,00
Araça	kg	R\$ 1,50	R\$	2,00
Amora	Kg	R\$ 6,00	R\$	7,00
Banana Anã	Unid	R\$ 0,15	R\$	0,20
Bananan Comprida	Unid	R\$ 0,30	R\$	0,50
Banana Maçã	Unid	R\$ 0,20	R\$	0,25
Banana Pacovã	Unid	R\$ 0,10	R\$	0,15
Banana pão	Unid	R\$ 0,15	R\$	0,20
Banana Prata	Unid	R\$ 0,10	R\$	0,15
Banana Roxa	Unid	R\$ 0,15	R\$	0,25
Cajá	kg	R\$ 1,50	R\$	2,50
Caju	Unid	R\$ 0,15	R\$	0,20
Carambola	Unid	R\$ 0,10	R\$	0,15

Ciriquela	kg		R\$	2,00
Coco Seco	Unid	R\$	1,00	R\$ 2,00
Coco Verde	Unid	R\$	1,30	R\$ 1,50
Fruta Pão	Unid	R\$	1,00	R\$ 2,00
Goiaba	Kg	R\$	1,50	R\$ 3,00
Graviola	Kg	R\$	3,00	R\$ 4,00
Sucos	250 ml	R\$	1,00	R\$ 1,50
Quabiraba	kg	R\$	2,50	R\$ 3,00
Ingá	Molho	R\$	2,50	R\$ 3,00
Jaboticaba	Kg	R\$	1,50	R\$ 2,00
Jaca dura	Unid	R\$	3,00	R\$ 8,00
Jaca Mole	Unid	R\$	2,00	R\$ 4,00
Jaca (bagos)	Saquinho	R\$	1,50	R\$ 2,00
Jambo	Dúzia	R\$	1,50	R\$ 2,00
Jambo Rosa	Saquinho	R\$	1,50	R\$ 2,00
Jenipapo	Unid	R\$	0,30	R\$ 0,50
Laranja Bahia	Unid	R\$	0,30	R\$ 0,50
Laranja Comum	Unid	R\$	0,15	R\$ 0,20
Laranja Cravo	Unid	R\$	0,10	R\$ 0,20
Laranja Pêra	Unid	R\$	0,10	R\$ 0,20
Laranja Mimo	Unid	R\$	0,20	R\$ 0,25
Laranja poça	Unid	R\$	0,20	R\$ 0,25
Limão siciliano	Unid	R\$	0,10	R\$ 0,12
Limão Taiti	Unid	R\$	0,10	R\$ 0,12
Limão Galego	Unid	R\$	0,10	R\$ 0,12
Mamão papaia (Havalí)	Kg			R\$ 2,00
Mamão Formosa	Kg			R\$ 2,00
Manga Espada	Unid	R\$	0,15	R\$ 0,25
Manga Rosa	Unid	R\$	0,30	R\$ 0,50
Manga Tommy	Unid	R\$	0,30	R\$ 0,50
Manga maranhão	Unid	R\$	0,30	R\$ 0,70
Maguito	Unid	R\$	0,10	R\$ 0,15
Maracujá	Unid	R\$	0,30	R\$ 0,50
Maracujá - açu	Unid	R\$	0,50	R\$ 0,70
Morango	Kg			R\$ 10,00
Pinha	Kg			R\$ 3,00
Pitanga	Kg			R\$ 1,50
Pitomba	Cacho	R\$	1,00	R\$ 1,50
Pupunha	Kg			R\$ 4,00
Romã	Unid	R\$	1,00	R\$ 1,50
Sapoti	Unid	R\$	0,15	R\$ 0,20
Sapota	Unid	R\$	0,20	R\$ 0,25
Melão	Kg			R\$ 1,50
Melancia	Kg			R\$ 2,00
Cana - de- Açucar	Roletes	R\$	1,50	R\$ 2,00
Beneficiados e de origem animal				
Mel (Abelha Africana)	1000 ml			R\$ 30,00
Mel (Abelha Africana)	500 ml			R\$ 15,00
Mel (Abelha Africana)	300 ml	R\$	5,00	R\$ 7,50
Mel (Abelha Africana)	200 ml	R\$	4,00	R\$ 7,00
Mel com favo	600 ml	R\$	5,00	R\$ 25,00
Mel com favo	600 ml	R\$	11,00	R\$ 18,00

Mel com favo	800 ml	R\$ 20,00	R\$ 30,00
Propomel	200 ml	R\$ 11,00	R\$ 15,00
Mel de Caju	1000 ml		R\$ 30,00
Mel de Caju	500 ml		R\$ 15,00
Pamel	150 ml	R\$ 12,00	R\$ 15,00
Apiasmim	150ml	R\$ 12,00	R\$ 15,00
Mel (Abelha Uruçu)	1000 ml	R\$ 110,00	R\$ 120,00
Mel (Abelha Uruçu)	500 ml	R\$ 50,00	R\$ 60,00
Extrato Própolis	25 ml	R\$ 6,00	R\$ 7,00
Pomada de Própolis	25 g	R\$ 6,00	R\$ 7,00
Pó de juá	20 ml	R\$ 1,00	R\$ 2,00
Polpa de açaí	kg		R\$ 12,00
Polpa de cajá	kg		R\$ 12,00
Polpa de acerola	kg		R\$ 12,00
Polpa de pitanga	kg		R\$ 12,00
Polpa de cacau	kg		R\$ 12,00
Polpa de graviola	kg		R\$ 12,00
Polpa de capim santo	kg		R\$ 12,00
Pasta de graviola	kg		R\$ 5,00
Tapioca	Unid	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Torta de soja	Unid	R\$ 1,50	R\$ 2,00
Beiju	Unid	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Biscoito de pupunha	Unid	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Bolacha de Gergelim	180 g	R\$ 2,00	R\$ 3,00
Bolo	Fatia	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Bolo de banana	kg		R\$ 10,00
Bredo beneficiado	250 g	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Bala de cacau	Unid	R\$ 0,10	R\$ 0,15
Banana frita	Saquinho	R\$ 1,50	R\$ 2,00
Mucuma preta	kg		R\$ 3,00
Cafezinho	180 ml	R\$ 0,50	R\$ 1,00
Coalhada	250 ml	R\$ 2,00	R\$ 2,50
Canjica	250 ml	R\$ 2,00	R\$ 2,50
Castanha de caju	kg		R\$ 20,00
Cocada	Unid	R\$ 0,25	R\$ 0,50
Coloral	Saquinho	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Doce de frutas	600 ml	R\$ 7,00	R\$ 8,00
Doce de frutas	350 ml	R\$ 5,00	R\$ 6,00
Doce de leite	300 ml	R\$ 4,00	R\$ 4,50
Farinha de mandioca	kg	R\$ 1,50	R\$ 2,50
Farinha de milho	kg	R\$ 4,00	R\$ 5,00
Galinha abatida	kg	R\$ 11,00	R\$ 15,00
Goma de mandioca	kg		R\$ 4,00
Massa de mandioca	kg		R\$ 4,00
Licor	1000 ml	R\$ 10,00	R\$ 12,00
Iorgute batido	250 ml	R\$ 2,50	R\$ 3,00
Iorgute natural	250 ml	R\$ 2,50	R\$ 3,00
Milho cozido	Unid	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Molho de pimenta	400 ml	R\$ 1,50	R\$ 2,00
Molho de pimenta	600 ml	R\$ 2,00	R\$ 3,00
Munguzá	250 g	R\$ 1,30	R\$ 1,50
Soja	250 g	R\$ 2,50	R\$ 3,00

Pamonha	Unid	R\$ 1,50	R\$ 2,50
Pão especial	kg		R\$ 11,00
Pão integral	kg		R\$ 10,00
Pãozinho cenoura	Unid	R\$ 1,50	R\$ 2,00
Pãozinho integral	Unid	R\$ 1,50	R\$ 2,00
Pãozinho jerimum	Unid	R\$ 1,50	R\$ 2,00
Pãozinho macaxeira	Unid	R\$ 1,50	R\$ 2,00
Pastel de jaca	Unid	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Pastel de ricota	Unid	R\$ 1,50	R\$ 2,00
Pastel integral	Unid	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Bolacha integral	100 g	R\$ 2,50	R\$ 3,00
Passa de abacaxi	250 g	R\$ 2,50	R\$ 3,00
Lambedor	200 ml	R\$ 5,00	R\$ 6,00
Massa de banana	250 g	R\$ 3,00	R\$ 3,50
Passa de carambola	500 g	R\$ 7,00	R\$ 8,00
Pé de moleque	Unid	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Queijo coalho	kg		R\$ 14,00
Queijo manteiga	kg		R\$ 18,00
Ricota (vaca)	kg		R\$ 15,00
Ricota cabra	kg		R\$ 15,00
Requeijão	250 g	R\$ 3,00	R\$ 3,50
Leite (vaca)	1 litro	R\$ 2,50	R\$ 3,00
Leite (cabra)	1 litro	R\$ 2,50	R\$ 3,00
Manteiga	kg		R\$ 15,00
Queijo de soja	kg	R\$ 12,00	R\$ 15,00
Maionese de soja	100 g	R\$ 2,50	R\$ 3,00
Quibe de soja	Unid	R\$ 1,50	R\$ 2,00
Taioba cozida	250g	R\$ 1,50	R\$ 2,00
Taioba(folhas)	Molho	R\$ 1,00	R\$ 1,50
Gergelim	kg	R\$ 20,00	R\$ 22,00
Queijo Minas	kg	R\$ 12,00	R\$ 14,00
Babaçu	Unid	R\$ 1,50	R\$ 2,00
Nabo	Molho	R\$ 1,50	R\$ 2,00
Gengibre	kg	R\$ 12,00	R\$ 15,00
Leucena	kg	R\$ 1,50	R\$ 2,00
Ovos	Duzia	R\$ 7,00	R\$ 8,00
Açúcar mascavo	Kg	R\$ 7,00	R\$ 7,50
Rapadura	Kg		R\$ 8,00
Mel de engenho	250 ml		R\$ 4,00
Mel de engenho	500 ml		R\$ 8,00